UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Carlos Alberto Reyes Maldonado

MARIA CÉLIA NEVES VANSOVSKI

CONTOS EM *BOOK TRAILER*: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM COM ESTUDANTES DO 9º ANO NA CIDADE DE ALTA FLORESTA-MT

Sinop-MT
2025

MARIA CÉLIA NEVES VANSOVSKI

CONTOS EM *BOOK TRAILER*: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM COM ESTUDANTES DO 9º ANO NA CIDADE DE ALTA FLORESTA-MT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS, rede nacional, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Sinop, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, na linha de atuação Estudos Literários.

Orientadora: Dra. Adriana Lins Precioso

Sinop-MT
2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

V279c Vansovski, Maria Célia Neves.
Contos em book trailer: uma experiência de aprendizagem com estudantes do 9º ano na cidade de Alta Floresta-MT / Maria Célia Neves Vansovski. - Cáceres, 2025.
230f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Letras/SNP-PROFLETRAS - Sinop - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Sinop.
Orientador: Dra. Adriana Lins Precioso.

1. Gênero textual conto. 2. Leitura e escrita. 3. Book trailer. 4. Escola Estadual Rui Barbosa. 5. Alta Floresta-MT. I. Precioso, Dra. Adriana Lins. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 82-32

MARIA CÉLIA NEVES VANSOVSKI

CONTOS EM *BOOK TRAILER*: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM COM ESTUDANTES DO 9º ANO NA CIDADE DE ALTA FLORESTA-MT

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, rede nacional, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, na linha de atuação Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
Presidente da Banca
UNEMAT – Câmpus Universitário de Sinop

_____

Profa. Dra. Shirlene Rohr de Souza
Avaliadora Interna
UNEMAT – Câmpus Universitário de Sinop

_____

Profa. Dra. Ana Cláudia Sevilha Martins Poleto
Avaliadora interna
UNEMAT – Câmpus Universitário de Sinop

Data da defesa: 25/04/2025

Local da defesa: via Google Meet

Dedico este trabalho aos meus filhos, Miguel Neves e Pedro Paulo, e ao meu esposo, Jolmar Felix.

Além disso, dedico, com profundo amor e saudade, à minha querida mãe, Edelci Neves de Oliveira (*in memoriam*), que sempre acreditou na educação como a chave para sobreviver neste mundo dominado pelo capital econômico.

AGRADECIMENTOS

Após anos de anseios por um mestrado que impulsionasse meu desenvolvimento profissional e pessoal, sinto-me profundamente gratificada. O curso proporcionou um estudo enriquecedor da literatura e da língua portuguesa, sob uma perspectiva acadêmica que eu desejava revisitar, especialmente após um longo intervalo desde minha graduação, em 1997.

Essa jornada foi marcada por intensos períodos de estudo e por desafios relacionados à conciliação entre o trabalho com as atividades acadêmicas. Contudo, os momentos de troca de conhecimentos, nos quais colaboramos mutuamente, permanecerão eternamente guardados em nossas memórias. Além do mais, as viagens de 314,6 km entre minha cidade e a instituição de ensino não apenas me permitiram o convívio com pessoas extraordinárias, mas também foram acompanhadas pelo apoio de pessoas especiais, que me incentivaram, ao longo da caminhada, a realizar um sonho.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, Pai Celestial, que sempre esteve ao meu lado, concedeu-me forças, sabedoria e proteção para enfrentar essa etapa da minha vida. Um grande Pai, que realizou meus sonhos e permaneceu comigo com sua proteção divina, bem como deu-me coragem para prosseguir nesta jornada.

Agradeço profundamente à minha orientadora, professora Adriana Lins Precioso, pela paciência durante as orientações. Sua dedicação e seu vasto conhecimento foram cruciais para o desenvolvimento desta pesquisa, inspirando-me a buscar a excelência acadêmica. O seu comprometimento com a educação e os saberes compartilhados foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional ao longo desta trajetória.

Registro, ainda, meus agradecimentos aos professores do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus de Sinop-MT: Adriana Lins, Leandra Seganfredo, Neusa Philippsen, José Leonildo Lima, Marta Helena Cocco e Ângela Rita Christofolo de Mello, bem como ao coordenador Genivaldo Sobrinho. Suas aulas e orientações foram verdadeiramente inspiradoras, e sou profundamente grata pela oportunidade de aprender com todos vocês.

Saliento que este trabalho é resultado de um esforço coletivo e da colaboração de mentes brilhantes que, sem dúvida, continuarão presentes em minha trajetória

acadêmica. Em especial, menciono a recepção calorosa da professora Leandra Seganfredo e ressalto a importância de sua sabedoria e paciência, que foram fundamentais para a concretização deste trabalho. Também agradeço aos funcionários da UNEMAT, sempre prontos a oferecer apoio.

À minha família, que foi meu alicerce desde o início. Dirijo um agradecimento especial à minha querida mãe, Edelci Neves de Oliveira: mulher negra, analfabeta e mãe solo de sete filhos, que enxergou na educação a chave para um futuro melhor. Apesar das dificuldades, ela lutou incansavelmente para que seus filhos estudassem. Foi essa oportunidade que me permitiu chegar à faculdade e, agora, ao mestrado. Agradeço por todo o apoio e por me mostrar o caminho do sucesso. Hoje, sinto profunda gratidão por sua dedicação e por todas as oportunidades que me proporcionou. Este é um momento de celebração, mas também de reflexão sobre o árduo caminho percorrido até aqui. Esta conquista não é apenas minha; é nossa. Trata-se de uma celebração da sua luta, da sua esperança e do seu amor. E, acima de tudo, é uma homenagem à sua história e à força que carrego comigo todos os dias.

Sou especialmente grata a você, Jolmar Félix, meu esposo, e aos meus filhos, Miguel Neves e Pedro Paulo, pelo apoio incondicional e pela compreensão diante dos desafios enfrentados, além do incentivo em minhas conquistas. Minha família me provou que é possível perseverar e alcançar o sucesso, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha querida amiga Hozinete, expresso minha sincera gratidão por ter aberto as portas de sua casa para me auxiliar nos trabalhos, sanar dúvidas e indicar os caminhos da escrita acadêmica. Agradeço, também, pelo apoio nos momentos mais desafiadores e pelas ricas discussões que tanto contribuíram para minha formação.

Aos amigos do curso, Edna, Heloísa, Claudia, Alessandra, Fernanda e Francis, meu agradecimento por tornarem essa jornada mais leve e significativa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela concessão da bolsa no período de maio de 2023 a fevereiro de 2025, que viabilizou a realização deste projeto.

Por fim, expresso minha sincera gratidão a todos os funcionários da Escola Estadual Rui Barbosa que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a concretização deste mestrado. Destaco, em particular, a ex-diretora Joeli Dupim e a coordenadora Meire Mazureki, cujo apoio foi fundamental, bem como as professoras

Heliz Marinna, Ellen Merlin e Marraiane, que prontamente colaboraram com meu trabalho. Agradeço, também, aos alunos do 9º ano “A”, pela disposição em participar do projeto e pelo envolvimento nas atividades desenvolvidas. Este trabalho é, portanto, um reflexo do esforço coletivo e do suporte incondicional de todos vocês.

Salmos 21[1]

[1]O rei se alegra em tua força, SENHOR; e na tua salvação grandemente se regozija.

[2]Cumpriste-lhe o desejo do seu coração, e não negaste as súplicas dos seus lábios (Selá.)

[3]Pois vais ao seu encontro com as bênçãos de bondade; pões na sua cabeça uma coroa de ouro fino.

[4]Vida te pediu, e lhe deste, mesmo longura de dias para sempre e eternamente.

[5]Grande é a sua glória pela tua salvação; glória e majestade puseste sobre ele.

[6]Pois o abençoaste para sempre; tu o enches de gozo com a tua face.

[7]Porque o rei confia no Senhor, e pela misericórdia do Altíssimo nunca vacilará.

[8]A tua mão alcançará todos os teus inimigos, a tua mão direita alcançará aqueles que te odeiam.

[9]Tu os farás como um forno de fogo no tempo da tua ira; o Senhor os devorará na sua indignação, e o fogo os consumirá.

[10]Seu fruto destruirás da terra, e a sua semente dentre os filhos dos homens.

[11]Porque intentaram o mal contra ti; maquinaram um ardil, mas não prevalecerão.

[12]Assim que tu lhes farás voltar as costas; e com tuas flechas postas nas cordas lhes apontarás ao rosto.

[13]Exalta-te, Senhor, na tua força; então cantaremos e louvaremos o teu poder.

---

[1] Passagem bíblica: Almeida Corrigida Fiel acf © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB). Todos os direitos reservados. Texto bíblico utilizado com autorização. A Missão da SBTB é uma cópia da Bíblia Fiel ® para cada pessoa.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal desenvolver as competências leitora e escritora dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, através da leitura e da produção de contos com temáticas diversas. Para isso, utilizamos a ferramenta *book trailer* como recurso pedagógico, visando enriquecer o repertório cultural e a comunicação dos estudantes da Escola Estadual Rui Barbosa, localizada em Alta Floresta-MT. Desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), campus de Sinop-MT, a investigação busca responder à seguinte questão: como a apropriação dos multiletramentos, na produção de *book trailer*, pode contribuir para o crescimento da aprendizagem dos alunos no desenvolvimento da leitura e da produção de contos no 9°ano? A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com vistas a compreender as ações dos estudantes em sala de aula, os processos envolvidos na leitura e na produção textual, bem como os desafios enfrentados por eles nesse contexto. Para embasar teoricamente a pesquisa e fornecer um arcabouço conceitual à análise dos dados coletados, recorremos a autores como Bakhtin (1992), Solé (1998), Soares (2001), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Marcuschi e Cosson (2009), Rojo (2009) e Thiollent (2011). Para a efetivação da investigação proposta, foram analisadas as seguintes narrativas: “Venha ver o pôr do sol” e “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles; “A cartomante”, de Machado de Assis; “O homem nu”, de Fernando Sabino, “Plebiscito”, de Artur Azevedo; e “O compadre e a morte”, de Luís da Câmara Cascudo. A fim de alcançar os objetivos estabelecidos, os discentes foram divididos em grupos para realizar a leitura dos textos selecionados e, em seguida, produzir seus próprios contos. Como produto final, elaboramos um book trailer, no qual foram utilizados recursos como imagens, música, efeitos visuais e narração. Tal estratégia teve como finalidade destacar os aspectos mais interessantes das produções textuais e despertar o interesse do público pela leitura dos contos. Os vídeos produzidos formaram uma obra digital, apresentada à comunidade escolar e compartilhada com os autores dos contos originais. De acordo com a preferência dos escritores, os materiais puderam ser divulgados em suas redes sociais, o que possibilitou aos educandos compartilharem suas produções, obterem reconhecimento e sentirem-se valorizados por suas conquistas.

Palavras-chave: Gênero textual conto; leitura e escrita; *book trailer;* Escola Estadual Rui Barbosa; Alta Floresta-MT.

ABSTRACT

This research aims to develop the reading and writing skills of 9th-grade students in the second cycle of elementary school, through the reading and production of short stories on diversified themes. To achieve this, the book trailer tool as a pedagogical resource was used, intending to enrich the cultural catalogue and communication of students from Rui Barbosa State School, located in Alta Floresta, MT. Developed within the scope of the Professional Master's in Language (PROFLETRAS) at the State University of Mato Grosso (Unemat), Sinop campus, this study seeks to answer the following question: How can the appropriation of multiliteracies, through the production of book trailers, contribute to the growth of student learning in the development of reading and short story writing in the 9th grade? The adopted methodology is qualitative, aiming to understand students' actions in the classroom, the processes involved in reading and text production, as well as the challenges they face in this context. To theoretically support the research and provide a conceptual framework for the analysis of the collected data, authors such as Bakhtin (1992), Solé (1998), Soares (2001), Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004), Marcuschi and Cosson (2009), Rojo (2009), and Thiollent (2011) were consulted. For the implementation of the proposed research, the following narratives were analyzed: “Venha ver o pôr do sol” and “As formigas” by Lygia Fagundes Telles; “A cartomante” by Machado de Assis; “O homem nu” by Fernando Sabino; “Plebiscito” by Artur Azevedo; and “O compadre e a morte” by Luís da Câmara Cascudo. To achieve the established objectives, students were divided into groups to read the selected texts and then produce their own short stories. As a final product, a book trailer was created, incorporating resources such as images, music, visual effects, and narration. This strategy aimed to highlight the most interesting aspects of the written works and to spark the audience's interest in reading the short stories. The videos produced formed a digital work, presented to the school community and shared with the authors of the original short stories. According to the writers' preferences, the materials were shared on their social media platforms, allowing students to share their works, gain recognition, and feel valued for their achievements.

Keywords: Short story genre; reading and writing; book trailer; Rui Barbosa State School; Alta Floresta-MT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da sequência didática 42
Figura 2 - Escola Estadual Rui Barbosa 61
Figura 3 - Indicador de qualidade do ano de 2023 61
Figura 4 - Índice em alerta da disciplina de Língua Portuguesa 62
Figura 5 - Taxa de participação 63
Figura 6 - Padrão de desempenho 64
Figura 7 - Habilidade em destaque 66
Figura 8 - Texto de aluno, novo final 79
Figura 9 - Produção inicial 80
Figura 10 - Produção inicial do grupo de estudante 83
Figura 11 - Alunos fazendo leitura do texto 89
Figura 12 - Leitura do conto “Venha ver o pôr do sol” 98
Figura 13 - Produção de textos 109
Figura 14 - Texto “O terror das profundezas” 120
Figura 15 - Texto “Aventura dos quatro amigos (trecho)” 125
Figura 16 - Primeira pista 126
Figura 17 - Segunda pista 126
Figura 18 - Terceira pista 127
Figura 19 - Quarta pista 127
Figura 20 - Desfecho do trecho 128
Figura 21 - Resumo da narrativa 129
Figura 22 - Trecho do texto “Acampamento Escolar” 131
Figura 23 - Conflito do texto “Acampamento Escolar 133
Figura 24 - Trecho do texto “Acampamento Escolar” 134
Figura 25 - Trecho do texto “Acampamento Escolar” 135
Figura 26 - Capas dos contos de suspense 137
Figura 27 - Sala decorada pelos alunos 223
Figura 28 - Exposição do projeto 223
Figura 29 - Explanação do projeto para a comunidade escolar 224
Figura 30 - Apresentação à comunidade escolar 225

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVALIA-MT	Sistema de Avaliação Educacional de Mato Grosso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SD	Sequência Didática
SEDUC-MT	Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 19
2.1 A importância da leitura na formação da sociedade 20
2.2 Descobrindo a literatura brasileira através da arte dos contos 23
2.3 Diferenças entre linguagem oral e escrita como fonte de dificuldade na aprendizagem 26
2.4 A essência intemporal do conto: um gênero ancestral 36
3 A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA 39
3.1 Seleção e avaliação dos contos produzidos: critérios e produto educacional 44
3.2 Autores da literatura brasileira e contos para sequência didática 48
3.2.1 Machado de Assis 49
3.2.2 Lygia Fagundes Telles 51
3.2.3 Fernando Sabino 53
3.2.4 Luís da Câmara Cascudo 54
3.2.5 Artur Azevedo 56
4 METODOLOGIA: DA PESQUISA À SEQUÊNCIA DIDÁTICA 58
4.1 A escola e os sujeitos da pesquisa 60
4.1.1 Evolução da participação e do desempenho no IDEB e no AVALIA-MT: análise dos últimos três anos na EE Rui Barbosa 61
4.2 Desenvolvendo Habilidades de Leitura e Produção Textual na sequência didática 66
5 MÓDULOS DE ENSINO – A SEQUÊNCIA DIDÁTICA 70
5.1 Antes da leitura 72
5.2 Durante a leitura 73
5.3 Depois da leitura 74
5.4 Apresentação do projeto aos alunos 75
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, DADOS E ANÁLISE 78
6.1 Módulo 1: Leitura e análise do conto “Plebiscito” para criação de novo final 78
6.2 Módulo 2: Primeira produção de texto 80
6.3 Módulo 3: Leitura do texto “A Cartomante”, de Machado de Assis 84
6.4 Módulo 4: Leitura do texto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles 92
6.5 Módulo 5: Leitura do texto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles 100

6.6 Módulo 6: Leitura do texto “O homem nu”, de Fernando Sabino 103
6.7 Módulo 7: Leitura do texto “O compadre e a morte”, de Luís da Câmara Cascudo 105
6.8 Módulo 8: Produção e reescrita textual 108
6.9 Módulo 9: Produção e reescrita textual 110
6.10 Módulo 10: Produção de texto final 110
6.11 Módulo 10: Produção de texto final com o uso de mídias digitais 111
6.12 Módulo 11: Produção de *book trailers* 112
7 ANÁLISE DA PRODUÇÃO FINAL DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 118
7.1 Produção final e produto educacional em *book trailer* 136
7.2 Exposição da pesquisa: um produto educacional para a comunidade escolar 222
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 226
REFERÊNCIAS 228

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são procedimentos fundamentais em sala de aula, indispensáveis para a mediação do professor em todas as disciplinas, além de essenciais nas atividades de Língua Portuguesa. O domínio dessas habilidades é o que distingue uma pessoa alfabetizada de uma não alfabetizada, processo de aprendizado que se consolida, principalmente, no ambiente escolar.

Essas competências educacionais preparam os estudantes para os desafios futuros, especialmente no âmbito educacional. A promoção da leitura e da escrita é, portanto, de suma importância para o compartilhamento de ideias e informações, pois desenvolve a capacidade de raciocínio e a criatividade. Além disso, proporciona aos alunos o desenvolvimento do pensamento crítico.

Com o intuito de auxiliá-los na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura e da produção textual, utilizamos a literatura por meio do gênero conto. A escolha por essa modalidade textual visa recompor a aprendizagem e suprir uma das competências deficitárias identificadas nas avaliações externas. Tais avaliações exigem que as escolas demonstrem avanços em Língua Portuguesa e atribuem à disciplina a responsabilidade pelos resultados obtidos pelos discentes.

Um exemplo disso é o Sistema de Avaliação Educacional de Mato Grosso (Avalia-MT). Sistema amplamente utilizado como instrumento de monitoramento do progresso e da taxa de participação dos educandos, além de registrar o nível de aprendizado e oferecer um diagnóstico da educação básica no Estado de Mato Grosso ao longo do ano letivo.

De acordo com os resultados do ano de 2023, obtidos por meio da plataforma do Sistema de Avaliação de Mato Grosso (Avalia-MT), observamos que uma das habilidades nas quais os estudantes da Escola Estadual Rui Barbosa apresentaram desempenho insatisfatório, e que demanda aprimoramento, é a competência H10 (D10), a qual envolve a capacidade de identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constituem a narrativa. Os dados indicam que apenas 39% dos alunos do 9º ano alcançaram esse objetivo, aspecto que evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas direcionadas ao seu fortalecimento.

Ao pensar em possíveis soluções para sanar as dificuldades dos discentes, destacamos um gênero textual que pode ser utilizado para essa finalidade: o conto. Isso se deve ao fato de que a identificação do conflito gerador do enredo e dos

elementos que constroem a narrativa está claramente estruturada nesse gênero textual. Por serem textos curtos, os contos demonstram de forma objetiva a conexão entre os elementos narrativos.

Com início, meio e fim bem estruturados, esse gênero apresenta um conflito central que, em geral, é facilmente identificado pelos leitores. Além disso, o conto expõe uma extensa gama de temas, estilos e abordagens, bem como oferece diversos exemplos de como desenvolver personagens, cenários e enredos, além de resolver conflitos e construir desfechos. Dessa forma, contribui para a compreensão de como cada elemento narrativo atua na construção da história.

Nesse contexto, este estudo intenta delinear estratégias para promover a criação de conhecimento, incentivar tanto a leitura quanto a produção de contos e, consequentemente, fomentar a independência na escrita. De acordo com os dados disponíveis no site QEdu, o estado de Mato Grosso apresenta um índice de apenas 35% de aprendizado em leitura para o 9º ano, percentual significativamente inferior à média nacional, que se situa em torno de 40% (INEP, 2023). Tal discrepância evidencia uma deficiência no desempenho dos estudantes mato-grossenses nessa habilidade, o que indica a necessidade de intervenções pedagógicas voltadas à melhoria da aprendizagem nessa área.

Com o intuito de promover a compreensão literária, despertar o interesse pela literatura, incentivar a análise crítica de contos e desenvolver habilidades e competências linguísticas, esta investigação também visa reduzir os resultados negativos observados em avaliações externas relacionadas à leitura e à escrita. Para esse fim, realizamos a leitura de diversos contos com temáticas variadas, como: “Venha ver o pôr do sol” e “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles; “A cartomante”, de Machado de Assis; “O homem nu”, de Fernando Sabino; “O compadre da morte”, de Luís da Câmara Cascudo; e “Plebiscito” de Artur Azevedo.

A diversidade de temas abordados nesses contos, morte, traição, amor, humor, ironia, medo e as complexidades das relações humanas, demonstra o poder da literatura de se conectar com um público variado. Os autores, ao explorarem esses temas universais, aliam-nos a uma crítica social incisiva e questionam os valores da sociedade contemporânea e as relações de poder.

Além disso, a capacidade de abordar temas complexos de forma concisa e envolvente, aliada à qualidade da escrita, explica por que as pessoas são tão apaixonadas por boas histórias. Seja em romances, narrativas de terror ou suspense,

o que o público busca são histórias que provoquem reflexão e emoção. Essa conexão emocional, evidenciada pelo sucesso de filmes, séries e livros, demonstra o quanto as pessoas valorizam narrativas que as tocam e as fazem pensar. Nesse sentido, a estrutura enxuta dos contos permite aos autores explorarem temas complexos de maneira direta e envolvente, além de capturarem a atenção do leitor desde as primeiras linhas.

Outro aspecto a ser considerado quanto ao interesse humano por narrativas é a preocupação em registrar sua presença no mundo através da produção de histórias. Exemplos disso são as epopeias, alguns dos livros mais antigos da humanidade, os quais relatam ações gloriosas do homem e provocam admiração, por narrarem os feitos de determinados povos. Além delas, há os contos clássicos como “Cinderela” e “Chapeuzinho Vermelho”, que ultrapassam tempo e espaço e permanecem vivos na cultura popular por gerações.

> Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal (Candido, 1999, p. 80).

Candido (1999) argumenta que a literatura desempenha um papel essencial na vida do ser humano, pois responde a uma necessidade intrínseca de ficção e fantasia. Tal necessidade se manifesta diariamente, seja por meio de novelas, músicas ou devaneios sobre o amor, a vida e o futuro. Trata-se de uma característica universal, presente em todas as culturas ou fases da vida; da infância à vida adulta, em sociedades primitivas ou civilizadas, entre pessoas instruídas ou analfabetas.

Desse modo, ao conhecerem outros contextos e experiências emocionais e intelectuais diferentes das suas, os leitores passam a construir sua identidade individual e coletiva. Tal fato ocorre porque a literatura permite compreender os limites da criatividade, além de satisfazer a imaginação e as emoções humanas. Por meio das histórias contadas, dos personagens criados e dos mundos imaginários analisados, os leitores podem refletir sobre suas próprias vivências, valores e crenças,

e encontrar incentivo para encarar os obstáculos da vida como uma resposta a essa necessidade universal.

Nesse âmbito, a literatura não apenas proporciona entretenimento e prazer estético, como também contribui para uma melhor compreensão de nós mesmos e dos outros. Ela amplia nossos horizontes e desenvolve nossa empatia e compreensão das diferenças. Trata-se, portanto, de uma ferramenta poderosa para o crescimento pessoal e para a transformação social.

O conto, enquanto gênero literário, aborda diversos temas e personagens e funciona como uma ferramenta capaz de despertar emoções e sentimentos. Ele permite ao estudante compreender a arte da escrita em prosa, especialmente por intermédio dos textos selecionados para este trabalho, todos de autores renomados da literatura brasileira. Dessa forma, além de proporcionar uma leitura prazerosa e envolvente, os contos aproximam os alunos da riqueza da nossa produção literária, de modo a contribuir para o conhecimento e a apreciação da literatura brasileira.

As leituras dos contos analisados nesta pesquisa têm como objetivo inspirar os discentes a desenvolverem suas próprias narrativas, bem como evidenciam a vasta diversidade de histórias presentes na literatura de contos. Essa abordagem também permite explorar temas de maneira concisa e reflexiva, além de destacar a natureza envolvente do gênero, tanto na escrita quanto na interpretação.

O procedimento metodológico para essa atividade envolve uma organização específica. A turma foi dividida em pequenos grupos de três estudantes, e cada grupo escolheu um conto da lista proposta. Tal estratégia favorece a autonomia, o poder de escolha e o trabalho coletivo, elementos basilares para qualquer tipo de atividade, seja no ambiente escolar ou na formação de cidadãos ativos na sociedade.

Salientamos que, para estimular a leitura de contos, a primeira atividade proposta foi a leitura do conto “Plebiscito”, de Artur Azevedo. Durante a leitura, os educandos anotaram suas impressões, dúvidas e pontos de interesse. Em seguida, realizamos uma análise dos personagens, do cenário, do enredo, do conflito e do desfecho. Por fim, os alunos foram incentivados a criar um final alternativo para o conto, de modo a promover a criatividade e a expressão escrita.

A avaliação considerou a participação nas discussões, tanto em grupo quanto de forma individual, além da originalidade e da coerência dos finais propostos. A atividade buscou incentivar a leitura de contos e estimular a escrita criativa, sobretudo

diante do desafio observado em relação à leitura por parte de alguns discentes da unidade escolar.

Para analisar esse contexto de leitura e escrita, é essencial compreendermos os processos cognitivos e sociais envolvidos na aquisição e no desenvolvimento dessas habilidades. A leitura, entendida como prática de decodificação e interpretação de textos, e a escrita, como expressão de pensamentos e ideias, são interdependentes e desempenham um papel crucial na formação do indivíduo.

Dessa maneira, esta pesquisa explora as teorias que sustentam a relação entre leitura e escrita, além de destacar suas implicações pedagógicas e a necessidade de abordagens integradas que promovam a formação de leitores e escritores competentes e conscientes. A fundamentação teórica, portanto, embasa os objetivos deste estudo, bem como proporciona um diálogo crítico com as teorias vigentes, de modo a ampliar as perspectivas sobre o tema em análise.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura é vista pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um elemento central na educação básica, pois compreende o eixo que permite o desenvolvimento de diversas competências nos educandos. Entre essas competências, destacam-se a interpretação de textos, a análise crítica de informações e o desenvolvimento do pensamento crítico e engajado (Brasil, 2018).

Nesse âmbito, o objetivo principal desta pesquisa é desenvolver as competências leitora e escritora dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, através da leitura e da produção de contos com temáticas diversas. Para isso, utilizamos a ferramenta *book trailer* como recurso pedagógico, visando enriquecer o repertório cultural e a comunicação dos estudantes da Escola Estadual Rui Barbosa, localizada em Alta Floresta-MT.

Para incentivar a leitura, selecionamos os seguintes textos para esta pesquisa: “Venha ver o pôr do sol” e “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles; “A cartomante”, de Machado de Assis; “O homem nu”, de Fernando Sabino; “Plebiscito”, de Artur Azevedo; e “O compadre e a morte”, de Luís da Câmara Cascudo. Quanto ao arcabouço teórico que sustenta esta investigação, destacamos os autores: Bakhtin (1992), Cosson (2009), Freire (1989), Kleiman (2002) e Silva (2005), que discorrem sobre a importância da leitura no processo de formação crítica e reflexiva dos discentes.

Em relação ao gênero conto, embasamo-nos nas teorias de Cortázar (1993), Gotlib (1995), Azevedo (2004) e Oliveira (2010). Essa fundamentação apoia-se em uma abordagem literária sustentada por Candido (1999), que defende a relevância da literatura na formação humana.

Como produto final, propomos a criação de um *book trailer,* com o intuito de integrar as mídias digitais ao ensino e, ao mesmo tempo, trazer para sala de aula a multimodalidade, conforme defendido por Rojo e Moura (2012). No que tange à metodologia adotada, seguimos a sequência didática elaborada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para a produção de textos, além de utilizarmos as estratégias de leitura sugeridas por Isabel Solé (2014).

Dessa forma, promovemos um ambiente de aprendizagem que valoriza a leitura e a escrita, permitindo que os estudantes não apenas consumam conteúdos, mas também os criem. Isso contribui para o desenvolvimento de habilidades basilares

à comunicação efetiva na era digital. Além de engajar os alunos, a proposta os desafia a sintetizar suas interpretações e reflexões sobre as obras lidas, de modo a integrar elementos visuais e textuais, que enriquecem a experiência literária e ampliam seu repertório cultural.

2.1 A importância da leitura na formação da sociedade

A leitura é o eixo fundamental sobre o qual se constrói a sociedade. Os registros escritos, presentes desde os primórdios da civilização, proporcionam uma abertura para o passado e revelam como nossos antepassados viviam, pensavam e interagiam com o mundo. Através da leitura desses registros, os pesquisadores desvendam os mistérios do passado e constroem nosso conhecimento sobre a história.

Além de ser fundamental para a formação dos pesquisadores, a leitura constitui um eixo central na definição das competências da educação básica, conforme estabelecido na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Dessa maneira, ela proporciona aos estudantes o desenvolvimento de habilidades como interpretação, análise e pensamento crítico, fundamentais para a vida acadêmica e profissional.

Por esse motivo, é relevante que a leitura seja incentivada desde a infância, especialmente no ambiente escolar, a fim de que as novas gerações se tornem cidadãos mais críticos e engajados. A leitura, quando praticada de forma contínua, permite que ideias se concretizem e ganhem significado, além de se apresentar como uma atividade intrinsecamente ligada à nossa essência. Ela influencia a maneira como pensamos, interagimos e nos relacionamos com os outros.

Em um mundo repleto de tecnologia e informações, a leitura se destaca como uma ferramenta indispensável para a formação do conhecimento e para o desenvolvimento da consciência crítica de cada pessoa. Todavia, o domínio dessa ação depende de um processo de aperfeiçoamento contínuo, que ocorre por meio do contato com diferentes gêneros textuais. Tais gêneros têm o poder de ampliar o repertório do aluno, enriquecer sua jornada de aprendizado, permitir o desenvolvimento constante de habilidades e auxiliar na interpretação e na análise de textos.

Outro benefício oferecido pela leitura é que, ao ler um novo material, o leitor constrói seu conhecimento com base naquilo que já conhece. Isso lhe permite realizar

uma análise crítica mais refinada, fato que resulta no aperfeiçoamento contínuo não apenas do conhecimento, mas também das capacidades interpretativas e analíticas.

Nesse contexto, Paulo Freire (1989) expõe que, para compreendermos verdadeiramente as leituras que realizamos, é necessário termos conhecimento e interagirmos com o mundo que nos cerca. Além do mais, é preciso considerar as experiências existenciais e os contextos vivenciados por cada indivíduo. A partir dessa perspectiva, a compreensão do que se lê se torna possível, visto que linguagem e realidade se articulam de forma dinâmica. Essa relação nos convida a refletir sobre o vínculo profundo entre nossas experiências de vida e nossa capacidade de compreender os textos.

Freire (1989, p. 9) esclarece que:

> a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Para o autor, a leitura não se limita às palavras escritas em um livro. Ela começa muito antes, nas nossas experiências, sentidos, valores e emoções, os quais moldam a forma como compreendemos o mundo e, consequentemente, como interpretamos os textos. A linguagem não é um mero conjunto de signos; ao contrário, ela reflete nossa realidade social, cultural e histórica. Dessa forma, as palavras que utilizamos carregam em si as marcas das nossas vivências e dos contextos nos quais estamos inseridos.

Para Smith (1989), a habilidade de leitura vai além do simples ato de decodificar símbolos visuais, letras e palavras. À medida que uma pessoa obtém mais fluência na leitura, ela começa a depender menos da visão, o que está impresso na página, e mais de seus conhecimentos prévios, de suas experiências e da familiaridade com o contexto do texto. Para o pesquisador,

> [...] a habilidade na leitura, na verdade, depende o mínimo possível do uso dos olhos e, à medida que nos tornamos leitores fluentes aprendemos a confiar naquilo que já conhecemos, naquilo que está além dos olhos e, cada vez menos, no que está impresso na página diante de nós (Smith, 1989, p. 9).

O processo de leitura, desse modo, envolve não apenas os olhos, mas também a mente e a memória. À medida que a fluência aumenta, a dependência do conteúdo

impresso diante de nós diminui, enquanto a segurança no que se conhece aumenta. Isso ocorre porque o leitor utiliza suas capacidades cognitivas, como o reconhecimento de padrões, a antecipação e a inferência, para compreender o texto de forma mais efetiva, sem a necessidade de concentração excessiva nos detalhes aparentes.

De acordo com a BNCC, documento que define as aprendizagens, competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos brasileiros ao longo da educação básica, a leitura não se limita à decodificação de palavras (Brasil, 2018). Por conseguinte, para que haja uma verdadeira compreensão textual, é fundamental que o leitor estabeleça uma relação dinâmica com o texto.

Essa interação ativa envolve a mobilização de conhecimentos prévios, a construção de inferências e a participação do leitor na construção de significados. Seja em textos escritos, orais ou multissemióticos, o leitor não é um mero receptor passivo, mas um ser participante ativo nesse processo. Tal fato ocorre porque ele traz consigo seu repertório, constituído por experiências, conhecimentos e contextos, os quais influenciam diretamente a forma como interpreta o texto e atribui sentidos a ele.

Na BNCC,

> o Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos (Brasil, 2018, p. 73).

Nos textos multissemióticos, que integram diferentes linguagens, como a visual, a sonora e a verbal, a interpretação se torna ainda mais dinâmica. O leitor/ouvinte/espectador precisa articular os diferentes signos que compõem a mensagem (emissor, mensagem e receptor). Nessa perspectiva, a interpretação passa a ser um processo contínuo, que envolve tanto a interpretação de uma mensagem quanto a criação de significados com base na interação com o texto e com seus diferentes modos de apresentação.

Portanto, a interação dinâmica com o texto e seus diferentes modos de apresentação são essenciais para a construção de sentidos. Dessa maneira, a interpretação de textos multissemióticos é influenciada pelo contexto cultural e social do receptor. Ou seja, para que se compreenda efetivamente o que se lê, é necessário

considerar os conhecimentos prévios, as experiências e os valores pessoais que moldam a forma como cada indivíduo atribui significados à leitura.

2.2 Descobrindo a literatura brasileira através da arte dos contos

A literatura brasileira possui uma infinidade de histórias, personagens e cenários que representam a variedade cultural, social e histórica do país. Uma dessas formas de expressão é o conto, o qual apresenta uma narrativa curta, com desenvolvimento rápido e objetivo. Por meio dele, são contadas histórias de diferentes épocas e regiões do Brasil.

Ao fomentar a leitura de contos pertencentes à literatura brasileira, é possível conectar o aluno à trajetória dos personagens que vivenciaram determinados fatos. Desse modo, expandem-se os horizontes literários dos discentes. Nos contos selecionados para este estudo, observamos a presença da ironia, da crítica social e da manipulação psicológica dos personagens em “A cartomante”, de Machado de Assis. Percebemos também o humor leve e irônico em “O homem nu”, de Fernando Sabino; bem como as reflexões sobre a vida, a morte e a moralidade em “O compadre e a morte”, de Luís da Câmara Cascudo. Em “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, evidenciam-se temas como a vingança e o ressentimento, enquanto o conto “As formigas”, da mesma autora, aborda o medo. Por fim, em “Plebiscito”, de Artur Azevedo, notamos uma crítica social direcionada aos costumes e à moralidade da sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX.

De acordo com Rildo Cosson (2009), é fundamental adotar uma prática de leitura organizada de maneira sequencial e gradual. Essa proposta consiste em iniciar com contos curtos e de linguagem mais acessível, para, em seguida, avançar progressivamente para narrativas mais extensas e complexas. Tal abordagem tem como objetivo promover o desenvolvimento da competência leitora de forma consistente e adaptada ao ritmo dos estudantes e garantir uma evolução sólida e efetiva no processo de compreensão e interpretação textual.

O pesquisador acrescenta que

> [...] a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno

> já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura (Cosson, 2009, p. 35).

Diante do exposto por Cosson (2009), compreendemos que o leitor não nasce pronto, e saber decodificar palavras não transforma, por si só, o indivíduo em um leitor maduro. O domínio da competência leitora não assegura, automaticamente, a maturidade leitora, a qual se constitui como um processo contínuo de aprendizado e desenvolvimento. Nesse sentido, torna-se necessário oferecer aos leitores textos cada vez mais complexos, com o intuito de estimular o crescimento intelectual e a ampliação de seus horizontes interpretativos. Portanto, o papel do professor é atuar como mediador nesse processo. Para isso, o docente deve partir dos conhecimentos prévios dos discentes a fim de introduzir novos conceitos e gêneros textuais.

O conto é um gênero literário que explora diferentes temas e personagens. Nesse âmbito, Gancho (1991, p. 6) o define como:

> uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo.

O gênero conto, dessa forma, é visto como uma narrativa que apresenta características específicas a serem observadas e analisadas durante a produção textual. Entre esses elementos, destacam-se o conflito, o tempo, o espaço e os personagens. Apesar de ser um gênero literário centenário, muitos autores e leitores apreciam obras contemporâneas. Assim, a literatura, ao longo do tempo, diversificou suas formas de narrar, de modo a manter sua relevância conforme as mudanças culturais e estéticas.

A esse respeito, Bakhtin (2003, p. 360-361) aduz:

> a literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, por assim dizer, passando por cima da cultura. Esses fatores agem sobre a cultura no seu todo e só através dela e juntamente com ela influenciam a literatura.

Desse modo, a literatura dialoga com a realidade, propicia expressão aos movimentos sociais, políticos, econômicos e culturais de uma determinada época (Bakhtin, 2003). Logo, ela confere voz e representação às experimentações e aos sentimentos da sociedade em que está inserida.

Encontramos extensos exemplos dessa característica nos poemas de Gregório de Matos (1636-1696), marcados por reflexões sobre injustiças e desigualdades presentes na sociedade da época. Da mesma forma, Castro Alves (1847-1871), outro grande poeta de seu tempo, fez de sua obra um mecanismo contra a opressão e a injustiça social. Enquanto Aluísio Azevedo (1857-1913), autor do livro *O cortiço* (1890), abordou as desigualdades sociais e a luta pela sobrevivência em um ambiente marcado pela miséria e pela exploração, a partir das influências do meio ambiente.

Essa e outras obras literárias abordam questões sociais de forma crítica e reveladora. Elas promovem reflexões sobre as injustiças e as desigualdades presentes na sociedade brasileira em diferentes contextos históricos, bem como demonstram que a literatura é parte inseparável da cultura.

Nesse contexto, é essencial entender a literatura como parte integrante da sociedade em que se insere, sem desconsiderar a complexidade e a liberdade que a caracterizam. A literatura pode ser vista como uma imitação da sociedade, como propõe Aristóteles, mas também como uma forma de resistência e de transformação. Ela é capaz de interrogar e transformar as organizações existentes, além de abrir novos horizontes de compreensão e reflexão. Por isso, é inaceitável separá-la do restante da cultura. É preciso observá-la de forma ampla e contextualizada, de maneira a reconhecer sua importância e seu impacto no mundo em que vivemos.

A literatura é, portanto, uma forma de conhecimento por si só. Sua riqueza e profundidade vão muito além de uma simples reflexão dos fatores externos que a envolvem. Sob essa perspectiva, a leitura do gênero textual conto proporciona entretenimento aos leitores por meio do envolvimento com as temáticas narradas, como suspense, romance, mistério ou humor, cativa sua atenção e proporciona uma experiência agradável, que contribui para manter o interesse na história. Isso ocorre porque o leitor se sente envolvido com os personagens da narrativa, pois o conto oferece experiências emocionais e aborda assuntos universais, como o amor, a morte, a amizade, a solidão e a justiça.

Para tanto, as produções de textos desse gênero tiveram como propósito a exploração de temas e ideias, bem como a análise mais aprofundada dos elementos

literários, como a narrativa, a estrutura, as características e o estilo de escrita. Além disso, visaram ao desenvolvimento da imaginação e da criatividade dos educandos.

O conto, frequentemente, apresenta situações criativas, personagens fantásticos ou mundos fictícios. Dessa forma, estimula a imaginação e contribui para o desenvolvimento da criatividade, ao mesmo tempo em que transporta o leitor para universos diferentes, transmite valores e propõe ensinamentos sobre o comportamento humano. Nesse sentido, ao se dedicar à escrita de um conto, o escritor deve estar ciente de que sua narrativa obedece a uma estrutura específica.

No ambiente acadêmico, o *book trailer* é uma ferramenta digital composta por produções audiovisuais de curta duração. É utilizada por autores para divulgar suas obras e estabelecer uma estratégia de comunicação eficaz com seu público-alvo, por meio das suas narrativas. Ao propor a sequência didática com a criação do *book trailer* para os contos produzidos pelos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Rui Barbosa, temos como objetivo despertar o interesse e a atenção dos espectadores, além de estimular sua curiosidade acerca da narrativa. Para alcançar esse propósito, o *trailer* deve apresentar imagens e trechos das histórias produzidas pelos discentes de forma intrigante, atraente, envolvente e cativante, de modo a incentivar o público a ler as narrativas completas.

Conforme afirmam Rojo e Moura (2012, p. 24), “essa característica interativa fundante da própria concepção da mídia digital permitiu que, cada vez mais, a usássemos mais do que para a mera interação. Para a produção colaborativa”. Essa modalidade multimodal digital pode, portanto, transmitir a essência da história em um breve período de tempo e atrair a atenção dos espectadores. Destarte, esperamos contribuir com o processo de leitura e produção textual dos alunos, por meio de uma estratégia didática atrativa para uso em sala de aula. Por fim, buscamos, com essa proposta, encontrar caminhos e respostas que favoreçam o bom desempenho dos estudantes.

2.3 Diferenças entre linguagem oral e escrita como fonte de dificuldade na aprendizagem

No discurso pedagógico atual, um dos objetivos educacionais é a formação de sujeitos letrados, capazes de vivenciar práticas de leitura e escrita em seu ambiente social. No entanto, na prática, essa proposta ainda não foi efetivada em sua amplitude.

Prova disso são os índices educacionais no Brasil, como os do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), bem como o número de alunos com dificuldades de aprendizagem e as estratégias que os professores buscam para amenizar esses baixos resultados. Além disso, é preciso considerar os impactos da pandemia de Covid-19, que agravaram ainda mais o cenário educacional. O afastamento social prejudicou o rendimento escolar em todo território brasileiro, fato que intensificou os desafios já existentes.

Ao se falar em sujeitos letrados, faz-se referência à capacidade de letramento, ou seja, à competência no uso da leitura e da escrita em diferentes situações sociais. Trata-se, portanto, da possibilidade que o indivíduo tem de atribuir sentidos à escrita, em processos nos quais se apodera do conhecimento e direciona suas compreensões acerca do mundo, seja por intermédio da leitura, seja por meio da produção textual.

De acordo com Magda Soares (2009, p. 48), letramento não é fácil de ser definido, visto que “envolve dois fenômenos bastante diferentes, a leitura e a escrita, cada um deles muito complexo, pois são constituídos de uma multiplicidade de habilidades, comportamentos e conhecimentos”. Para a autora, dominar a leitura é uma tarefa complexa.

O ato de ler envolve vários estímulos que não são comuns a outras atividades humanas. Entre esses estímulos, podemos citar a visão, a compreensão, a mediação, o pensamento, a recordação, o estudo e a prática, ou melhor, a organização de muitas faculdades que precisam ser acionadas pelo cérebro, o que permite interpretar e atribuir sentido ao que foi lido.

Quanto à escrita, Soares (2009) assegura que o simples ato de escrever engloba desde habilidades de transcrição da fala, como no ditado, até habilidades cognitivas e metacognitivas. Por isso, configura-se uma atividade que:

> inclui a habilidade motora (caligrafia), a ortografia, o uso adequado de pontuação, a habilidade de selecionar informações sobre um determinado assunto e de caracterizar o público desejado como leitor, a habilidade de estabelecer metas para a escrita e decidir qual a melhor forma de desenvolvê-la, a habilidade de organizar ideias em um texto escrito, estabelecer relações entre elas, expressá-las adequadamente (Soares, 2009, p. 70).

A autora defende que a escrita é uma atividade complexa, assim como a leitura. A simples transposição da caligrafia para o papel não decorre de atividades simples para o educando. Trata-se, antes de tudo, de um processo que exige esforço e

dedicação, algo com o qual, por vezes, o discente não demonstra disposição para assumir. Além disso, envolve a capacidade de revisar e aprimorar o texto produzido.

A interpretação textual inclui a capacidade de compreender e analisar textos escritos por outras pessoas, identificar informações relevantes e extrair significados implícitos, aspectos essenciais para a comunicação eficaz. Dominar essa habilidade é fundamental para o desenvolvimento da escrita e para a construção de argumentos sólidos e bem fundamentados. Kleiman (2002, p. 37) aborda esse fenômeno social sob a mesma visão:

> considera-se que uma outra fonte importante de dificuldade tem a ver com diferenças na linguagem usada no texto escrito e na fala. A maneira em que a escrita pode ser composta, sem a urgência de ir produzindo e ajeitando a produção ao mesmo tempo que se está pensando, permite uma maior elaboração cuidado, graças à possibilidade de reescrita e revisão, que resulta em diferentes estruturações. Essas estruturações diferentes têm sido caracterizadas como tem da maior complexidade sintática e maior densidade e diversificação lexical (isto é, de vocabulário). Essas diferenças podem, é verdade, causar dificuldades para o processamento, para a apreensão do objeto do ponto de vista cognitivo.

Para Kleiman (2002), a objeção quanto ao domínio da escrita diz respeito à estrutura do texto, o que não constitui um processo simples. Isso ocorre porque escrever exige conhecimento gramatical, inclui aspectos sintáticos, semânticos, além de implicar habilidades de escrita e reescrita. A linguagem escrita é diferente da fala, e o processo de organização das ideias demanda atenção ao gênero textual, à coesão, à coerência e às normas gramaticais envolvidas.

Nesse contexto, o letramento é a capacidade de fazer uso da leitura e da escrita de maneira socialmente significativa. Ser letrado vai além de apenas saber ler e escrever; envolve compreender o uso social dessas habilidades e atribuir significado à escrita. Após essa contextualização dos dois domínios para se chegar à plenitude do letramento, propomos o trabalho com contos, considerando que a leitura desse gênero textual pode proporcionar aos alunos momentos de descontração, por estarem em contato com histórias que estimulam a imaginação, a criatividade e, ao mesmo tempo, apresentam textos bem estruturados.

Ler histórias, do ponto de vista didático-pedagógico, pode contribuir para que o estudante se aproprie e aperfeiçoe o uso de recursos de letramento, capazes de elevar seu desenvolvimento intelectual e pessoal. As histórias fazem parte da vida humana desde o início até o final de nosso dia, por meio da contação oral, de livros,

filmes, séries, jogos, músicas, entre outros meios. Para Candido (1999, p. 80), “isso ocorre, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás ninguém pode passar um dia sem consumi-la”.

Dessa maneira, a literatura é fundamental para a vida e para a criatividade e sua presença constante e necessária no dia a dia. O conteúdo temático e estrutural dos textos literários pode motivar os educandos tanto em nível prático quanto mental, além de propiciar uma compreensão mais prazerosa sobre as características e os usos da língua escrita.

Entendemos, destarte, que o aprendizado da linguagem deve ocorrer em contexto significativo, no qual sejam trabalhados textos que tenham sentido para os alunos. Nesse sentido, recomendamos, dentre tantas outras atividades da ampla tipologia textual, o uso do texto narrativo, por proporcionar possibilidades ao estudante de expressar-se tanto oralmente quanto por meio da escrita.

De modo geral, a literatura é concebida como uma arte capaz de motivar, no mesmo processo, a expressão do imaginário, do real, dos sonhos, das fantasias e dos conhecimentos apropriados pelo ser humano. Candido (1999, p. 80) defende que “assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas”. Em sua essência, a literatura atua sobre ações e emoções do indivíduo, de modo a possibilitar, por meio dessa arte, a transformação e a sofisticação de seu processo de humanização. Ela também funciona como instrumento de comunicação e construção social.

A partir dessa compreensão, destacamos o valor lúdico e pedagógico da literatura para a formação integral do sujeito. Nesse contexto, a leitura de contos literários de diferentes autores e temas revela-se uma oportunidade proveitosa para o trabalho com a literatura, e possibilita ao professor atuar de forma ativa e consciente como mediador no processo de ensino.

No entanto, como fazer com que os educandos leiam? Muitas vezes, parece que nada consegue atrair sua atenção para essa prática, que exige tempo e concentração e empenho na busca pela compreensão do texto. Estaria esse desinteresse relacionado à falta de identificação com os textos propostos? Ou será que decorre do fato de estarem distantes da realidade vivenciada pelos discentes?

A partir da leitura de determinados teóricos, percebemos um equívoco nas práticas pedagógicas: a proposta de textos que não envolvem os estudantes, ainda

que se espere sua participação ativa. Entre os estudiosos da leitura, destacamos Angela Kleiman (2002), que assegura a relevância de considerar as modalidades textuais apresentadas pelo professor, uma vez que elas influenciam diretamente o comprometimento dos discentes em relação à leitura. Além do mais, sendo a promoção da leitura uma responsabilidade da escola, é fundamental que os textos selecionados abordem temas descomplicados e acessíveis. Tal escolha coopera para a ampliação do repertório temático dos alunos e cumpre o papel formativo da instituição escolar. Para a pesquisadora,

> os critérios para a escolha do texto são a LEGIBILIDADE, ou grau de dificuldade a relevância e o interesse, tanto do ponto de vista de apelo ao aluno quanto do ponto de vista dos objetivos acadêmicos da escola, que deveriam alargar o universo temático do aluno (Kleiman, 2002, p. 26, grifos da autora).

Os critérios mencionados por Kleiman (2002) devem ser frequentemente considerados na seleção de textos para o ambiente educacional. Ao planejar o trabalho com textos em sala de aula, é basilar atentar para aspectos como legibilidade, relevância e interesse, a fim de promover o engajamento dos educandos e favorecer a compreensão leitora.

A legibilidade constitui uma escolha importante ao propor a leitura de um texto, especialmente tendo em vista o público-alvo e o propósito da leitura. Refere-se à facilidade ou à dificuldade com que um texto pode ser lido, compreendido e absorvido pelos discentes. Para garantir uma boa legibilidade, é necessário considerar o nível de leitura e as habilidades linguísticas dos estudantes. Um texto muito complexo pode desencorajá-los e dificultar a compreensão; por outro lado, um texto muito simples pode parecer entediante ou não representar um desafio intelectual. Portanto, é importante encontrar um equilíbrio adequado ao grupo de educandos em questão.

No que diz respeito à relevância, consiste em escolher um texto que aborde um tema atual, significativo e pertinente ao público-alvo. É igualmente importante verificar se o assunto está em evidência, se tem sido objeto de discussões recentes ou se possui relação com algum campo de estudo ou área de interesse específica dos alunos.

Já o interesse depende das várias opções disponíveis. Alguns temas podem atrair mais a atenção das pessoas, como assuntos relacionados à sua área de estudo, hobbies, tópicos atuais ou qualquer outro tema que desperte fascínio. Entre esses,

destacam-se a inteligência artificial, a exploração espacial, a medicina, as energias renováveis e até mesmo a literatura e a escrita.

Diante de todos esses cuidados que o docente deve observar ao propor atividades de leitura e, consequentemente, de escrita, notamos a relevância de considerar a legibilidade, a relevância e o interesse. Com base nisso, esta investigação teve como objetivo trabalhar a leitura e a escrita do gênero textual conto e expôs, como produto final, a elaboração de um *book trailer,* a partir das narrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa.

Sobre a importância do interesse temático, Solé (2014, p. 59) afirma que "parece-me que uma atividade de leitura será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que tem que ler e, naturalmente, se a tarefa em si corresponde a um objetivo". Para a autora, ter um propósito claro e relevante para a leitura, aliado a um conteúdo interessante, pode aumentar significativamente a motivação e o comprometimento do estudante. Ou seja, oferecer a possibilidade de o aluno ler sobre assuntos de seu interesse pode ajudá-lo a se envolver de forma mais profunda com a leitura, de modo a potencializar os benefícios que ela proporciona.

Mediante o posicionamento das especialistas, decidimos focar no desenvolvimento da leitura e da escrita por meio do gênero textual conto. Isso porque esse gênero é facilmente compreendido por ser uma história breve, com foco em um único conflito, intenso e imediato, que desperta a atenção do leitor ao transportar instantes da vida real ou da ficção para episódios isolados, capazes de prender a atenção dos leitores.

Além disso, os contos estimulam a participação ativa na interpretação e permitem explorar diversas temáticas, como o terror e o humor, as quais podem despertar o interesse dos discentes e promover o gosto pela leitura de forma acolhedora. Essa abordagem costuma ser bem recebida pelos estudantes, devido à sua natureza leve e envolvente. Portanto, acreditamos que esta proposta seria capaz de despertar um maior interesse por parte dos alunos.

A esse respeito, Silva (2005, p. 93) explana:

> a leitura de contos pode estimular o aluno-leitor a encontrar, na leitura literária, uma forma lúdica de entender melhor sua própria realidade. Ao ler narrativas curtas, que exijam uma resposta mais rápida e dinâmica do receptor, o aluno pode se sentir mais atraído pelo texto.

Os contos, muitas vezes, apresentam situações cotidianas que incentivam o educando a refletir sobre sua própria vida e desafios. Tal aspecto promove tanto a compreensão quanto o desenvolvimento da empatia, ao permitir que o discente se coloque no lugar do outro. Por meio da leitura desse gênero textual, ele também desenvolve a capacidade de análise e interpretação, uma vez que essas narrativas frequentemente trazem mensagens implícitas e simbólicas, que exigem do leitor um processo de decodificação.

Dessa forma, o aluno é incentivado a exercitar sua criatividade e imaginação e encontrar diferentes significados e possibilidades de interpretação nas histórias lidas. A leitura de contos também contribui para o desenvolvimento da linguagem e da escrita, uma vez que são narrativas geralmente bem estruturadas e curtas, as quais exigem do leitor atenção especial à escolha das palavras e à construção das frases.

Além do mais, ao se deparar com diferentes estilos de escrita e linguagem presentes nos contos, o estudante tem a oportunidade de ampliar seu repertório vocabular e aperfeiçoar suas habilidades textuais. Portanto, a leitura de contos revela-se um poderoso instrumento para estimular o gosto pela leitura e pela literatura e promove não apenas o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas também a compreensão do meio em que se vive.

Outro ponto relevante a destacar é que o ser humano, no decorrer de sua trajetória, sempre apreciou o hábito de contar e ouvir histórias, representadas nos mais variados gêneros, desde novelas, romances, filmes, mitos, contos de fadas, assombração, terror, suspense, causos e até mesmo fofocas. Todo esse apego humano às narrativas contribui para interpretar o mundo, formar pensamentos e enriquecer nossa cultura local e nacional. Aspecto reforçado por Gotlib (1995, p. 5), ao afirmar que:

> sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para a trajetória dos mitos e dos ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e contam casos.

A história sempre foi uma atividade compartilhada entre as pessoas, que continuamente se reúnem para contar e ouvir histórias (Gotlib, 1995). Nas sociedades primitivas, por exemplo, os sacerdotes e seus discípulos se reuniam com o intuito de transmitir mitos e rituais tribais. Nos tempos modernos, as refeições representam um

momento propício em que as pessoas se reúnem ao redor de uma mesa para partilhar notícias, trocar ideias e também contar histórias. Isso ocorre porque a convivência interpessoal é fundamental para a transmissão e preservação das narrativas ao longo do tempo.

> É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos a ideia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência (Cortázar, 1993, p. 150).

De acordo com o autor, é desafiador compreender o verdadeiro significado do conto, uma vez que as ideias, por serem frequentemente abstratas, podem perder sua vitalidade. A vida, por sua vez, não se prende a conceitos ou a tentativas de categorização; ela rejeita qualquer forma de aprisionamento. Se não compreendermos, de fato, o que é um conto, teremos desperdiçado nosso tempo. O conto é, essencialmente, uma representação da luta entre a vida e a tentativa de expressá-la no âmbito humano. O resultado dessa batalha é o próprio conto: uma combinação de vida e síntese, semelhante a um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade dentro da permanência.

Um conto é, portanto, mais do que uma simples narrativa curta. Trata-se de uma expressão artística que captura a essência da vida, bem como condensa em poucas palavras a complexidade e a riqueza da experiência humana. É uma forma de arte que busca não apenas entreter, mas também provocar reflexão e emoção no leitor.

Para compreender verdadeiramente o que é um conto, é necessário mergulhar em sua essência e reconhecer sua capacidade de transmitir significados profundos e universais, por meio de personagens, cenários e eventos aparentemente simples. Para isso, é preciso estar disposto a se deixar envolver pela narrativa e permitir-se ser tocado por sua beleza e sua verdade. O conto, nesse sentido, representa um convite à exploração de novos horizontes e favorece uma conexão com o próprio eu e com o universo que nos rodeia.

> Numa fotografia ou num conto de grande qualidade [...] o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (Cortázar, 1993, p.151-152).

Através da escolha e da limitação, a obra de arte consegue capturar a atenção e o interesse do público, provocar reflexões e despertar emoções profundas. O artista, seja ele fotógrafo ou contista, procura transmitir não apenas uma imagem ou uma história, mas um sentimento, uma interpretação do mundo que vai além do que é visível ou descritível.

Tanto na fotografia quanto no conto, a seleção cuidadosa daquilo que se mostra e do que se omite é essencial para a criação de uma obra capaz de provocar uma experiência profunda e duradoura no espectador ou no leitor. Por meio desse processo de escolha e limitação, a arte expande os horizontes da percepção e da compreensão humanas, bem como conduz o público a se conectar com algo maior e mais profundo do que a mera realidade superficial.

Na perspectiva de Oliveira (2010, p. 41),

> a literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence.

Diante disso, a literatura desempenha um papel importante na ampliação do repertório cultural da criança, ao apresentá-la a diferentes realidades, culturas e perspectivas. Ampliação que contribui para o desenvolvimento de uma visão mais abrangente e tolerante da diversidade, tornando a criança mais aberta e flexível em suas relações interpessoais. Ademais, a literatura pode auxiliar na construção da identidade infantil, ao possibilitar que a criança se veja representada nas histórias que lê. Tal aspecto é especialmente relevante para aquelas que não se reconhecem nos meios de comunicação tradicionais, visto que a literatura pode oferecer-lhes modelos positivos e inspiradores com os quais elas possam se identificar.

Nesse âmbito, Azevedo (2004, p. 40) aduz:

> falar em Literatura pressupõe recorrer à ficção. Sempre que entramos no plano da ficcionalidade, abdicamos (válida) de ver o mundo do

> ponto de vista da objetividade (vê-lo pelo viés do não sujeito), da lógica sistemática e do pensamento analítico – em resumo, o modelo 'científico' característico dos livros didáticos-informativos. Através da ficção, penetramos no patamar da subjetividade (a visão de mundo pessoal e singular), da analogia, da intuição, do imaginário e da fantasia.

A verdade nas obras literárias não é buscada por intermédio da simples observação de fatos objetivos, e sim pela exploração das emoções, dos pensamentos e das experiências humanas. A ficção propicia aos leitores se identificarem com personagens e situações imaginárias, além de conduzi-los à reflexão sobre questões universais, como a natureza humana, o amor, a morte, a liberdade, entre outros temas.

Nesse sentido, a literatura nos convida a mergulhar em um universo simbólico, onde a realidade se mistura com a imaginação e a subjetividade. Por meio da leitura de obras literárias, somos desafiados a questionar e expandir nossas próprias percepções do mundo e de nós mesmos. Isso ocorre porque a ficção nos permite explorar a complexidade da experiência humana de um modo que a ciência, por si só, não pode oferecer.

> É possível articular os propósitos didáticos – cujo cumprimento é, em geral, imediato – com propósitos comunicativos que tenham um sentido 'atual' para o aluno e correspondam aos que, habitualmente, orientam a leitura e a escrita fora da escola. Esta articulação, que permite resolver um dos paradoxos antes propostos, pode concretizar-se através de uma modalidade organizativa bem conhecida: os projetos de produção e interpretação. O trabalho de planejar permite, com efeito, que todos os integrantes da classe – e não apenas o professor – orientem suas ações em direção ao cumprimento de um objetivo compartilhado (Lerner *apud* Colomer, 2007, p. 119).

Ao articular os propósitos didáticos aos propósitos comunicativos que tenham um sentido atual para os alunos, o ensino torna-se mais significativo e colaborativo. Nesse contexto, os projetos de produção e interpretação são uma maneira eficaz de promover essa articulação, uma vez que permitem que todos os envolvidos na sala de aula trabalhem juntos para alcançar um objetivo comum.

Desse modo, o planejamento do trabalho por meio de projetos possibilita que os discentes se envolvam ativamente no processo educativo. Com isso, a aprendizagem torna-se mais dinâmica e relevante para suas vidas fora da escola. Essa abordagem contribui, ainda, para resolver o paradoxo entre os propósitos didáticos e os propósitos comunicativos, de modo a assegurar que os educandos desenvolvam habilidades úteis e aplicáveis na realidade.

> A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos torna ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidado para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro [...]. Conhecer novas personagens é como encontrar novas pessoas, com a diferença de que podemos descobrir interiormente de imediato, pois cada ação tem o ponto de vista do autor. Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte (Todorov, 2012, p. 76).

A literatura apresenta um grande poder. Ela tem a capacidade de nos confortar em momentos de grande tristeza, de fortalecer nossos laços com as pessoas ao nosso redor, de nos proporcionar uma visão mais clara da realidade e de nos auxiliar em nossa jornada pela vida. Não se trata apenas de uma técnica para cuidar da alma, mas de uma forma de revelar o sentido da existência. Ao longo desse caminho, a literatura também tem o poder de nos transformar de dentro para fora.

Conhecer novas personagens é como conhecer novas pessoas, com a vantagem de podermos descobrir seu interior instantaneamente, uma vez que cada ação reflete o ponto de vista do autor. Quanto mais diferentes essas personagens são de nós, mais expandem nosso horizonte. Isso é particularmente evidente nos contos, que, por serem textos curtos, apresentam personagens e contextos distantes da realidade cotidiana de quem lê. Contudo, ao invés de afastar, esses elementos convidam o leitor a explorar outras formas de pensar e viver.

2.4 A essência intemporal do conto: um gênero ancestral

O conto é um gênero literário ancestral que atravessou gerações e culturas, mantendo sua essência inalterável ao longo do tempo. Desde as antigas fábulas e mitos até as narrativas contemporâneas, ele continua a encantar e cativar leitores de todas as idades. A essência eterna do conto reside em sua capacidade de transmitir mensagens e ensinamentos universais, os quais transcendem as barreiras do tempo e do espaço. As histórias narradas são, muitas vezes, intemporais, ou seja, não se situam em um tempo específico e abordam questões fundamentais da condição humana, como o medo, o amor, a morte, a coragem, a esperança e a redenção. Para Bosi (1977, p. 7),

> o conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto

> entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem.

Bosi (1977) argumenta sobre o papel do conto na ficção contemporânea e destaca sua flexibilidade e a capacidade de circular por diferentes estilos e estruturas narrativas. Segundo o teórico, o conto se encontra entre três componentes principais: a narração realista, a fantasia e o jogo verbal. Tal combinação expõe a diversidade de formas que o gênero pode assumir: ora se aproxima da realidade, ora se entrega à fantasia, ora explora o experimentalismo linguístico.

As diferentes facetas mencionadas — “quase-documento folclórico”, “quase-crônica da vida urbana”, “quase-drama do cotidiano burguês”, “quase-poema do imaginário às soltas” — mostram a versatilidade do conto. Ele é capaz de representar tanto aspectos concretos da vida quanto de explorar o imaginário e a linguagem de forma mais livre e criativa.

Além do mais, a expressão “[...] grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem” (Bosi, 1977, p. 7) ressalta o prazer estético e a celebração da linguagem que o conto contemporâneo pode proporcionar. Tal aspecto evidencia seu compromisso não apenas com o conteúdo narrativo, mas também com a forma e a beleza do texto. Entretanto, o conto ultrapassa os limites do real e do possível, de modo a explorar novas fronteiras da narrativa e da imaginação. É justamente nessa expansão de perspectivas que ele revela sua verdadeira originalidade e sua capacidade de surpreender, desafia convenções e abre novas possibilidades para a experiência literária.

Como forma literária que se reinventa, o conto contemporâneo desafia o leitor a mergulhar em universos desconhecidos, a enfrentar realidades alternativas e a interrogar as certezas estabelecidas. Nesse jogo de sedução, promovido pelo uso criativo da linguagem, o conto encontra sua força e sua relevância. Desta feita, esse gênero textual cumpre, a seu modo, o destino da ficção contemporânea, bem como o desafia e o reinventa a cada novo texto. Em um movimento de renovação constante, o conto se torna uma das formas mais vibrantes e instigantes da literatura atual.

Além disso, a estrutura narrativa do conto está intrinsecamente ligada à nossa própria natureza como seres humanos. Sua forma concisa e compacta permite que

ele seja facilmente memorizado e compartilhado, tornando-se uma ferramenta poderosa para comunicar valores e tradições culturais.

Por fim, a beleza desse gênero textual reside em sua capacidade de transportar o leitor para mundos imaginários e de provocar reflexões sobre a própria vida e as experiências pessoais. Ao mergulhar nas histórias contadas, somos convidados a olhar para dentro de nós e a explorar os mistérios da nossa existência. Logo, a essência intemporal do conto é um testemunho de sua relevância na cultura humana. Enquanto existirem histórias a contar e ouvir, o conto permanecerá como um gênero literário eterno e imortal.

3 A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta pesquisa, intitulada “Contos em *book trailer:* uma experiência de aprendizagem com estudantes do 9º ano na cidade de Alta Floresta-MT”, propõe fomentar o letramento literário entre os discentes da rede pública de ensino da escola Estadual Rui Barbosa. Para isso, utilizamos o recurso de multimídia, especificamente o marketing audiovisual, como meio de divulgação das narrativas criadas pelos alunos.

A pesquisa-ação, elaborada a partir da perspectiva teórica de Thiollent (2011), pressupõe uma investigação qualitativa de dados. Tal abordagem segmenta a articulação entre planejamento, implantação e avaliação de ações, que ocorre de forma simultânea. Dessa maneira, permite-se ao professor-investigador operar tanto na prática quanto na própria investigação. Para que esse processo ocorra, parte-se de uma situação-problema; em seguida, delineiam-se os procedimentos necessários para amenizá-la, com base em perguntas norteadoras que direcionam a investigação.

> Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativos (Thiollent, 2011, p. 20).

Trata-se de uma pesquisa social baseada em evidências, projetada e executada em estreita colaboração com uma ação ou solução para um problema coletivo. Nessa perspectiva, os pesquisadores e os participantes envolvidos na situação ou no problema atuam de forma cooperativa ou participativa.

Para esta investigação, estabelecemos a proposta pedagógica dos multiletramentos, com a produção de *book trailer,* com vistas a promover o desenvolvimento da aprendizagem dos discentes, com foco específico na leitura e na produção de contos. De acordo com Rojo e Moura (2012), multiletramentos referem-se à multiplicidade de linguagens que circulam no contexto social, sejam elas impressas, audiovisuais, presentes nas mídias, digitais ou não.

Desse modo, os estudiosos dos multiletramentos recomendam a utilização da tecnologia na escola como uma aliada, uma vez que ela oferece aos educandos a oportunidade de ampliar sua criatividade. Além disso, essa prática contribui para o desenvolvimento e o fortalecimento da aprendizagem. É inegável, destarte, que a

crescente presença da tecnologia tem impactado a vida de todas as pessoas, independente da idade. Com os avanços tecnológicos e a ampliação do acesso ao mundo digital, é comum que se configurem novos gêneros textuais, os quais atendem às necessidades das pessoas e das instituições sociais (Kersch; Coscarelli; Cani, 2016).

Ao se considerar o contexto social dos estudantes, desenvolvemos uma proposta que pretende atender às suas necessidades por meio do uso de recursos tecnológicos. Dessa forma, as diversas formas de linguagem são integradas nas literaturas abordadas. Com esse suporte, o projeto de criação de *book trailer*s visa responder às demandas de leitura e escrita dos discentes, de modo a promover um aprendizado mais dinâmico e conectado às exigências contemporâneas.

Essa proposta se justifica pela crescente presença da tecnologia na vida dos educandos, o que torna essencial explorar diversas formas de leitura e escrita, especialmente por meio dos contos, como proposta pedagógica. Pretendemos, portanto, incentivar a leitura desse gênero literário, abordando diferentes temáticas. Como etapa final da pesquisa, os alunos serão orientados a utilizar o gênero conto e o suporte tecnológico como base para a produção do *book trailer.*

> Educar na Era da Informação ou na sociedade do conhecimento é necessário extrapolar as questões de didática, nos métodos de ensino, dos conteúdos curriculares, para poder encontrar caminhos mais adequados e congruentes com o momento histórico em que estamos vivendo hoje (Kenski, 2013, p. 74).

Para a pesquisadora, é necessário extrapolar as práticas didáticas convencionais de ensino, métodos e conteúdos curriculares, a fim de inovar em sala de aula. Nessa perspectiva, o professor deve se apropriar do momento histórico caracterizado pela era digital, em que o conhecimento adquire mais dinamicidade, sendo marcado pelas informações disponíveis. Logo, é importante que o docente se habitue ao uso de aulas mais alinhadas com essa realidade da era tecnológica, como forma de preparar os estudantes para lidar com um mundo cada vez mais conectado.

> Uma narração transmidiática, cada mídia realiza o que é capaz de fazer melhor – de modo que uma narrativa poderia ser introduzida em um filme, expandida através da televisão, de romances e de histórias em quadrinhos; seu universo poderia ser explorado através de jogos ou experimentado como a atração de um parque de diversões. Cada entrada precisa ser autossuficiente, de modo que você não precisa ter visto o filme para apreciar o jogo, e vice-versa (Jenkins, 2009, p. 97).

Jenkins (2009) nos afirma que a narração transmidiática diz respeito à forma como uma história é contada por intermédio de diversos meios de comunicação, visto que cada um deles contribui de maneira eficaz para a narrativa geral. Por exemplo, um filme pode introduzir a história, enquanto a televisão, os romances e as histórias em quadrinhos a expandem. O universo da narrativa pode ser explorado também em jogos ou experimentado em atrações de parques temáticos. O importante é que cada mídia opere de maneira independente e permita que o público aprecie cada parte da narrativa, de forma a compreender ou apreciar a história em sua totalidade.

Nesse sentido, o *book trailer* é semelhante a um *trailer* de cinema, constituído por seleção de imagens e planos do filme a ser propagado, com a intenção de destacar as partes mais atraentes e importantes, de forma abreviada, sem produzir *spoilers*. Ele funciona de maneira semelhante aos *trailers* de filmes, com uma seleção de imagens e cenas marcantes da obra literária.

Tais vídeos têm a incumbência de despertar o público sem apresentar detalhes relevantes. Assim como nos *trailers* cinematográficos, a sequência das imagens nem sempre segue a ordem cronológica da história e enquadra elementos do cinema e da propaganda para causar uma repercussão visual e emocional no espectador.

Quanto à metodologia adotada para a produção dos textos do gênero conto, que serviram de base para a elaboração dos vídeos, foi utilizada a sequência didática (SD) proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Essa metodologia organiza as atividades escolares de forma sistemática em torno de um gênero textual específico, bem como oferece um caminho estruturado para a produção de textos.

Sob essa abordagem, os alunos têm acesso ao conhecimento necessário para compreender o gênero em estudo, fato que aumenta as chances de sucesso no decorrer da sequência didática. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) defendem que, para que esse sucesso ocorra, é preciso priorizar preceitos teóricos que embasem a prática educacional. Os autores sugerem, ainda, que os professores estejam cientes das teorias de aprendizagem, como a teoria construtivista, que defende a ideia de que os estudantes constroem seu próprio conhecimento por meio da interação com o ambiente e com os outros.

Além disso, os pesquisadores destacam a importância de compreender a diversidade de estilos de aprendizagem dos discentes e de adaptar as estratégias de ensino para atender às necessidades individuais de cada um. Portanto, para que o sucesso educacional ocorra, é fundamental que os docentes possuam uma base

teórica sólida, que os guie em sua prática pedagógica, a qual deve ser sempre reflexiva e crítica.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) também ressaltam a relevância da parceria entre escola, família e comunidade para a promoção de um ambiente de aprendizagem colaborativo e inclusivo. Além disso, enfatizam a necessidade do uso de metodologias ativas e de recursos tecnológicos, como forma de garantir a participação ativa dos discentes.

A SD proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) apresenta um esquema composto por quatro partes: apresentação da situação aos alunos, produção inicial, módulos (que podem ir de um a três) e produção final, explicitado na Figura 1. No entanto, esses módulos podem ser ampliados conforme o educador julgar necessário para o total sucesso de seu trabalho.

Figura 1 - Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2014, p. 98).

A apresentação da situação consiste na descrição e na introdução do conteúdo que será estudado e produzido pelos estudantes. A produção inicial corresponde ao primeiro texto elaborado pelos educandos, de acordo com o gênero em estudo. Essa etapa permite ao professor refletir acerca dos conhecimentos prévios dos discentes e da abordagem mais adequada para trabalhar o gênero. Além disso, a produção inicial contribui para identificar quais capacidades precisam ser desenvolvidas ao longo do processo de aprendizagem.

Na SD, os módulos são compostos por atividades/oficinas sistematizadas, desenvolvidas com a finalidade de auxiliar os alunos a superarem os obstáculos identificados na produção inicial. Por último, a produção final representa o momento em que o estudante põe em prática os conhecimentos adquiridos ao longo de todo o percurso. Nessa etapa, tanto o educando quanto o professor podem pensar e ponderar sobre as ações realizadas ao longo de toda a SD.

No que tange à abordagem da leitura de contos, usamos as estratégias de leitura fundamentadas na proposta de Isabel Solé (2014). De acordo com a autora, tais estratégias são “procedimentos de caráter elevado, que envolve a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança” (Solé, 2014, p. 69-70).

Para a autora, esse procedimento inclui o estabelecimento de objetivos e metas alcançáveis, o planejamento organizado das ações e, após sua implementação, o acompanhamento dos resultados. Com base nessa avaliação, são realizados os ajustes necessários para promover mudanças adequadas.

> Planeje sua tarefa geral de leitura e sua própria localização – motivação, disponibilidade – diante dela, facilitarão a comprovação, a revisão, o controle do que lê e a tomada de decisões adequada em função dos objetivos perseguidos (Solé, 2014, p. 73).

Para a autora, o leitor sempre avalia o processo de leitura e planeja a tarefa com base em sua própria motivação e disponibilidade. Tal planejamento facilita a compreensão, a revisão, o controle do conteúdo lido e a tomada de decisões coerentes com os objetivos estabelecidos. Acerca do papel da escola, Solé (2014, p. 17) afirma que é ela quem deve “promover nos alunos a utilização de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender autonomamente os textos escritos”. Ou seja, os educandos aprendem, com relativa facilidade, a decodificar textos. Todavia, empoderá-los quanto ao domínio da compreensão textual é um processo mais complexo, que exige mediação pedagógica qualificada, tarefa que apenas a escola pode cumprir de forma sistemática.

Para alcançar esse empoderamento e garantir uma leitura eficiente, a autora defende a adoção de estratégias desenvolvidas sob três aspectos: antes, durante e depois da leitura. Como afirma Solé (2014, p. 69-70), trata-se de um “procedimento de caráter elevado, que envolve a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança”.

Além disso, a autora destaca que a eficácia na leitura depende do envolvimento do leitor com o texto. Por isso, o professor precisa traçar objetivos claros, capazes de direcionar a leitura e fazer com que o discente perceba sua importância, sinta-se incentivado e compreenda o conteúdo de forma autônoma. Logo, lê-se com uma finalidade específica:

> em primeiro lugar, envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar; procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo) (Solé, 2014, p. 17).

A importância de comunicar claramente aos alunos a finalidade da leitura é enfatizada por Solé (2014). O leque de objetivos e finalidades que posiciona o leitor diante de um texto é amplo e variado: pode-se ler para devanear, preencher momentos de lazer, desfrutar da narrativa, procurar uma informação concreta ou seguir uma pauta ou instruções para realizar determinada atividade, como cozinhar ou aprender as regras de um jogo.

Dessa forma, ao explicitar a finalidade da leitura, a pesquisadora demonstra como essa clareza consegue ampliar a experiência do leitor, além de permitir uma conexão mais significativa com o texto. Reconhecer se a leitura é voltada ao entretenimento, ao aprendizado ou à instrução transforma a interação com o material lido e torna-a mais eficaz e enriquecedora.

Em suma, compreender esses objetivos não apenas facilita a absorção do conteúdo, mas também estimula o desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas. A seguir, expomos os critérios para a escolha do gênero conto como estratégia para incentivar o gosto pela leitura e aprimorar as competências em Língua Portuguesa, suprir lacunas identificadas em avaliações externas e evidenciar a relação entre a prática de leitura e os resultados obtidos nessas avaliações.

3.1 Seleção e avaliação dos contos produzidos: critérios e produto educacional

“Contos em *book trailer:* uma experiência de aprendizagem com estudantes do 9º ano, na cidade de Alta Floresta-MT” visa trabalhar com a leitura e a interpretação desse gênero textual, buscando incentivar o gosto por história, uma vez que os textos selecionados para leitura fazem parte do repertório clássico. A escolha por essa modalidade textual tem como intuito recompor a aprendizagem dos discentes e suprir uma das competências deficitárias identificadas nas avaliações externas.

Tais avaliações exigem que as escolas demonstrem avanços em Língua Portuguesa e atribuem à disciplina a responsabilidade pelos resultados obtidos pelos

alunos. Um exemplo desse tipo de avaliação está presente no Avalia-MT, amplamente utilizado como instrumento de monitoramento do progresso escolar e da taxa de participação dos educandos, o qual registra o nível de aprendizado e oferece um diagnóstico da educação básica no Estado de Mato Grosso ao longo do ano letivo.

De acordo com o site da referida avaliação, uma das áreas de habilidade em que os estudantes da Escola Estadual Rui Barbosa apresentam baixo desempenho é a competência H10 (D10): Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa. Apenas 39% dos discentes do 9º ano obtiveram acertos nessa competência (CAED, 2023).

Dessa maneira, a escolha do conto como gênero textual se mostra adequada, pois esse tipo de texto apresenta, de maneira clara, a estrutura narrativa com início, meio e fim bem definidos. Por serem textos curtos, os contos permitem uma visualização mais evidente da conexão entre os elementos narrativos, o que facilita a identificação do conflito central pelos leitores. Além disso, o gênero expõe uma extensa gama de temas, estilos e abordagens e oferece diversos exemplos de como personagens, cenário, enredo, conflito e desfecho podem ser desenvolvidos e resolvidos. Isso auxilia os leitores a compreenderem de que forma cada elemento participa da construção da história.

Ademais, o uso do conto como gênero textual, aliado à produção de um *book trailer* como produto educacional, uma das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), possibilita um maior engajamento dos alunos na execução do trabalho multimodal. Essa estratégia também favorece uma aprendizagem de ensino mais significativa.

Acreditamos que, ao participarem ativamente do processo de criação e divulgação do próprio aprendizado, os educandos sentir-se-ão mais motivados e envolvidos nas atividades da sala de aula. Tal abordagem permite que se tornem protagonistas do seu processo educativo, contribuam de forma ativa para a construção do conhecimento e disseminem o que aprenderam.

> O surgimento e a ampliação contínuos de acesso às tecnologias digitais da comunicação e informação provocaram a intensificação vertiginosa e a diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais, que por isso mesmo, distanciam-se hoje dos meios impressos, mais morosos e seletivos, implicando, segundo alguns autores [...] mudanças significativas nas maneiras de ler, produzir e fazer circular os textos na sociedade (Rojo, 2013, p. 19-20).

De acordo com a pesquisadora, os meios digitais propiciam mudanças nas práticas de leituras e escrita em sala de aula, perspectiva que fundamenta este trabalho. Para que isso ocorra, faz-se necessário elaborar uma sequência didática ordenada em torno do gênero textual conto, cujas produções sejam agrupadas em um contexto que vá além da simples correção. Nesse âmbito, é fundamental criar estratégias que possibilitem alcançar públicos diferenciados, para além dos muros da escola. Propomos, portanto, propagandear os textos produzidos pelos alunos por meio de *book trailers,* com o objetivo de ampliar a circulação das informações geradas no ambiente escolar.

Para que o trabalho final obtenha êxito, é basilar que a ferramenta digital utilizada esteja presente no cotidiano comunicacional dos estudantes. Conforme argumentam Rojo e Moura (2012), isso permite o desenvolvimento da habilidade de estabelecer vínculos e proximidades, aspecto que dá sentido e relevância ao processo. Assim, o resultado e a entrega tornam-se mais satisfatórios. Os autores acrescentam que:

> trabalhar com os multiletramentos partindo das culturas de referência do alunado implica a imersão em letramentos críticos, apresentação que requerem análise, critérios, conceitos, uma metalinguagem, para chegar a propostas de produção transformada, redesenhada, que implicam agência por parte do alunado (Rojo; Moura, 2012, p. 8).

Na visão de Rojo e Moura (2012), o trabalho com multiletramentos nas escolas deve partir das referências dos educandos, ou seja, daquilo que eles dominam, conhecem, apreciam e sabem fazer. Por exemplo, como espectadores de séries e filmes, os discentes compreendem o conceito de *trailer*, um videoclipe criado para divulgar produções cinematográficas por meio de recursos persuasivos da propaganda.

A partir desse conhecimento prévio, os estudantes foram incentivados a coletar e a produzir vídeos alinhados com os contos que criaram. Por esse motivo, optamos pela leitura como base do processo pedagógico, pois ela oferece as condições essenciais para compreender, conhecer e estimular o raciocínio, a interpretação e a capacidade criativa, elementos fundamentais para a produção textual. Afinal, embora a oralidade, praticada cotidianamente em diversas situações, sirva como ponto de partida, é por meio da leitura que essas habilidades se consolidam e se ampliam.

A pesquisa foi realizada após uma apresentação sobre o gênero *conto*, com o

objetivo de demonstrar que essa modalidade textual tem como finalidade narrar histórias, sejam de amor, humor, suspense, terror ou aventura, as quais fazem parte de nossa herança cultural. Por esse motivo, devem ser trabalhadas em sala de aula. A leitura desses textos permitiu que os alunos observassem sua estrutura composicional. Além do mais, a proposta foi motivada pela própria experiência com os contos analisados: “Venha ver o pôr do sol” e “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles, “A cartomante”, de Machado de Assis, “O homem nu”, de Fernando Sabino, e “O compadre da morte”, de Luís da Câmara Cascudo.

> Aceitar a existência do cânone como herança cultural que precisa ser trabalhada não implica prender-se ao passado em uma atitude sacralizadora das obras literárias. Assim como a adoção de obras contemporâneas não pode levar à perda da historicidade da língua e da cultura (Cosson, 2009, p. 34).

A importância do cânone como parte da herança cultural e literária de um povo encontra-se representada nos valores, nas ideias e nos pontos de vista que modelaram a história e a identidade de uma sociedade (Cosson, 2009). Por outro lado, não se pode prender-se ao passado em uma atitude sacralizadora das obras literárias. Isso não impede, portanto, que se recorra a obras mais recentes e inovadoras.

A introdução de obras modernas no ensino e no estudo da literatura é essencial para manter a cultura viva e em constante desenvolvimento. Diante disso, torna-se fundamental conciliar a valorização do cânone com a abertura para obras mais recentes, de modo a buscar um equilíbrio entre tradição e inovação. Por conseguinte, podemos enriquecer nosso entendimento da literatura e da cultura, bem como ampliar a visão crítica e a experiência com a arte literária.

Quanto à escrita, observa-se que produzir textos com adolescentes nativos digitais exige que os temas abordados possibilitem interação com meio digital. Isso se justifica por dois motivos: pela multiplicidade de linguagens que esse ambiente proporciona e pelo senso de criação aliado à facilidade de comunicação.

Nesse contexto, a confecção de vídeos na modalidade *book trailer,* ideia oriunda do cinema, foi de fundamental importância para engajar os estudantes em suas produções textuais. Tal estratégia incentivou a circulação dos textos entre diferentes turmas. Isso porque o ensino aliado às práticas tecnológicas exige novas reflexões sobre a leitura e a escrita, como destaca Rojo (2009, p. 108):

> essas múltiplas exigências que o mundo contemporâneo apresenta à

> escola vão multiplicar enormemente as práticas e textos que nela devem circular e ser abordados. O letramento escolar tal como o conhecemos, voltado principalmente para as práticas de leitura e escrita de textos em gêneros escolares (anotações, resumos, resenhas, ensaios, dissertações, descrições, narrações e relatos, exercícios, instruções, questionários, dentre outros) e para alguns poucos gêneros escolarizados advindos de outros contextos (literário, jornalístico, publicitário) não será suficiente [...] Será necessário ampliar e democratizar tanto as práticas e eventos de letramentos que têm lugar na escola como o universo e a natureza dos textos que nela circulam.

Para a autora, o presente século está dominado pela tecnologia, que se faz presente em todas as atividades humanas e, por isso, deve também integrar o fazer pedagógico das escolas. Ainda segundo Rojo (2009), a leitura e a escrita, da forma como tradicionalmente são ensinadas, não atraem os educandos. Destarte, incorporar os meios digitais às práticas em sala de aula torna-se imperativo, visto que esses recursos não apenas transmitem conhecimento e comunicação, mas também facilitam e engajam os usuários pela experiência de entrega que proporcionam.

Observamos, portanto, que a aplicabilidade das TDIC pode ser explorada como ferramenta de leitura e escrita para incentivar os alunos. Isso porque permite que eles tragam para as aulas algo presente em seu cotidiano, além de possibilitar que mostrem aos colegas suas habilidades com esses recursos. Sob outra perspectiva, as TDIC oferecem meios para que os discentes pratiquem habilidades de compreensão e produção textual, essenciais à formação de cidadãos críticos e participativos.

3.2 Autores da literatura brasileira e contos para sequência didática

Na etapa da sequência didática, selecionamos contos da literatura clássica brasileira: Machado de Assis, Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino, Luís da Câmara Cascudo e Artur Azevedo. No que tange à obra de Machado de Assis, destacamos o conto “A cartomante”, por abordar uma temática universal e apresentar uma linguagem rica em vocabulário. Além do mais, o texto funcionou como um recurso capaz de dinamizar a participação da turma e fortalecer a interação entre os estudantes.

Em relação à autora Lygia Fagundes Telles, elegemos o conto “Venha ver o pôr-do-sol”, pois trata de temas que promovem discussões relevantes. Tal escolha

também propicia aos discentes compreenderem o contexto cultural da literatura contemporânea, revelado por meio da narrativa. Ademais, o conto “As formigas” apresentou o potencial de despertar a criticidade dos alunos diante da construção narrativa elaborada pela autora.

Quanto ao autor Fernando Sabino, ressaltamos em sala de aula o conto “O homem nu”, por suscitar questões relacionadas ao contexto social. Essa obra se mostrou relevante para o desenvolvimento do pensamento crítico dos envolvidos durante a oficina.

No caso do escritor Luís da Câmara Cascudo, trabalhamos o conto *“*O compadre e a morte”, cuja narrativa conduz a reflexões sobre crenças folclóricas, valores culturais e a formação da cultura brasileira. Por último, salientamos o conto “Plebiscito”, de Artur Azevedo. A obra, construída por meio de uma narrativa dramática, composta por diálogos, instigou a turma à reflexão e demonstrou potencial para desenvolver o senso crítico e criativo dos educandos.

Diante do exposto, nos próximos parágrafos, exibimos uma breve biografia dos autores mencionados, seguida dos títulos dos contos e de uma descrição concisa de suas respectivas narrativas. Esses resumos têm como objetivo esclarecer os critérios utilizados na escolha dos contos e anunciar as diferentes temáticas abordadas em cada um deles.

3.2.1 Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis[2], um dos mais renomados escritores brasileiros, nasceu em 21 de junho de 1839, na cidade do Rio de Janeiro. Proveniente de uma família de origem humilde, era filho de Francisco José de Assis, um pintor, e de Maria Leopoldina Machado de Assis, uma lavadeira.

O escritor fundou a Academia Brasileira de Letras, tornando-se seu primeiro presidente, cargo que ocupou por uma década. Ainda criança, perdeu a mãe e sua única irmã. Anos depois, seu pai casou-se novamente, e Machado ficou sob os cuidados da madrasta, com quem passou a conviver em uma nova configuração familiar.

[2] Para mais informações sobre a biografia do escritor Machado de Assis, acesse o *link:* https://machado.mec.gov.br/.

Apesar das dificuldades enfrentadas na infância, Machado de Assis se destacou como um dos grandes nomes da literatura nacional do século XIX e deixou um legado que perdura até os dias de hoje. Suas obras abordam temas de grande relevância social, fruto de sua capacidade de observação das condições vividas pelo homem de sua época.

O autor produziu textos em diversos gêneros: contos, crônicas, poemas, peças de teatro, romances e ensaios. Entre suas principais coletâneas de contos, destacam-se: *Histórias da Meia-Noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1882); *O Alienista* (1882), *Histórias sem Data* (1884), *Páginas Recolhidas* (1889), *Relíquias da Casa Velha* (1906) e *Contos Fluminenses* (1870). O conto "A cartomante" está incluído na obra *Várias Histórias* (1896). O escritor do realismo brasileiro faleceu em sua cidade natal, no dia 29 de setembro de 1908, e deixou-nos um acervo literário de grande relevância social e cultural.

No conto "A cartomante"[3], Machado de Assis conta a história de um triângulo amoroso entre Rita, Vilela e Camilo, amigos de infância. A paixão entre Rita e Camilo é alimentada pela cumplicidade que compartilham por meio da leitura dos mesmos livros, das idas ao teatro, dos passeios e dos jogos noturnos de dama e xadrez.

Entretanto, a chegada de cartas anônimas, as quais revelam que a relação entre eles já era de conhecimento público, faz com que Camilo passe a evitar visitas à casa de Vilela, visto que teme ser descoberto. Angustiada com a situação, Rita procura uma cartomante para saber se seu amor por Camilo era correspondido. Camilo, por sua vez, zomba da atitude da amante, pois não acredita em superstições. No entanto, ele recebe um bilhete de Vilela que convida-o, com urgência, a ir à sua casa. Camilo atende prontamente o chamado, mas segue com receio de que o amigo tenha descoberto tudo e quisesse matá-lo.

No caminho, o tílburi precisa parar devido ao tombamento de uma carroça na rua. Por coincidência, ele percebe que ao lado está a casa da cartomante consultada por Rita. Tomado pelo medo, decide entrar e buscar consolo. A cartomante o tranquiliza, afirma que Rita o amava profundamente, que Vilela nada sabia sobre o caso e que poderia ir em paz ao seu encontro do amigo. Aliviado, Camilo paga dez mil-réis e segue rápidamente para a casa de Vilela.

---

[3] Texto trabalhado na etapa da sequência didática "A cartomante" de Machado de Assis. Acessar o *link*: https://drive.google.com/file/d/1Ti4zviM77Y5GokZmlSQNfDKjFts8EQDz/view?usp=sharing.

Ao chegar, depara-se com Vilela com uma expressão transtornada. Ambos entram em uma saleta interior, onde Camilo encontra Rita morta e ensanguentada. Em pânico, solta um grito de terror. Vilela, tomado pela raiva, agarra-o pela gola, dispara dois tiros e mata-o instantaneamente.

3.2.2 Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles[4] nasceu em 19 de abril de 1923 em São Paulo, filha da pianista Maria do Rosário Silva Jardim de Moura e de Durval de Azevedo Fagundes. A autora, que integrou a Academia Brasileira de Letras e recebeu prêmios como Jabuti e Camões, pertence à terceira geração do modernismo. Formou-se em Direito e atuou como procuradora previdenciária no estado de São Paulo.

A escritora é amplamente reconhecida por sua prosa, que mergulha na intimidade das emoções humanas e explora a complexidade psicológica de seus personagens. Sua habilidade em dissecar desejos, temores e conflitos internos permite que os leitores se identifiquem profundamente com as narrativas, muitas vezes, levando-os a refletir sobre suas próprias vivências.

Além da rica dimensão psicológica, suas obras frequentemente entrelaçam elementos de realismo mágico e fantasia. Tais aspectos não apenas enriquecem a narrativa, mas também funcionam como metáforas que abordam questões existenciais, sociais e políticas. Por meio dessas técnicas, Telles provoca uma reavaliação da realidade, cria universos que, apesar de fantásticos, ecoam verdades da vida cotidiana.

A autora também se destaca como uma observadora perspicaz do contexto social e político do Brasil. Por meio de seus personagens e enredos, ela examina temas como desigualdade, opressão e a busca pela identidade, sempre com uma sensibilidade que revela a complexidade das relações humanas.

Seu extenso corpus literário, que abrange contos, crônicas e romances, demonstra sua versatilidade ao transitar por diferentes gêneros e estilos, sempre com uma voz distinta e impactante. A profundidade de suas narrativas e a riqueza de suas reflexões consolidam Lygia Fagundes Telles como uma das figuras mais proeminentes da literatura brasileira contemporânea. Entre suas publicações,

---

[4] Informações sobre a biografia de Lygia Fagundes Telles. Acessar o *link*: https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/realismo-fantasia-universo-lygia-fagundes-telles.htm.

destacam-se as seguintes coletâneas de contos: *Porão e sobrado* (1938), *Antes do Baile Verde* (1970), *Seminário dos Ratos* (1977), *Mistérios* (1981), *Invenção e Memória* (2000). A autora faleceu em 3 de abril de 2022.

O conto “Venha ver o pôr-do-sol”[5], de Lygia Fagundes Telles, narra a história do reencontro entre ex-namorados. Ricardo convida Raquel para ver o pôr do sol mais lindo do mundo, em um cemitério abandonado e afastado do centro da cidade. O local é descrito como sombrio e assustador, com uma capelinha coberta por trepadeiras selvagens, paredes enegrecidas por goteiras e decoração em ruínas, com altar, vasos e crucifixo deteriorados. Portinholas enferrujadas e gavetões cinzentos completam o cenário frio e escuro.

No ambiente, com a ajuda de um fósforo, Raquel lê a inscrição do túmulo que Ricardo insiste em pertencer à prima dele: Maria Emília, nascida em 20 de maio de 1800, falecida há mais de cem anos. Logo, Raquel descobre que tudo não passava de uma mentira e de um plano cruel. Ricardo a trancafia naquele lugar medonho e gelado, e seus pedidos desesperados por libertação são ignorados. Ele vai embora e deixa-a sozinha e aos gritos, sem que ninguém pudesse ouvi-la.

O conto “As formigas”[6], também de Lygia Fagundes Telles, é narrado em 1ª pessoa e conta a história de duas primas que se mudam de cidade para cursar faculdade, uma estuda Medicina e a outra, Direito. Ambas alugam um sobrado antigo e malconservado. Chegam ao local atraídas pelo valor acessível do aluguel e pela possibilidade de usar fogareiro no quarto.

A proprietária o imóvel menciona um caixote de ossos deixado por um antigo inquilino, que também estudava Medicina, e afirma que os ossos pertenciam a um anão. A estudante de Medicina fica fascinada com o conteúdo do caixote e planeja trazer ataduras para montar o esqueleto no final de semana e guardá-lo embaixo da cama.

No entanto, durante as noites, o quarto apresenta um cheiro suspeito. A aluna de Direito passa a ter sonhos perturbadores com um anão loiro, de colete xadrez, fumando charuto e com semblante sério. Ela tenta gritar, mas não consegue. Ao acordar, percebe que a colega ainda está desperta. Juntas, testemunham a chegada

---

[5] Texto trabalhado na etapa da sequência didática “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Telles. Acessar o *link :* https://drive.google.com/file/d/1lZnLravqQShcjH9Wq_EZ27yJDBggWysa/view?usp=sharing.

[6] O conto “As formigas”, Lygia Fagundes Telles. Acessar o *link :* https://drive.google.com/file/d/1j5fzWh-5djMvwxS_FKMu5iwc9XfaOUP-/view?usp=sharing.

de milhares de formigas pequenas e ruivas, que atravessam o quarto e invadem o caixote.

Elas observam, apavoradas, pois as formigas pareciam montar o esqueleto. Essa cena se repete por pelo menos duas noites seguidas. As primas, cada vez mais assustadas, notam que os trabalhos das formigas avançam com grande rapidez. Após noites de tensão e sonhos inquietantes, percebem que o esqueleto está quase completo. Com medo do que poderia acontecer, decidem abandonar o sobrado às pressas, ainda de madrugada.

3.2.3 Fernando Sabino

Fernando Tavares Sabino nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 12 de outubro de 1923. Desde muito jovem, demonstrou grande interesse pela literatura e, desse modo, iniciou sua jornada de leitura aos 7 anos, com o incentivo de sua mãe. Matriculou-se no Grupo Escolar Afonso Pena e, posteriormente, no Ginásio Mineiro, onde se destacou academicamente e recebeu uma medalha de ouro por ser o aluno com melhor desempenho.

Desde os 10 anos, Sabino nutria o sonho de se tornar escritor e, aos 12, já havia publicado seu primeiro conto. Ele prosseguiu seus estudos e formou-se em Direito; mas, sua verdadeira paixão era a escrita, o que o levou a colaborar com vários jornais ao longo de sua vida. Sua trajetória literária também o levou a residir em cidades como Londres e Nova Iorque, onde continuou a desenvolver sua carreira.

É amplamente reconhecido como um dos grandes nomes da terceira fase do modernismo brasileiro, também chamada de pós-modernismo. O escritor brasileiro produziu e publicou vários gêneros textuais, sendo os contos um dos destaques de sua obra. Entre seus livros de contos, notam-se: *Os grilos não cantam mais* (1941) e *O gato sou eu* (1983). Fernando Sabino faleceu no dia 11 de outubro de 2004, no Rio de Janeiro.

O conto “O homem nu”[7], de Fernando Sabino, narra a história de um homem que, logo pela manhã, pede à esposa que finja não estar em casa caso o cobrador da televisão apareça, visto que havia esquecido, na cidade, o dinheiro para pagar a prestação. A mulher desaprova a atitude do marido e tranca-se no banheiro para tomar

[7] O conto “O homem nu”, de Fernando Sabino. Acessar o *link:* https://drive.google.com/file/d/1HGpoQRhqM1gilxmIW5hefSpAlJetRTpv/view?usp=sharing.

banho. Ele se despe para tomar banho e, ao perceber que o banheiro já estava ocupado, decide preparar o café. Coloca a água para ferver e resolve pegar o pão deixado pelo padeiro no parapeito da janela. Todavia, ao esticar-se para alcançar o pão, o vento fecha a porta, deixa-o trancado do lado de fora, nu.

Desesperado, ele tenta chamar a esposa, mas ela não abre a porta, uma vez que acredita ser o cobrador. Então, o homem se esconde no elevador e vive momentos de agonia até conseguir retornar ao andar de seu apartamento. Lá, é visto por uma vizinha que, confunde-o com o padeiro, grita e chama a polícia. A confusão atrai os moradores do prédio e, no meio do alvoroço, a esposa finalmente abre a porta. O homem entra correndo em casa e se veste às pressas. Poucos minutos depois, com o ambiente mais calmo, a campainha toca novamente. Ao atender, ele encontra não a polícia, mas o cobrador da televisão, fato que encerra a história com um toque de humor irônico.

3.2.4 Luís da Câmara Cascudo

Luís da Câmara Cascudo[8] (1898-1986) nasceu e viveu a maior parte de sua vida em Natal, no Rio Grande do Norte. À noite, em sua casa, dedicava-se à escrita e explorava a rica tapeçaria da cultura popular brasileira. Seu conhecimento não se limitava apenas aos livros que devorava, mas também incluía histórias e tradições que recolhia em conversas com rendeiras e pescadores, que se tornavam seus interlocutores nas tardes de reflexão e aprendizado.

Com um legado de mais de 200 publicações e mais de 8 mil páginas escritas, Cascudo destacou-se por obras notáveis como o *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954) e *História da Alimentação no Brasil* (1967/1968). Esses livros são verdadeiros tesouros, repletos de verbetes que abordam temas como alimentação, religião, mitologia, objetos do cotidiano e crenças populares, aspectos que revelam a complexidade e a riqueza da cultura nacional.

Embora tenha iniciado sua trajetória acadêmica cursando Medicina, graduou-se posteriormente em Direito e sustentou a maior parte de sua vida profissional como professor. Cascudo possuía uma visão clara do Brasil como um mosaico cultural, em que as influências africanas, indígenas e europeias se entrelaçam para formar uma

[8] Para mais informações, acessar o link: https://www.cascudo.org.br/.

identidade única. Ao longo de sua vida, cultivou relações com intelectuais e artistas de renome, como Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiróz, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss. Tais nomes frequentemente se reuniam com ele para aprender e discutir sobre a vasta herança cultural que o autor tanto prezava.

Como estudioso e cultivador das tradições folclóricas, publicou as seguintes obras: *Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará* (1939), *Antologia do Folclore Brasileiro* (1943), *Geografia dos Mitos Brasileiros* (1947), *Os Holandeses no Rio Grande do Norte* (1949), *História do Rio Grande do Norte* (1955), *Jangadas: Uma Pesquisa Etnográfica* (1957), *Rede de Dormir* (1959), *História da República no Rio Grande do Norte* (1965), *Folclore do Brasil: Pesquisas e Notas* (1967), *Coisas que o Povo Diz* (1968), *A Vaquejada Nordestina e Suas Origens* (1974), *Antologia da Alimentação no Brasil* (1977), *A Cozinha Africana no Brasil* (1964) e *História da Alimentação no Brasil*, publicada em dois volumes, em 1967 e 1968.

O conto “O compadre e a morte”[9] conta a história de um homem que, ao ter seu último filho, não encontrou quem aceitasse apadrinhá-lo, até que a Morte aceitou ser madrinha da criança. Comovida pela pobreza da família, a Morte propôs um trato: o homem se tornaria um médico muito rico e famoso, pois nunca erraria em seus diagnósticos. Bastava observar em que lado da cama ela se posicionava no quarto do doente: se estivesse na cabeceira, o paciente se curaria; se estivesse aos pés, o sujeito morreria.

Certo dia, o filho do rei adoeceu, e o homem foi chamado ao castelo, com a promessa de receber grande riqueza se salvasse o príncipe. No entanto, ao chegar, viu que a Morte estava aos pés da cama do jovem. Para salvar o príncipe, mandou virar a cama e enganou a Morte, que foi embora aborrecida. Anos depois, a Morte o levou até sua morada, após jurar que o traria de volta. Lá, viu um salão cheio de velas e quis saber qual era a dele. A Morte mostrou-lhe uma vela quase no fim, mas, como havia prometido, levou-o de volta para morrer em casa. Já em casa, o homem pediu para rezar um último Pai-Nosso, mas nunca concluiu a oração. Idoso e desolado com a destruição de sua propriedade, murmurou que preferia a morte. Ao ouvir isso, a Morte surgiu e, desta vez, levou-o consigo.

---

[9] O conto “O compadre e a morte”, do escritor Luís da Câmara Cascudo. Acessar o link: https://drive.google.com/file/d/19vyj3kj_5qhka3R2s3vXa1PJl3CqCjPI/view?usp=sharing.

3.2.5 Artur Azevedo

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo[10] nasceu em São Luís, no Maranhão, no dia 7 de julho de 1855. Destacou-se como contista, poeta, dramaturgo, jornalista e tradutor. Juntamente com seu irmão, Aluísio Azevedo, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL), criada em 1897, e ocupou, desde então, a cadeira 29, cujo patrono é o dramaturgo Martins Pena.

Em 1897, Azevedo lançou uma de suas obras mais significativas: a peça teatral "A Capital Federal". Além disso, foi um defensor fervoroso da abolição da escravatura, manifestou suas convicções tanto em suas obras literárias quanto em artigos jornalísticos, bem como lutou pela construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Ao longo de sua carreira, escreveu mais de quatro mil críticas e reportagens sobre eventos artísticos em importantes publicações da época.

Artur Azevedo foi ainda responsável pela fundação de diversos periódicos literários relevantes, como o *Diário do Rio de Janeiro*, *O Mequetrefe*, *Kosmos* e *O País.* Encenou mais de cem peças, no Brasil e em Portugal. Inspirado pelo Naturalismo, produziu retratos ricos em detalhes da vida urbana no Brasil do final do século XIX, contribuindo para a literatura e a cultura do país. Além de suas peças teatrais e poesias, destacou-se na produção de contos. Entre suas principais obras nesse gênero, encontram-se: *Contos possíveis* (1889), *Contos fora de moda* (1894), *Contos efêmeros* (1897), *Contos em verso* (1898). O autor faleceu no Rio de Janeiro, em 22 de outubro de 1908.

O conto "Plebiscito"[11], *de* Artur Azevedo, narra a história de uma família composta por um casal e dois filhos, que descansava após o jantar. Em dado momento, o filho perguntou ao pai se ele sabia o significado da palavra "plebiscito". Surpreso, o pai não soube responder, mas tentou disfarçar. Tal episódio gerou uma discussão com a mãe, pois ele a culpou por nunca ter explicado o significado da palavra ao filho. A mãe, irritada, rebateu a acusação.

O desentendimento entre o casal se intensificou. O pai, furioso, foi para o quarto, bateu à porta e se trancou. No quarto, ainda irritado, decidiu procurar a palavra

---

[10] Acessar o *link* para mais informações sobre o autor: https://www.academia.org.br/academicos/artur-azevedo.

[11] O conto "Plebiscito", de Artur Azevedo. Acessar o link: https://drive.google.com/file/d/1CTslrGhcaDGVXqoFnzQAjinj4v0u6V3i/view?usp=sharing.

no dicionário. Após descobrir o significado, ficou mais tranquilo. Horas depois, a esposa foi chamá-lo para se reunir novamente com a família. Quando todos estavam juntos, ele finalmente compartilhou o que havia aprendido: “Plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecida em comícios”. A confusão foi, então, substituída por risos e aprendizado compartilhado.

Na sequência, descrevemos a metodologia que conduziu este trabalho e detalhamos os procedimentos e as técnicas utilizadas para alcançar os objetivos propostos.

4 METODOLOGIA: DA PESQUISA À SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta pesquisa segue a linha de pesquisa-ação estabelecida pelo Programa de Pós-graduação - Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de uma metodologia interventiva pedagógica, aplicada junto aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Rui Barbosa, localizada no município de Alta Floresta-MT, durante o ano letivo de 2024.

Pesquisa-ação que é defendida por Thiollent (2011, p. 20) como:

> um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

De acordo com o autor, é a pesquisa social estruturada com base empírica, concebida em estreita associação com uma ação específica ou com a resolução de um problema coletivo. Nesse modelo, pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema atuam de forma cooperativa ou participativa, com vistas a proporcionar mudanças na realidade estudada.

O modelo proposto por Thiollent (2011) aplica-se a contextos reais, nos quais os envolvidos trabalham juntos em situações específicas, com vistas a promover transformações por meio da participação ativa. Essa abordagem favorece uma relação mais igualitária, em que os indivíduos deixam de ser considerados meros sujeitos de estudo e passam a atuar como colaboradores efetivos da ação.

> A pesquisa-ação não deixa de ser uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo [...] trata-se de uma forma de experimentação na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento (Thiollent, 2011, p. 28).

A pesquisa-ação é, portanto, definida como abordagem metodológica que une pesquisa e prática e permite que pesquisadores e participantes colaborem para resolver problemas reais em contextos específicos. Nesse modelo, os participantes

não são apenas observados, mas atuam ativamente no processo de mudança, de modo a influenciar seu desfecho.

Dessa forma, valoriza-se a reflexão sobre as intervenções realizadas, gera conhecimento que ultrapassa os dados quantitativos, ao incluir experiências e desafios. Processo dinâmico que possibilita a aprendizagem contínua a partir de erros e sucessos, promove transformação social e contribui para o desenvolvimento coletivo. Além do mais, as informações obtidas são práticas e podem ser aplicadas em contextos semelhantes.

Ante o exposto, a presente pesquisa propôs-se a alcançar os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Desenvolver as competências leitora e escritora dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, através da leitura e da produção de contos com temáticas diversas. Utilizando a ferramenta *book trailer* como recurso pedagógico, visando enriquecer o repertório cultural e a comunicação dos estudantes da Escola Estadual Rui Barbosa, localizada em Alta Floresta-MT.

Objetivos Específicos:

- Desenvolver a capacidade de interpretação, análise crítica e criatividade dos alunos por meio da leitura de contos.
- Analisar a capacidade dos estudantes na identificação e na interpretação dos componentes do gênero conto (personagens, enredo, tempo, espaço), bem como identificar e analisar elementos literários, como tema e enredo.
- Investigar como a produção de *book trailer*s, que integra diferentes linguagens e mídias, pode estimular a criatividade e a originalidade dos discentes, contribuindo para suas habilidades de criação de contos.
- Permitir que os educandos identifiquem as principais dificuldades e os avanços no desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita de contos, e sua capacidade de analisar criticamente as obras literárias.
- Organizar, sistematizar, apresentar e analisar os dados gerados e coletados por esta pesquisa.

- ❖ Realizar leitura crítica do texto, identificar pontos que podem ser melhorados ou que necessitam de reestruturação, utilizar e aprimorar essas informações para realizar novas versões do texto.
- ❖ Desenvolver a habilidade de criar narrativas ficcionais, utilizando elementos narrativos, como personagens, espaço, tempo, conflito, clímax e desfecho.

Por fim, a pesquisadora informa que o projeto “Contos em *book trailer*: uma experiência de aprendizagem com estudantes do 9º ano na cidade de Alta Floresta-MT” foi submetido, em 24/04/2024, à análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da Plataforma Brasil. A proposta teve como instituição proponente a UNEMAT, sendo aprovada[12] em sua versão 3, com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 79303124.4.0000.5166.

4.1 A escola e os sujeitos da pesquisa

A Escola Estadual Rui Barbosa (Figura 2) está localizada no município de Alta Floresta-MT, na Avenida Minas Gerais, nº 46, no bairro Cidade Alta, uma área periférica da cidade. O entorno da escola conta com ruas asfaltadas, o que facilita o acesso dos discentes e da comunidade escolar. A instituição atende alunos do Ensino Fundamental, Anos Finais, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), distribuídos nos períodos matutino, vespertino e noturno.

A escola possui uma infraestrutura que contempla quadra poliesportiva coberta, biblioteca, banheiros, 16 salas de aula climatizadas, refeitório coberto, sala de recursos, secretaria, sala pedagógica para atendimento psicossocial, sala dos professores, sala de direção, sala de coordenação, salas destinadas à administração e um amplo espaço voltado à recreação dos educandos. Além do mais, o corpo docente da unidade escolar é composto de 80 professores, o que contribui para a diversidade de saberes e a qualidade do ensino ofertado.

[12] Comprovante de aprovação do projeto pelo Comitê de ética: Acessar o link https://drive.google.com/file/d/154u5D_AjafALjWqOXAn5hYjmHhcS0EkD/view?usp=sharing.

Figura 2 - Escola Estadual Rui Barbosa



Fonte: Acervo pessoal (2024).

4.1.1 Evolução da participação e do desempenho no IDEB e no AVALIA-MT: análise dos últimos três anos na EE Rui Barbosa

De acordo com o Portal de Transparência, no ano de 2023, a Escola Estadual Rui Barbosa atendeu 1.192 alunos matriculados. Dentre as turmas do Ensino Fundamental, escolhemos trabalhar com o 9º ano “A”, do período matutino. Os dados a seguir demonstram os índices da escola na última avaliação realizada no ano de 2023.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) apresentou resultados variados nas diferentes etapas de ensino. A EE Rui Barbosa obteve suas melhores notas nos Anos Iniciais, com média 5,2 nas três categorias avaliadas. Já os Anos Finais alcançaram uma posição intermediária, com nota de 4,2. Por outro lado, observou-se uma piora no desempenho do Ensino Médio. Os resultados podem ser observados na Figura 3.

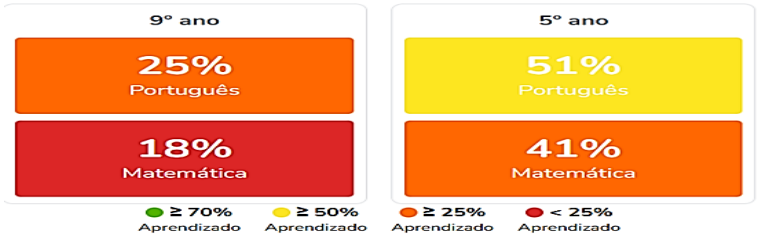
Figura 3 - Indicador de qualidade do ano de 2023



Fonte: INEP (2023).

Os dados expostos na Figura 4 apresentam os percentuais de estudantes com aprendizado adequado em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental I, especificamente nos 5º e 9º anos. De acordo com os dados da mesma fonte, em Língua Portuguesa, os alunos do 9º ano alcançaram apenas 25% de aprendizado adequado, enquanto os do 5º ano atingiram 51%. Em Matemática, a situação é semelhante: o 5º ano se destacou novamente, com 41% de acertos, em contraste com os 18% do 9º ano (INEP, 2023). Esses resultados colocam o 9º ano abaixo da média, de acordo com o monitoramento da qualidade da Educação.

Figura 4 - Índice em alerta da disciplina de Língua Portuguesa



Fonte: INEP (2023).

Diante das médias insatisfatórias, torna-se essencial adotar medidas que possibilitem elevar o desempenho dos educandos do estado de Mato Grosso, posicionando-os em um patamar mais elevado no ranking nacional. Com o objetivo de promover uma prática consistente de estudos entre os estudantes e prepará-los para avaliações externas, a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT) implementou políticas educacionais e ferramentas de monitoramento de desempenho, com vistas a melhorar os índices expostos.

Nesse contexto, com a finalidade de monitorar o desempenho escolar e elevar os índices educacionais, a SEDUC estabeleceu parceria com o Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAED-UFJF). Dessa colaboração surgiu o sistema de avaliação Avalia-MT, desenvolvido para aferir o rendimento dos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Em seguida, apresentamos os dados de participação dos discentes da EE Rui Barbosa nas avaliações do sistema Avalia-MT, ao longo dos últimos três anos. A instituição registra um crescimento tanto no número de participantes quanto nas notas obtidas, o que reflete o empenho dos professores envolvidos com as turmas avaliadas.

Embora nossa pesquisa tenha como foco o ano de 2023 e a turma do 9º ano “A”, para fins de contextualização, faremos uma breve análise dos três últimos anos de aplicação da avaliação externa nessa mesma turma. Ressaltamos que essa avaliação é realizada bimestralmente, ao final do uso do material estruturado. Sua finalidade é funcionar como um mecanismo de fiscalização, para verificar se o professor tenha efetivamente trabalhado o conteúdo oferecido pelo governo. Isso se dá porque algumas questões da avaliação são diretamente relacionadas ao material fornecido, o que garante o alinhamento do ensino com as diretrizes estabelecidas.

Para que os resultados médios dessas avaliações externas possam ser generalizados, o ideal seria alcançar uma taxa de participação superior a 80% dos estudantes previstos. Com esse propósito, apresentamos os números absolutos de participantes e a respectiva taxa de participação, aspecto que permite uma comparação entre o quantitativo esperado e o efetivamente alcançado, conforme ilustra a Figura 5.

Figura 5 - Taxa de participação



Fonte: CAED (2023).

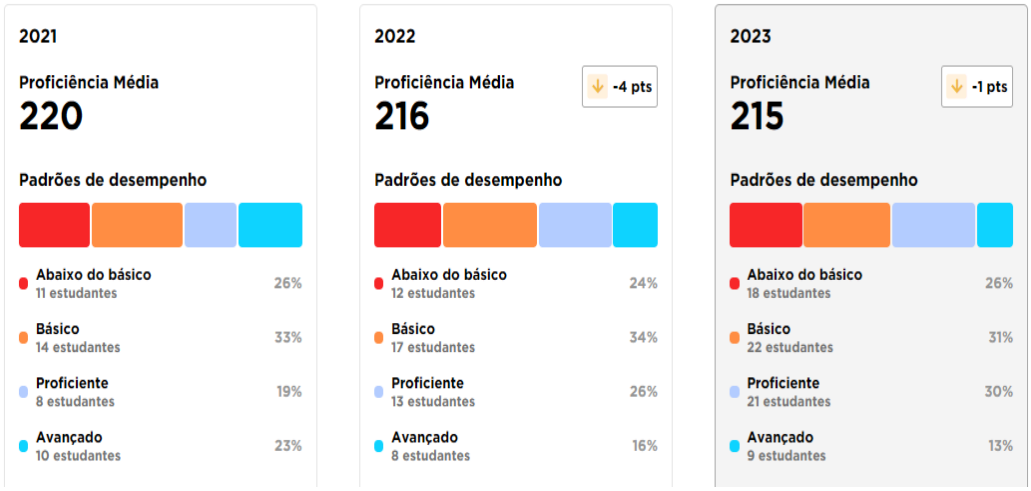
No ano de 2021, a taxa de participação foi de 51%, com 43 dos 84 alunos previstos realizaram a avaliação. Em 2022, houve uma leve melhora, com participação de 50 dos 83 educandos esperados, o que resultou em uma taxa de 60%. Em 2023, o índice de adesão subiu para 70%, com 70 dos 100 discentes previstos. Ao analisar os três anos, verificamos um crescimento de 10% na taxa de participação. Todavia, o patamar ideal de 80% ainda não foi atingido.

Para o ano de 2024, a escola estabeleceu metas para aumentar o engajamento dos estudantes. Entre as estratégias propostas, destacam-se o incentivo ao aumento do fluxo de alunos e de turmas no dia da avaliação, bem como a oferta de premiações. Dentre essas premiações, incluem-se uma rodada de pizza para a turma com maior

nota e recompensas individuais para os melhores discentes de cada turma. Tais ações têm demonstrado resultados positivos.

Os principais indicadores de desempenho divulgados nas avaliações somativas são a Proficiência média e a Distribuição dos estudantes em relação aos padrões de desempenho. Os dados, ilustrados na Figura 6, são de livre acesso à escola e incluem os resultados individuais dos educandos avaliados.

Figura 6 - Padrão de desempenho



Fonte: CAED (2023).

No ano de 2021, a distribuição dos alunos em relação aos padrões de desempenho foi a seguinte: 26% (11 estudantes) ficaram abaixo do nível básico; 33% (14 discentes) atingiram o nível básico; e 23% (8 educandos) alcançaram o nível avançado. Portanto, os alunos não atingiram uma nota considerada razoável para os padrões de proficiência média naquele ano.

No ano seguinte, a escola apresentou uma melhora significativa. Em 2022, 24% (12 estudantes) ficaram abaixo do básico; 34% (17 discentes) atingiram o nível básico, 26% (13 educandos) chegaram ao nível proficiente; e 16% (8 estudantes) alcançaram o nível avançado. Esse avanço demonstrou um progresso em relação aos resultados de 2021.

Em 2023, com o aumento da participação dos estudantes para 70%, a distribuição foi a seguinte: 26% (18 alunos) ficaram abaixo do básico; 31% (22 discentes) atingiram o nível básico; 30% (21 educandos) chegaram ao nível proficiente; e 13% (9 estudantes) atingiram o nível avançado. Dados que evidenciam uma evolução contínua, embora ainda haja espaço para melhorias.

Esses resultados estão diretamente relacionados às avaliações aplicadas pelo Sistema de Avaliação Educacional de Mato Grosso (Avalia-MT), em 2023, que constituem o foco da nossa pesquisa, particularmente, envolvendo discentes do 9º ano “A” do Ensino Fundamental. A avaliação baseia-se em descritores, enquanto os professores desenvolvem seu trabalho com um material didático estruturado, dividido em quatro unidades extensas por bimestre.

O ritmo é bastante acelerado, pois é preciso cobrir todo o conteúdo previsto. Isso se deve ao fato de que a prova pode conter questões sobre tópicos que ainda não foram abordados durante o bimestre. Além disso, todas as escolas do estado são obrigadas a seguir esse material estruturado, o que limita a flexibilidade no planejamento e na execução das aulas, fato que dificulta, por exemplo, um trabalho mais aprofundado com os descritores.

Ressaltamos que, após a divulgação dos resultados, os coordenadores, com base nas avaliações, reúnem os professores de cada turno. Nessas reuniões, exibem os níveis de proficiência mais baixos, identificados na aprendizagem dos alunos que apresentaram defasagem, para que seja elaborado um plano de recomposição das habilidades.

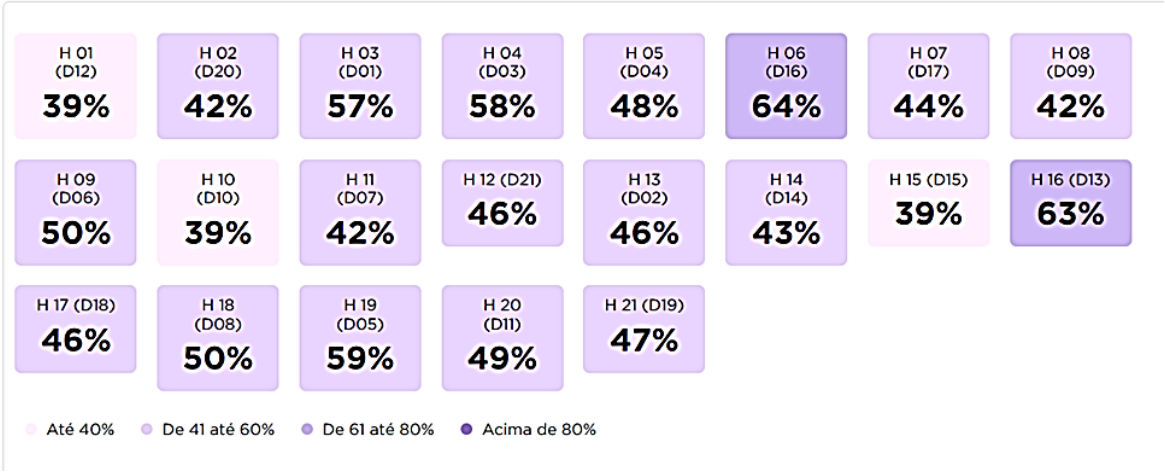
Durante esses encontros, são estabelecidos pontos de atenção para a recomposição da aprendizagem, traçadas metas e destacada a necessidade de consolidar o aprendizado dos educandos nas habilidades em defasagem, com o objetivo de melhorar o ensino. Uma das exigências é a elaboração de um planejamento diferente daquele anteriormente aplicado em sala, visto que o discente não compreendeu o conteúdo. O novo planejamento precisa utilizar uma das metodologias ativas, tanto na elaboração do plano de recomposição quanto na implementação de estratégias que visem à melhoria dos resultados nas avaliações dos próximos bimestres.

Uma das competências avaliadas foi a H10 (D10), a qual consiste em identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa. Para esta pesquisa, escolhemos o gênero conto como foco, com o intuito de preparar os estudantes para as avaliações. Ao trabalhar com esse gênero, buscamos auxiliá-los na consolidação do conhecimento e na compreensão dessa habilidade, de modo a oferecer suporte para que desenvolvam tal competência de forma eficaz.

Além disso, ao analisarmos os resultados da Escola Estadual Rui Barbosa, localizada em Alta Floresta-MT, local onde o projeto foi implementado, notamos que

o desenvolvimento das competências e dos descritores avaliados não atingiu um patamar satisfatório, conforme explicita a Figura 7. A taxa de acerto em relação à compreensão dos elementos básicos da narrativa, especificamente a competência H10 (D10), foi de apenas 39%, o que indica a necessidade de aprimoramento nessa área.

Figura 7 - Habilidade em destaque



CAED (2023).

Diante da defasagem observada, propomos contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos discentes, com vistas na execução eficaz do projeto. Para tanto, tivemos a preocupação de desenvolver a sequência didática por meio do projeto "Contos em *book trailer*: uma experiência de aprendizagem com estudantes do 9º ano na cidade de Alta Floresta-MT", com objetivos que pudessem contribuir para o fortalecimento da habilidade em questão.

O gênero textual conto, por sua natureza breve, permite que, ao longo dos módulos, seus elementos sejam evidenciados de forma clara pelos alunos. Com uma estrutura bem definida, que inclui início, desenvolvimento e conclusão, esse gênero apresenta um conflito central facilmente reconhecível pelos leitores.

4.2 Desenvolvendo Habilidades de Leitura e Produção Textual na sequência didática

No que se refere ao ensino das habilidades de leitura e produção textual, é pertinente elencarmos que tais competências estão presentes na BNCC, de 2018. O

eixo da leitura envolve diferentes tipologias e gêneros textuais, importantes para desenvolver uma reflexão crítica que contribua para o conhecimento produzido por meio de uma formação integral.

A esse respeito, a BNCC presume:

> leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais (Brasil, 2018, p. 72).

A BNCC sugere estratégias que envolvem práticas multiletradas e interativas, capazes de atender às exigências de um mundo globalizado. Quanto ao eixo da produção textual, ressaltamos sua relevância para o desenvolvimento das habilidades de escrita. Logo, a escrita deve ser planejada, de modo a envolver gêneros textuais diversos.

Nesse contexto, a sequência didática foi estruturada com base no gênero conto. Por esse motivo, organizamos as práticas de leitura, interpretação e escrita com a finalidade de que os estudantes produzirem seus contos, os quais dariam origem ao produto educacional em formato de *book trailer*.

De acordo com Solé (2014), é de suma relevância comunicar claramente aos educandos a finalidade da leitura do texto. Essa ênfase é destacada pela autora, que aponta a ampla variedade de objetivos e finalidades que levam o leitor a se posicionar diante de um texto. Entre esses objetivos, ela cita: o devaneio, o preenchimento de um momento de lazer, o desfrute estético, a busca por uma informação concreta ou o seguimento de pauta ou instruções para realizar determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo).

Nesse sentido, para dar suporte ao projeto e atender ao documento normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens e do ensino nas redes escolares, salientamos os seguintes objetivos ordenados no corpo deste trabalho:

a) Permitir ao aluno apreciar a arte literária por meio da leitura do gênero conto, com o intuito de estimular a criatividade a partir de narrativas escritas por grandes escritores da literatura brasileira. Para tanto, almejamos desenvolver as seguintes habilidades previstas pela BNCC:

- (EF69LP53): Ler em voz alta textos literários diversos: como contos de amor, de humor, de suspense, de terror – contar/recontar histórias tanto da tradição oral

(causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros), expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc.

- (EF89LP33): Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – contos contemporâneos, minicontos, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
- (EF69LP07): Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.
- (EF08LP04): Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc.
- (EF69LP46): Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias e leituras dramáticas.
- (EF89LP35): Criar contos com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita.

Frisamos que o plano de trabalho para o desenvolvimento das habilidades descritas acima teve a duração de um bimestre letivo, com quatro horas/aula semanais. A posteriori, descrevemos a metodologia desta investigação.

5 MÓDULOS DE ENSINO – A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para a aplicação desta pesquisa de intervenção, desenvolvemos uma sequência didática (SD), sistematizada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com o objetivo de promover o letramento literário dos alunos do 9º ano “A” do Ensino Fundamental da escola mencionada. A proposta foi focada em um gênero textual, seja ele oral ou escrito.

No que se refere à abordagem para a leitura dos contos, utilizamos as estratégias de leitura descritas por Isabel Solé (2014). Para a realização da investigação proposta, analisamos as seguintes narrativas: “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles; “A cartomante”, de Machado de Assis; “O homem nu”, de Fernando Sabino; “Plebiscito”, de Artur Azevedo; “O compadre e a morte”, de Luís da Câmara Cascudo; e “As formigas”, também de Lygia Fagundes Telles.

De forma concisa, a ideia da SD, conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), consiste na apresentação da situação (isto é, a apresentação aos discentes sobre o que será realizado), seguida de uma primeira produção textual. Na sequência, são desenvolvidos os módulos necessários e, por fim, realiza-se a produção final.

No primeiro módulo, o professor solicita aos educandos que produzam um texto do gênero designado para a situação proposta e detalha previamente como essa produção será realizada. Para esta pesquisa, direcionada ao gênero conto, foi sugerido que o texto dos alunos incluísse os seguintes elementos: personagens, enredo, tempo, espaço, diálogos, conflito e clímax.

A primeira produção tem como objetivo verificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre o gênero exigido e serve como um diagnóstico das dificuldades identificadas. Com base nos resultados, o professor selecionará os pontos críticos que caberão intervenção, mostrando ao educando a direção que deverá seguir.

Os módulos, por sua vez, constituem os pontos de compreensão acerca do que os discentes dominam em relação ao gênero, bem como do que ainda necessita ser desenvolvido para que suas produções correspondam, de forma satisfatória, ao diálogo proposto inicialmente. A partir dessa análise, passa-se à construção dos módulos das atividades que deverão ser percorridas.

No que tange à leitura dos contos, adotamos as estratégias de leitura desenvolvidas por Isabel Solé (2014), dispostas em três momentos distintos: antes da leitura, durante a leitura e depois da leitura. Para a autora, “as estratégias de

compreensão leitora são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança" (Solé, 2014, p. 70).

De acordo com Solé (2014), as estratégias de compreensão leitora são fundamentais para o garantir engajamento significativo dos estudantes na leitura, porque propiciam atingir diversos objetivos. Elas articulam o planejamento de ações e etapas importantes que fortalecem essa prática em sala de aula.

A autora complementa que tais estratégias de leitura, por serem passíveis de mudanças, podem ser adaptadas ou modificadas pelo professor, que dispõe de flexibilidade para adotá-las ou complementá-las conforme os objetivos estabelecidos. Tal possibilidade decorre do fato de que muitas dessas estratégias incluem práticas utilizadas pelos docentes em sala de aula para facilitar a compreensão dos textos. Portanto, são atividades que os leitores empregam para compreender e interagir com o texto.

A esse respeito, Kleiman (2002, p. 49, grifos da autora) salienta:

> quando falamos de ESTRATÉGIAS DE LEITURA, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira com que ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê.

Para Kleiman (2002), que também contribui com reflexões sobre estratégias de leitura, estas são compreendidas como um conjunto de operações que podem ser observadas a partir do comportamento do leitor. Operações que se manifestam por meio de comportamentos verbais e não verbais, como o tipo de resposta a perguntas, a elaboração de resumos e, até mesmo, a maneira como o leitor manipula o texto.

Nesse âmbito, as observações são feitas por meio de procedimentos diversos, como: destacar partes importantes do texto, folhear rapidamente sem se deter em trechos específicos; reler partes do texto para captar melhor seu conteúdo; ou reformular o texto com as próprias palavras. Segundo a autora, cada uma dessas ações exprime uma estratégia de leitura diferente e pode ser utilizada de acordo com o objetivo do leitor. Aspectos essenciais para desenvolver uma leitura crítica e

reflexiva, de modo a permitir ao leitor interagir de maneira mais profunda e significativa com o texto lido (Kleiman, 2002).

5.1 Antes da leitura

As estratégias anteriores à leitura possibilitam ao leitor se familiarizar e estabelecer uma aproximação com o texto que será lido. Tal ação permite que ele acompanhe a leitura com uma compreensão inicial sobre os assuntos que o texto abordará, bem como sobre seus objetivos. Essas estratégias têm como finalidade ativar os conhecimentos prévios relevantes, situa o leitor no contexto e possibilita sua participação ativa na leitura. Além disso, visam despertar o interesse do aluno pelo texto que será trabalhado.

Solé (2014) propõe as seguintes abordagens para esse momento: motivação, definição de um objetivo de leitura, levantamento de conhecimentos prévios, formulação de perguntas e exploração de recursos como imagens e títulos. Para a pesquisadora,

> [...] é imprescindível que professores e professoras explorem os conhecimentos dos alunos sobre o texto escrito [...] O ensino planejado e implementado na sala de aula deve partir desses conhecimentos, pois a partir deles é que as crianças poderão progredir (Solé, 2014, p. 63).

Conforme destaca Solé (2014), é fundamental planejar atividades a serem contempladas antes da leitura. Coletar o conhecimento prévio dos educandos sobre como enxergam ou entendem o mundo ao seu redor facilita um aprendizado mais significativo e permite avanços com base no que já sabem.

Ademais, ao explorarem e valorizarem essa ação em sala de aula, os docentes incentivam o crescimento e o desenvolvimento intelectual dos alunos, processo que valoriza a bagagem de conhecimento cultural que o discente possui e estabelece confiança e interesse pela aprendizagem. A valorização torna-se ponto de partida para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Assim, será relevante que os estudantes aprendam “[...] que suas contribuições são necessárias para a leitura e veem nesta, um meio de conhecer a história e verificar suas próprias previsões” (Solé, 2014, p. 109).

É importante, destarte, que os discentes percebam que, para atingir uma boa compreensão e um desenvolvimento satisfatório na leitura, é importante que participem ativamente, por intermédio de contribuições com ideias que ajudem a explorar melhor os textos. Essa ação possibilita que verifiquem suas próprias previsões, a fim de enriquecer seu entendimento e criar um vínculo positivo com o conhecimento.

5.2 Durante a leitura

Essa etapa compreende a maior parte da atividade de compreensão textual. É nesse momento que se constroem as interpretações possíveis. Solé (2014, p. 118) propõe, para essa fase, atividades que requeiram dos alunos: “formulação de perguntas sobre o que foi lido; formulação de previsões sobre o texto; o estabelecimento de suas possíveis dúvidas sobre o texto; o resumo das ideias contidas no texto”.

São essas ações de leitura, realizadas durante esse momento, que permitem a realização de inferências sobre o texto lido. A estratégia aplicada após a leitura auxilia na retomada e na reflexão sobre as relações estabelecidas anteriormente, de modo a auxiliar o educando a desenvolver vários tipos de atividades cognitivas. Tais atividades permitem que os discentes critiquem, elaborem opiniões, façam comparações, estabeleçam conexões pessoais com outras obras, compreendam relações de causa e efeito presentes no enredo, considerem as intenções e os pontos de vista do autor, e apliquem as informações novas adquiridas com a leitura. Para finalizar, Solé (2014) complementa a discussão sobre competência leitora à luz dos relatórios de avaliação do Pisa (2000, 2003 e 2004) e afirma:

> a competência leitora consiste na compreensão e no emprego de textos escritos e na reflexão pessoal a partir deles, com a finalidade de atingir as metas próprias, desenvolver o conhecimento e o potencial pessoal e participar na sociedade (Solé, 2014, p. 157).

Para a pesquisadora, a competência leitora não se restringe à decodificação de palavras. Ela envolve também a compreensão de significados, a interpretação de informações subentendidas e a articulação do conteúdo lido com os conhecimentos adquiridos em suas vivências culturais e sociais, com vistas a realizar metas pessoais.

Solé (2014) acrescenta que faz parte da competência leitora a capacidade de questionar e refletir sobre a leitura dos textos realizados, com o intuito de formar opiniões próprias. Habilidade que se mostra essencial para o desenvolvimento do conhecimento e do potencial pessoal, além de fortalecer a participação ativa do indivíduo na sociedade à qual pertence. Ou seja, a compreensão do texto escrito é uma habilidade fundamental para que os estudantes desenvolvam suas próprias opiniões e ampliem seus conhecimentos com base nas leituras que realizam.

5.3 Depois da leitura

O terceiro passo a ser seguido, quanto às estratégias de leitura elaboradas por Solé (2014), é denominado “depois da leitura”. Tal momento consiste em propor atividades que sirvam de subsídio para a consolidação da compreensão do texto lido. Entre essas atividades, destacam-se: resumir, esclarecer dúvidas, promover o autoconhecimento e realizar previsões. Habilidades sugeridas para serem desenvolvidas após a leitura, a fim de auxiliar na compreensão textual, conforme definido pela autora:

> nas tarefas de leitura compartilhada, resumir significa expor sucintamente o que foi lido. Esclarecer dúvidas refere-se a comprovar se o texto foi compreendido, fazendo perguntas para si mesmo. Com o autoquestionamento pretende-se que os alunos aprendam a formular perguntas pertinentes para o texto em questão. A previsão consiste em estabelecer hipóteses ajustadas e razoáveis sobre o que será encontrado no texto, baseando-se na interpretação que está sendo construída sobre o que se leu e sobre a bagagem de conhecimentos e experiências do leitor (Solé, 2014, p. 119).

Durante as tarefas de leitura compartilhada, “resumir” inclui expressar, de maneira breve e direta, as ideias principais do texto. “Esclarecer dúvidas” implica comprovar se o conteúdo foi de fato compreendido, o que estimula a reflexão por intermédio de perguntas internas.

O “autoquestionamento” visa estimular os discentes a elaborarem perguntas relacionadas ao texto, o que permite aprofundar a análise crítica, aspecto que demonstra um nível avançado de compreensão e interação com a leitura. Atitude que confere nível avançado de aprendizado, pois faz com que o aluno avalie, analise e questione as informações apresentadas, em vez de apenas aceitá-las sem comprometimento de fazer um juízo crítico sobre o que foi lido.

Por sua vez, a “previsão” representa o momento em que o estudante demonstra maior engajamento com a leitura. Trata-se de um processo que pode ser descrito como a capacidade de pensar além do que está explicitamente escrito. Nesse estágio, o leitor busca estabelecer hipóteses, conectar ideias e tirar conclusões a partir do conteúdo lido. Além do mais, elabora suposições fundamentadas e coerentes sobre o que o texto ainda poderá apresentar e apoia-se em seus conhecimentos prévios e em suas vivências acumuladas. Na visão de Solé (2014, p. 77),

> entendo as situações de ensino/aprendizagem que se articulam em torno das estratégias de leitura como processos de construção conjunta, nos quais se estabelece uma prática guiada através da qual o professor proporciona aos alunos os ‘andaimes’ necessários para que possam dominar progressivamente essas estratégias e utilizá-las depois da retirada das ajudas iniciais.

Portanto, o ensino e a aprendizagem baseados nas estratégias de leitura, antes, durante e depois, constituem processos de construção conjunta entre professor e educandos. Nesse contexto, a principal meta é que o docente atue como guia e forneça os apoios necessários para que os estudantes desenvolvam, de maneira gradual e segura, a competência leitora em suas diversas dimensões.

Com o passar do tempo, à medida que os alunos desenvolvem maior proficiência na leitura, o apoio oferecido pelo docente pode ser gradualmente reduzido. Tal ação permite que os discentes passem a utilizar essas estratégias de forma independente. Ao aplicarmos de forma adequada, tais recursos facilitam a observação do progresso dos educandos rumo à autonomia leitora. Logo, eles tornam-se capazes de empregar, por conta própria, as estratégias de leitura. A seguir, exibimos a descrição das atividades realizadas, conforme o cronograma estabelecido nesta investigação.

5.4 Apresentação do projeto aos alunos

Dia: 13/08/2024 **Duração** 2 horas/aula (50 min)
Materiais: TV e computador.
Projeto: Sequência Didática com os alunos do 9º ano
Turma: 9º ano “A”
Disciplina: Língua Portuguesa

Objetivo da sequência didática: desenvolver as competências leitora e escritora dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, através da leitura e da produção de contos com temáticas diversas. Para isso, utilizamos a ferramenta *book trailer* como recurso pedagógico, visando enriquecer o repertório cultural e a comunicação dos estudantes da Escola Estadual Rui Barbosa, localizada em Alta Floresta-MT.

O início da pesquisa com a turma do 9º ano "A", da referida escola, ocorreu em 13 de agosto de 2024, durante o horário da aula. Nesse momento, demos uma pausa no conteúdo do Material Estruturado, cedido pelo governo, para apresentar aos alunos o projeto "Contos em *book trailer*: uma experiência da aprendizagem com estudantes do 9º ano na cidade de Alta Floresta-MT" e convidá-los a participar da pesquisa. a proposta foi organizada em 9 encontros, com sequências didáticas bem estruturadas, além do uso de materiais diversificados, com vistas a destacar como as habilidades de leitura e escrita seriam desenvolvidas ao longo do processo.

O diálogo aconteceu de forma esclarecedora, mostrando aos discentes a magnitude de participarem de uma pesquisa vinculada à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), instituição de ensino superior renomada em nosso estado. Destacamos, ainda, a necessidade de obter a autorização dos pais para que os educandos interessados pudessem participar da investigação. Na sequência, distribuímos os formulários exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com os dados pessoais dos alunos e de seus responsáveis.

Na oportunidade, explicamos que o trabalho final dos estudantes consistiria na criação de um *book trailer* baseado nos contos que eles iriam produzir. Percebemos, entretanto, que muitos demonstraram preocupação com essa etapa. Alguns mencionaram que seria "muito difícil fazer o vídeo", que "nunca tinham feito nenhum vídeo" ou que "não iam conseguir fazer". Apesar de serem usuários assíduos de redes sociais, sentiam-se inseguros em relação à criação de vídeos.

Para tranquilizá-los, esclarecemos que a produção dos *trailers* seria similar aos vídeos curtos que eles já conhecem, como os *trailers* de filmes. Enfatizamos que os esses materiais teriam como objetivo divulgar as histórias criadas por eles, com duração máxima de um minuto. Além disso, ressaltamos que o trabalho seria realizado em grupos de três discentes, com divisão de tarefas, a fim de evitar sobrecargas individuais. Informamos, também, que trabalharíamos semanalmente, às sextas-feiras, durante aulas geminadas.

Explanamos aos educandos que alguns contos selecionados para a pesquisa possuíam maior extensão, com mais de duas laudas. Por esse motivo, orientamos que não se prendessem ao tamanho dos textos, mas, sim, à temática abordada em cada narrativa. Reforçamos que, independentemente da extensão, eles se sentiriam atraídos pela história e iriam apreciá-la.

Almejamos despertar o interesse dos estudantes pelas temáticas apresentadas, por serem contemporâneas e relevantes para a sociedade atual. Destacamos que as narrativas estavam bem estruturadas e apresentavam os elementos típicos do conto, como personagens marcantes, diálogos, conflitos, clímax e desfechos surpreendentes.

Por fim, salientamos que os textos escolhidos para esta pesquisa foram escritos por renomados autores da literatura brasileira. Tais escritores são conhecidos por suas obras diversificadas, que abrangem poemas, contos, crônicas e romances. Muitos desses trabalhos, inclusive, foram publicados no exterior.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, DADOS E ANÁLISE

Neste capítulo, relatamos a realização dos módulos de ensino fundamentados na sequência didática (SD) de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A leitura e a análise dos contos foram amparadas nas estratégias de leitura desenvolvidas por Isabel Solé (2014). Além do mais, os dados coletados referem-se às atividades realizadas com os contos e à produção dos *book trailers*.

Salientamos que esta seção está dividida em sete títulos: “Venha ver o pôr do sol”, “A cartomante”, “O homem nu” , “Plebiscito”, “O compadre e a morte” e “As formigas” e *Book trailer:* avaliação final da pesquisa. Para a organização de cada módulo, foram incluídos os seguintes elementos: a habilidade trabalhada, o dia, a duração das aulas, os materiais utilizados, o objetivo e a metodologia. Cada aula teve duração de apenas 50 minutos.

6.1 Módulo 1: Leitura e análise do conto “Plebiscito” para criação de novo final

Dia: 13/09/2024 **Duração** 2 horas/aula

Materiais: texto impresso, caneta, papel, TV, computador, quadro e pincel.

Habilidade: EF69LP46

Objetivo: Exercitar a criatividade, criando desfechos que refletem a visão e a ideia dos discentes.

Metodologia: Reunir os alunos em grupos de três, apresentar a biografia do autor, realizar a leitura compartilhada e propor a reescrita de um novo final para a história.

Iniciamos a aula no dia 13/09/2024 e reiteramos a importância da participação de todos os sujeitos da pesquisa. Destacamos que seria desafiador atender apenas parte da turma, especialmente em razão do uso do material apostilado, que demanda explicações e direcionamentos contínuos.

Em seguida, dividimos a turma em grupos de três estudantes e realizamos a leitura do conto “Plebiscito”, com o objetivo de proporcionar um primeiro contato com esse gênero textual. Intentamos despertar a curiosidade dos educandos e estimular o interesse pela modalidade literária abordada.

Para isso, promovemos um momento de contato direto com os contos, de modo a incentivar a reflexão e os questionamentos durante a leitura. Ao final, os alunos

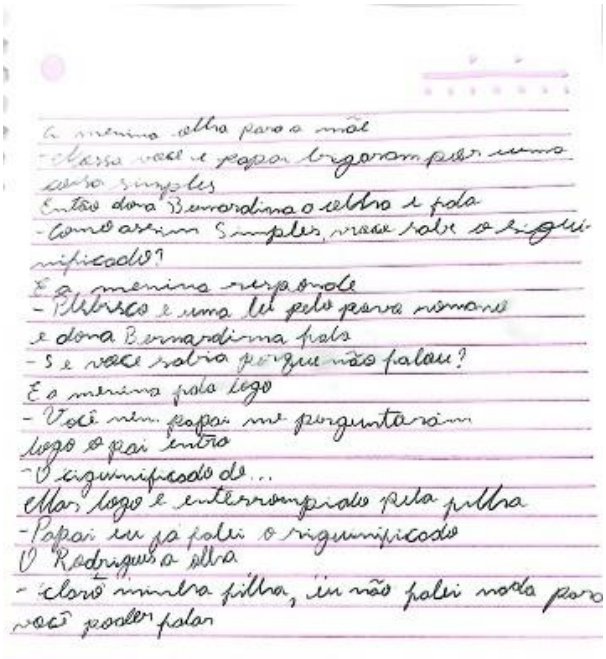
foram convidados a recriar um novo desfecho para a história, a fim de exercitar a criatividade e a interpretação pessoal do texto.

Após a leitura, percebemos que nenhum grupo havia compreendido completamente o conto. A principal dúvida dos discentes foi sobre o significado da palavra “plebiscito” (mesmo o próprio texto trazendo o sentido da palavra). Muitos relataram que nunca haviam ouvido esse termo. Diante disso, espelhamos o texto na TV da sala de aula para um dos participantes relê-lo em voz alta. Em seguida, recontei a história para facilitar a compreensão:

Uma família está reunida na sala, relaxam após o jantar, enquanto as crianças brincam e o pai lê o jornal. O filho pergunta o significado da palavra “plebiscito”. Embora o pai não saiba, tenta esconder sua ignorância, o que gera uma discussão familiar. Irritado, ele se retira para o quarto e consulta um dicionário. Os filhos sentem pena do pai e conversam com a mãe, que o chama de volta à sala. De posse da resposta, o pai retorna feliz e compartilha a informação com todos.

Após essa explicação, os grupos foram orientados a recriar um novo final para o conto. No entanto, recebemos apenas um texto produzido (Figura 8).

Figura 8 - Texto de aluno, novo final



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Nesse novo final, recriado por um dos alunos, a filha de Rodrigues se mostra indignada ao ver o pai e a mãe brigarem apenas porque nenhum dos dois sabiam o

significado da palavra “plebiscito”. Logo, decide resolver a situação e, para isso, explica o termo. No momento em que o Sr. Rodrigues retorna à sala, pronto para compartilhar o significado, a filha o interrompe e repete o que já havia dito. Espantado, o pai afirma que não respondeu antes porque esperava que ela desse a resposta.

6.2 Módulo 2: Primeira produção de texto

Dia: 27/09/2024 e 18/10/204 **Duração:** 4 horas/aula

Materiais: caderno e caneta.

Habilidades: EF89LP35 e EF08LP04.

Objetivo: Desenvolver a habilidade de criar narrativas ficcionais utilizando elementos narrativos, como personagens, espaço, tempo, conflito, clímax e desfecho.

Metodologia: Reunir os alunos em grupo e solicitar a produção inicial (Figura 9) de um conto, que inclua os elementos da narrativa.

Figura 9 - Produção inicial



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Nosso 2º módulo teve início no dia 2 de outubro de 2024, com a solicitação para que os grupos de discentes fizessem a primeira produção textual. Antes disso, explicamos como o gênero conto se caracteriza, que se trata de um texto curto, narrado em 1ª ou 3ª pessoa, no qual a história se desenvolve em torno de um enredo que origina os acontecimentos da narrativa.

Orientamos os estudantes quanto ao fato de que o conto, por ser uma narrativa breve, possui poucos personagens e espaços. Além do mais, explicamos que há

vários tipos de contos, como os realistas, populares, fantásticos, de terror, de humor, de assombração, infantis, de fadas entre outros. Tivemos a preocupação de apresentar toda a estrutura desse gênero, composta por quatro partes: apresentação do enredo, desenvolvimento dos acontecimentos, momento de tensão (clímax), presença do narrador e solução (desfecho).

Explicamos à turma todos os elementos necessários para o desenvolvimento da produção textual em grupo. No entanto, alguns alunos optaram por escrever individualmente, e decidimos respeitar essa escolha, tornando facultativa a modalidade de trabalho. Mesmo assim, percebemos que os discentes ainda se sentiam inseguros diante dessa primeira produção textual. A dificuldade se explica pela diferença significativa entre escrever de forma geral e elaborar um conto que atenda às características específicas do gênero.

Diante dessa dificuldade, decidimos retomar e analisar o conto “Plebiscito”, lido na aula anterior, como forma de aprofundar a compreensão dos elementos narrativos e oferecer maior embasamento para a estruturação dos textos dos educandos. Essa análise foi essencial para reforçar as características do gênero conto e orientar os estudantes sobre como produzir seus próprios textos. Iniciamos com destaque para os seguintes elementos do conto analisado:

Personagens: o casal Sr. Rodrigues e Dona Bernardina, e seus dois filhos (um menino e uma menina).

Local: sala de jantar.

Tempo cronológico: a cena ocorre em 1890.

Conflito: surge no momento em que o filho pergunta ao pai o significado da palavra “plebiscito”, visto que acredita que o pai saberia responder. Porém, o Sr. Rodrigues também desconhece o significado e, para não admitir isso, finge saber e evita responder diretamente. Para não ser desmascarado, retira-se para o quarto, onde consulta um dicionário.

Narrador: onisciente, em 3ª pessoa: “O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina, que continua muito ocupada com a gaiola”.

Clímax: ocorre quando o pai pesquisa no dicionário o significado da palavra e decide compartilhá-lo com os demais membros da família.

Desfecho: o pai retorna à sala satisfeito por ter recuperado sua autoridade diante da família e realizado por ter cumprido o papel de detentor do conhecimento.

Após essa análise, solicitamos novamente que os grupos de alunos realizassem sua primeira produção textual. Reforçamos que os textos produzidos precisariam contemplar todas as características do gênero conto, conforme explicações e discussões realizadas anteriormente. Essa orientação tinha como intuito garantir a presença dos elementos essenciais do gênero nos textos elaborados.

A primeira produção demandou um tempo considerável para ser finalizada e apresentou alguns desvios em relação às normas da língua. A maioria dos grupos demonstrou dificuldade para desenvolver um conflito na história, além de tenderem a escrever textos muito curtos. Percebemos, ainda, que a elaboração do texto se mostrou bastante desafiadora. Os educandos estavam inseguros por não conseguirem incluir, de forma articulada, todas as características do gênero.

Decidimos, então, proporcionar um prazo maior de duas semanas para que as primeiras produções ficassem prontas. Dessa forma, eles poderiam criar textos mais robustos e alinhados às características do conto. Como resultado, apresentamos, por intermédio da Figura 10, uma cópia da produção textual inicial que segue os critérios citados.

Ao analisar os textos produzidos, ficou evidente para a professora-pesquisadora a necessidade de reavaliar as produções, devido às dificuldades notadas. Em muitos deles, os elementos narrativos não estavam presentes. No texto intitulado “Acampamento escolar”, por exemplo, os estudantes escreveram quatro laudas em apenas um parágrafo. Não conseguiram organizar o discurso direto e apresentaram diversos desvios gramaticais, como erros de pontuação, concordância, regência e ortografia.

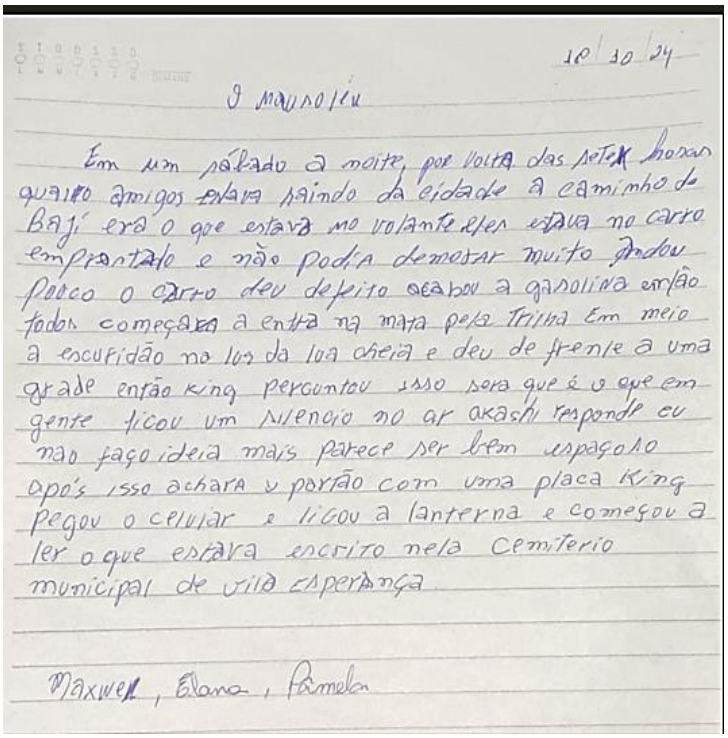
Nesse conto, um grupo de alunos do 9º ano vai a um acampamento e encontra uma casa em ruínas. Ao entrarem, veem um homem sair e descobrem um livro mágico, que se fecha repentinamente. Assustados pelos barulhos de vidros e gravetos se quebrando, percebem que não estão sozinhos. Decidem retornar ao acampamento para contar a experiência. No caminho, avistam um homem que anda na direção deles. Ao se aproximar, ele desmaia, e os discentes decidem socorrê-lo, levam-no para dentro do acampamento. Preocupados com o frio da noite, saem à procura de gravetos para fazer uma fogueira. Durante o percurso, Nadhia, cansada, senta-se sobre uma pedra, e sua amiga Beatriz a alerta para ter cuidado.

O texto, com duas laudas, foi escrito sem nenhum sinal de pontuação, além de apresentar desvios ortográficos e sem qualquer demarcação de diálogos. Segue o *link*

https://drive.google.com/file/d/1rX206TLMhW9o4AJ4fHHNEDXiZUP2dzGZ/view, que contém uma seleção de textos elaborados pelas duplas. Tais produções, nessa etapa, ainda não foram submetidas às devidas correções das normas gramaticais.

A seguir, analisamos um dos textos, intitulado “O mausoléu” (Figura 10).

Figura 10 - Produção inicial do grupo de estudante



10/10/24

O mausoléu

Em um sábado à noite, por volta das sete e meia quatro amigos estava saindo da cidade à caminho de Baji era o que estava no volante ele estava no carro emprestado e não podia demorar muito demorou pouco o carro deu defeito acabou a gasolina então todos começaram à entra na mata pela trilha Em meio à escuridão no luz da lua cheia e deu de frente à uma grade então King percuntou isso sera que é o que em gente ficou um silencio no ar akashi responde eu não faço ideia mais parece ser bem espaçoso após isso acharA o portão com uma placa King pegou o celular e ligou a lanterna e começou a ler o que estava escrito nela Cemiterio municipal de vila esperança

Maxwell, Eliane, Pâmela

Fonte: Acervo pessoal (2024).

O texto “O mausoléu” narra a história de quatro amigos que pegam um carro emprestado de um amigo e não podem demorar para devolvê-lo. Porém, a caminho de uma cidade chamada Baji, o carro fica sem gasolina. Diante disso, eles precisam seguir a pé por uma área de mata e se deparam com o portão do cemitério.

Observamos que o texto foi escrito sem o uso de pontuação e estruturado em apenas um parágrafo, o que compromete sua clareza. **Situação inicial:** quatro amigos saem para passear. **Tempo:** sábado à noite. **Narração:** 3ª pessoa. **Conflito:** a gasolina do carro acaba.

Após a entrega dos textos produzidos pelos alunos, iniciamos a leitura dos contos selecionados para esta pesquisa. São eles: “Venha ver o pôr do sol” e “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles; “A cartomante”, de Machado de Assis; “O homem nu”, de Fernando Sabino; “Plebiscito”, de Artur Azevedo; e “O compadre e a

morte”, de Luís da Câmara Cascudo. Tais textos foram escolhidos por abordarem diversas temáticas e por serem considerados clássicos da literatura brasileira.

Essas leituras integram uma estratégia pedagógica cujo objetivo é proporcionar aos discentes a oportunidade de conhecer diferentes estilos narrativos. Além do mais, exploram técnicas literárias que possam inspirar suas próprias produções. Ler ou ouvir uma variedade de contos enriquece o vocabulário, amplia as ideias e facilita a compreensão sobre a estruturação do gênero.

Almejamos, ainda, apresentar contos de qualidade que sirvam como modelos para a construção de personagens, o desenvolvimento de enredos e o uso eficaz de diálogos. Cada conto, com seu contexto único, pode despertar a criação de novas ideias nas narrativas dos educandos. Além disso, ao analisarem os contos, os estudantes desenvolvem um olhar crítico, bem como aprendem a identificar os elementos que tornam uma história cativante e coerente. Dessa maneira, passamos ao Módulo 3.

6.3 Módulo 3: Leitura do texto “A Cartomante”, de Machado de Assis

ANTES DA LEITURA

Dia 18/10/2024 e 23/10/2024 **Duração** 4 horas/aula

Materiais: texto impresso, caneta, papel, TV, computador, quadro e pincel.

Habilidade: EF69LP46

Objetivos: Analisar a capacidade dos estudantes na identificação e na interpretação dos componentes do gênero conto (personagens, enredo, tempo, espaço), bem como identificar e analisar elementos literários, como tema e enredo.

Metodologia: Reunir os grupos previamente estabelecidos nas aulas anteriores. No entanto, é importante ressaltar que foi concedida aos educandos a liberdade de escolherem desenvolver as atividades de forma individual ou em grupo. Informar à turma que, a partir desta aula, será iniciada a sequência didática voltada para a leitura dos contos mencionados na apresentação do projeto, começando com a “A cartomante”, de Machado de Assis. Abordar o ano de publicação da obra, apresentar a biografia do autor e, em seguida, realizar a leitura do conto.

Selecionamos o texto “A cartomante” para iniciarmos as análises dos contos, com fundamento metodológico nas estratégias de leitura propostas por Isabel Solé

(2014). Para tanto, antes da leitura, propomos os seguintes questionamentos aos discentes: O que vocês entendem sobre a palavra que dá título ao conto? Qual seria sua reação perante essa situação: “amante” de uma mulher casada, atende o chamado do marido traído para ir até a casa dele? Você seria amante da esposa de seu melhor amigo? Você mataria seu melhor amigo por estar tendo um caso amoroso com sua esposa? As respostas dos alunos foram registradas numa folha à parte, recolhidas ao final da leitura para posterior análise, com o intuito de verificar se as declarações estavam de acordo com o conteúdo do texto.

Após as discussões, iniciamos a leitura do conto. Em seguida, analisamos os questionamentos, debatemos o texto em sua totalidade e interagimos com os estudantes acerca da narrativa apresentada. Logo após, escutamos, por meio do *Youtube*, a adaptação do conto “A cartomante” no formato de radionovela, partes 1 e 2. A atividade teve o propósito de ampliar a compreensão do texto e permitir que os educandos percebessem as modificações ocorridas na transposição de gênero. Por fim, iniciamos a análise textual, com as respostas registradas no caderno. Os alunos foram orientados a identificar os eventos da história e os elementos que a compõem: ambientação, narrador, personagens (principal, antagonista e secundários), conflito, ponto máximo da trama e desfecho.

Seguindo a proposta de Isabel Solé (2014), que organiza a leitura em três etapas, propusemos, antes da leitura, uma reflexão inicial por meio das seguintes perguntas apresentadas no quadro, para serem respondidas pelos discentes.

1) O que você entende pela palavra “Cartomante”?

- Nunca ouvi falar dessa palavra.
- É uma pessoa que possui habilidades de prever o futuro e passado ou presente utilizando cartas como representação (Outra grande parte dos alunos repetiu o que estava escrito na internet).
- Pessoas que adivinham o futuro com cartas.

Constatamos que a palavra “Cartomante” era completamente desconhecida por alguns alunos. Uma das causas observadas foi sua apresentação de forma isolada, ou seja, fora do contexto em que foi empregada no texto. Essa falta de contextualização e de conexão com o universo dos estudantes dificultou a compreensão do termo, o que evidenciou a importância de introduzir novas palavras

de maneira contextualizada e associada a exemplos ou situações que façam sentido para os participantes.

> A palavra significa alguma coisa apenas em um enunciado concreto e integral. Fora do enunciado, somente pode haver uma possibilidade de significado, um significado abstrato, mas não um significado real. O verdadeiro significado de uma palavra é sempre determinado pelo contexto, pela situação, por quem fala e para quem se fala (Bakhtin, 1992, p. 95).

De acordo com Bakhtin (1992), uma palavra só adquire significado dentro de um contexto, o que permite ao leitor ou ouvinte compreender o assunto abordado. Fora da unidade real da comunicação, o significado permanece abstrato e subjetivo, sem alcançar sua plena significação. Isso ocorre porque o verdadeiro sentido de uma palavra é sempre determinado pelo contexto e pelas condições em que se encontram o falante e o ouvinte. O significado só se torna real ao ser inserido em uma situação real de comunicação. Prosseguimos com os questionamentos aos alunos.

2) Qual seria sua reação se você fosse amante de uma mulher casada e o marido dela o chamasse para ir até a casa dele? Justifique.

- Eu ficaria desconfiado e não iria por medo de ele me matar ou seria um burro se eu fosse.
- Ficaria sem saber o que fazer, mas iria até a casa dele.
- Pela situação parecer estranha, pessoalmente aceitaria ver o que ele quer dizer, mas no final eu iria e provaria que não acontece nada, mesmo que seja mentira. Inventaria uma história para justificar tudo isso.
- Seria de surpresa, pelo fato de seu marido suspeitar de algum caso entre eu e ela. Eu não iria porque poderia acontecer alguma coisa, como descobrir que sou amante da esposa dele.
- Eu iria na casa e ainda falaria que eu era amante e que todo dia que ele saía para trabalhar eu ia lá, ficar com a esposa dele.
- Eu ficaria com medo, vai que ele quer me matar.
- Eu iria ficar surpresa, porque eu ia achar que ele soubesse que eu era amante da mulher dele. Então eu não iria na casa dele.
- Eu iria ficar chocado, sem reação querendo ir embora logo. Sim eu iria.
- Eu iria para saber o que ele iria falar, mas ficaria um pouco com receio.

3) Você seria amante da esposa do seu melhor amigo?

- “Talaricagem” eu deixo para safado, mulher de amigos eu cumprimento no aperto de mão.
- Não seria, porque é meu melhor amigo.
- Não, porque eu não seria capaz de trair o meu melhor amigo na cara dura.
- Não, eu não faria isso com meu amigo porque nós temos laços de amizade muito fortes.
- Não, pois não gosto desses negócios de traição. Isso é coisa de gente safada. E eu sou uma menina de caráter e respeito.
- Não, eu tenho consideração pelos meus amigos.
- Não, pelo simples fato dele ser meu melhor amigo, eu teria consideração por ele e não faria isso.
- Não, porque ele é meu melhor amigo.
- Não, pois é o meu amigo, não faria isso com ele por consideração.

4) Você mataria seu melhor amigo por ele ser o amante de sua esposa?

- Não, mas ele serviria de exemplo, se é que você me entende.
- Sim, mataria e ainda compraria o caixão para ele.
- Não mataria, mas eu batia e ficava em pânico.
- Talvez sim, porque eu ficaria muito decepcionado com ele.
- Não, pois quem era casada era a minha esposa, não ele. Então eu iria desfazer a amizade.
- Sim, porque ele é meu melhor amigo e pegou minha esposa.
- Não, mas eu teria uma discussão com ele, mas não chegaria a matar. Porque eu sofreria as consequências depois.
- Não, mas também não continuaria a amizade.
- Não, pois não gosto desses negócios de traição. Isso é coisa de gente safada e sou uma menina de caráter e respeito.

As respostas dos nove grupos podem ser conferidas, na íntegra, no link: https://drive.google.com/file/d/1Wogow0uXhJzAw9mK4frOWaiAsTKgV5IB/view?usp=sharing.

As resoluções mencionadas anteriormente foram propostas com o objetivo de contextualizar os discentes em relação ao texto que iríamos analisar, ou seja, como

parte da estratégia “antes da leitura”. No entanto, essas produções se mostraram surpreendentes, revelaram o quanto nossos alunos são críticos, possuem um bom entendimento do mundo e demonstram consciência da realidade que os cerca. Além disso, evidenciaram uma rica diversidade de reações emocionais e de valores morais.

As respostas abordam temas como traição, amizade, justiça e emoções complexas, as quais envolvem sentimentos tanto positivos quanto negativos. Também refletem os princípios éticos aprendidos em seu meio familiar e reforçados no ambiente escolar. Ficamos surpresas com a maturidade e a profundidade das respostas, que demonstram como os estudantes lidam com situações hipotéticas de conflitos interpessoais.

Essa dinâmica dialoga diretamente com as ideias defendidas por Paulo Freire (1996), que sempre pregou uma educação não bancária. Para ele, os professores devem incentivar os discentes a pensarem criticamente sobre o mundo e a agirem de forma ética e responsável diante das situações que vivenciam.

As respostas dos educandos mostram que, ao serem estimulados a refletir sobre dúvidas morais e conflitos vivenciados por muitos seres humanos, são capazes de expressar opiniões de maneira autônoma e crítica, fato que demonstra uma compreensão significativa dos valores éticos e sociais. Isso reforça a relevância de uma educação que vá além da simples transmissão de conteúdos e promova a formação de cidadãos conscientes e participativos, como defende Freire (1996, p. 14):

> o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso ‘bancário’.

Para o autor, os professores devem reforçar a capacidade crítica dos alunos e sua curiosidade. Uma das formas de concretizar essa ação é a elaboração de atividades que exijam a participação ativa dos discentes na construção do conhecimento, gerem autonomia no aprendizado e contribuam com a formação de cidadãos críticos e engajados. Portanto, as questões mencionadas acima seguem essa linha ao permitirem que os participantes respondessem com base em seu conhecimento prévio, em consonância com as ideias defendidas por Freire (1996) e em oposição à educação bancária tantas vezes criticada por ele.

Em seguida, demos início à leitura do conto “A cartomante” (Figura 11), uma narrativa de estilo realista que aborda o tema do adultério e questiona os ideais românticos e a estrutura da família burguesa, por intermédio da ironia e da crítica. Esse texto é considerado um dos mais famosos de Machado de Assis, reforça o talento do autor, consagrado como um dos maiores nomes da literatura brasileira.

A dinâmica adotada para a leitura do conto consistiu em distribuir o texto entre os grupos e realizar uma leitura compartilhada, com o intuito de desenvolver habilidades de leitura, fluência, entonação e compreensão. Durante a leitura, ouvimos comentários como: “Professora, que texto difícil!”; “Tem muitas palavras complicadas”; “Não vou ler, é muito chato”; e “Por que que eu tenho que ler um texto desse tamanho?”. Os alunos demonstraram resistência, consideraram o texto extenso e, por isso, relataram não ter compreendido grande parte do conteúdo.

Essas reações destacaram a importância de uma mediação mais cuidadosa e estratégica, que busque não apenas facilitar a compreensão do texto, mas também despertar o interesse e promover a conexão dos educandos com a obra. Para isso, utilizamos a estratégia de mostrar como os temas presentes na narrativa, como o adultério entre Rita e Camilo, o feminicídio, a ironia, a crença em superstições como solução para problemas complexos e a crítica social à fragilidade do casamento na alta sociedade daquela época, ainda são atuais. Dessa forma, aproximamos a narrativa da realidade dos estudantes, relacionando-a com casos semelhantes frequentemente veiculados nas mídias que eles acompanham.

Figura 11 - Alunos fazendo leitura do texto



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Ao questionarmos os discentes sobre a compreensão do texto, a fim de verificar se todos acompanhavam a narrativa e de esclarecer possíveis dúvidas surgidas durante o processo, apenas a aluna Rafaela afirmou ter entendido o conto lido. Em

seguida, ela recontou trechos da história aos demais colegas. Diante disso, coube à professora realizar o reconto da história, com o intuito de propiciar aos discentes uma compreensão global do conto lido e, assim, sanar algumas dúvidas. Durante essa etapa, um aluno perguntou: “Professora, essa história é real? Ela aconteceu mesmo lá no Rio de Janeiro?”

Na sequência, explicamos que se tratava de uma obra de ficção, escrita por um autor clássico da literatura brasileira, pertencente ao estilo realista. Salientamos que uma das principais características desse estilo é a crítica à sociedade da época, no caso, o ano de 1884, quando a obra foi publicada, no Rio de Janeiro. Em seguida, exibimos na TV dois vídeos disponíveis no *YouTube*, uma radionovela intitulada “Cena Sonora - Rádio Novela, A cartomante” (Parte 1 e 2). *Link* para o vídeo: https://youtu.be/XYKR2aDrj_4?si=qTSEu2OYx0r1IwBU.

Os participantes demonstraram surpresa ao notarem mudanças na adaptação da história de “A Cartomante” para o vídeo. Explicamos que é muito comum que adaptações de livros para o cinema ou outras mídias envolvam cortes ou alterações na trama. Tal fato ocorre porque certas cenas que funcionam bem no texto escrito podem precisar de ajustes para alcançar um efeito visual mais impactante. Um exemplo foi o personagem informante, chamado pelos educandos de “fofoqueiro da cartomante”. Esse personagem foi criado apenas para o vídeo e não aparece no conto original.

Além do mais, os estudantes comentaram que, na adaptação, a cartomante não demonstra ter poderes de adivinhação. Ela apenas repassa informações previamente obtidas por meio de espionagem realizada por seu ajudante. Abordagem diferente do conto original, em que o autor deixa claro que o caso amoroso já era de conhecimento público na cidade, o que facilitaria ao ajudante o acesso às informações. Concordamos com essa observação feita pelos participantes.

Após a leitura, fizemos a análise das características do conto por intermédio das seguintes perguntas: Quem são os personagens do conto? Separem os personagens em protagonista e antagonista. Qual é o espaço em que os fatos ocorrem? Qual é o conflito vivido pelos personagens? Qual é o foco narrativo do texto? Qual é o clímax do texto? Como é o desfecho do texto? Nosso objetivo com as perguntas foi auxiliar os alunos a compreenderem melhor a estrutura dos contos e, consequentemente, produzirem suas próprias narrativas com maior autonomia.

A iniciativa mostrou-se especialmente relevante diante dos dados apresentados pelo site Avalia-MT. De acordo com a plataforma, uma das áreas em que os discentes da Escola Estadual Rui Barbosa demonstram baixo desempenho e que necessita de aprimoramento é a competência H10 (D10): “Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa”. Apenas 39% dos alunos do 9º ano obtiveram acertos nessa competência, o que evidencia a urgência de ações pedagógicas voltadas ao seu fortalecimento. Desse modo, as perguntas elaboradas para esta pesquisa visaram não apenas fortalecer a compreensão dos estudantes sobre a estrutura dos contos, mas também contribuir diretamente para o desenvolvimento da competência H10 (D10), auxiliando-os a superar essa lacuna de aprendizagem.

Essa abordagem, ao ser aplicada de maneira contínua, favorece o desenvolvimento da habilidade de escrita de contos na produção final dos educandos. Para garantir que o processo fosse efetivo, as perguntas foram incorporadas em todos os módulos dos contos selecionados para leitura, de modo a assegurar uma abordagem sistemática e abrangente ao longo do processo de aprendizagem dos participantes. Desta feita, a repetição e a prática constante dessas questões possibilitaram aos alunos compreenderem os elementos estruturais dos contos, com vistas a consolidar o aprendizado teórico e a capacidade de aplicá-lo em suas próprias produções textuais.

Na sequência, faremos a análise das características narrativas do conto com base nas perguntas apresentadas no quadro em sala de aula. Ao final da atividade, as respostas foram recolhidas por grupo de discentes. Tal dinâmica propiciou uma participação ativa dos grupos e facilitou a organização e o registro das reflexões compartilhadas durante a análise.

O link https://drive.google.com/file/d/1YbZJrYK4CRCuBjcDHY8XbWsramhihKD/view?usp=sharing.com reúne as atividades de análise, compostas por seis alternativas, nas quais os estudantes registraram suas respostas. Ficou evidente que, durante a leitura dos textos, os educandos demonstraram preferência pela leitura em grupo. Todavia, ao realizarem as atividades propostas, optaram por respondê-las de forma individual. O questionário foi respondido pelos alunos cujas análises serão apresentadas a posteriori. Optamos por não identificar os nomes, a fim de preservar sua privacidade.

Após a aplicação da atividade e a coleta das respostas, realizamos a correção com o intuito de identificar acertos e erros, e verificar quais conceitos foram compreendidos corretamente e quais demandam maior atenção. Observamos que ainda é realmente necessário fortalecer nos estudantes a habilidade H10 (D10): “Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa”, pois algumas dificuldades permaneceram evidentes.

Verificamos, por exemplo, que alguns discentes precisam consolidar a distinção entre personagem protagonista e antagonista. Além disso, a análise do clímax ficou incompleta, com frases que não foram devidamente desenvolvidas. Em certos casos, os educandos apenas citaram os nomes dos personagens, sem diferenciá-los de forma clara, entre protagonista e antagonista. Também foram identificadas cópias de trechos da internet, em vez de uma transcrição original sobre o espaço e o clímax da narrativa. De forma adicional, notamos a apresentação de frases incompletas na indicação do conflito, além de erros na identificação do foco narrativo, erroneamente classificado como sendo em 2ª pessoa.

Além do mais, alguns alunos apresentaram respostas muito semelhantes entre si, com trechos copiados da internet, especialmente na parte referente ao clímax. Outrossim, cometeram equívocos ao analisar o conflito vivido pelos personagens, o que demonstra falta de compreensão desse elemento narrativo. Tais pontos reforçam a necessidade de propor atividades que incentivem uma análise mais autônoma e assertiva por parte dos estudantes, com vistas a evitar a dependência de cópias e promover a consolidação dos conceitos.

6.4 Módulo 4: Leitura do texto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles

ANTES DA LEITURA

Dia: 24/10/2024 e 25/10/2024 **Duração:** 4 horas/aula

Materiais: texto impresso, caneta, papel, TV, computador, quadro e pincel.

Habilidade: EF69LP53

Objetivo: Analisar a capacidade dos alunos na identificação e na interpretação dos componentes do gênero conto (personagens, enredo, tempo e espaço), bem como identificar e analisar elementos literários, como tema e enredo.

Metodologia: Solicitar que os discentes se reúnam nos grupos formados nas aulas anteriores para realizarem a leitura. Quanto à execução das atividades propostas, os educandos terão a liberdade de realizá-las individualmente, caso prefiram. Além do mais, explicar que, a partir desta aula, daremos continuidade à SD de leituras de contos, iniciada na aula anterior. Em seguida, distribuir cópias do conto a ser lido: “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles.

Antes da leitura, propor os seguintes questionamentos: O texto que vamos ler chama-se “Venha ver o pôr do sol”. Sobre o que você acha que o texto vai tratar? Justifique sua resposta. Qual seria sua reação diante da seguinte situação: Você aceitaria o convite de seu ex-namorado para reencontrá-lo novamente? Justifique. Na sequência, ler com os estudantes a biografia da autora e o conto. Após a leitura, ouvir, de forma voluntária, o reconto da história pelos educandos.

Depois da discussão, assistir ao filme com o mesmo título do conto, disponível no *YouTube* (partes 1 e 2), com o intuito de esclarecer melhor algumas partes do texto e observar o possível cenário em que a história se passa. Posteriormente, transcrever no quadro as duas perguntas feitas, com as respostas dadas pelos alunos antes da leitura. Em seguida, dar continuidade às análises.

Durante esse módulo, os discentes responderam duas perguntas: A primeira foi:

1) O texto que vamos ler chama-se “Venha ver o pôr do sol”. Sobre o que você acha que o texto vai falar? Justifique.

- Acho que vai falar sobre o pôr do sol.
- Sobre o pôr do sol, acredito que sobre alguém ir ver o pôr do sol de perto ou algo assim.
- Eu não queria nem.
- Talvez sobre o reencontro de duas pessoas que se conversaram na infância e, depois de vários anos, eles se encontraram e admiraram o pôr do sol que sempre admiraram.
- A história é de dois ex-amantes, em que Ricardo era apaixonado por Raquel, porém ela troca ele por um cara rico.
- Acho que fala sobre uma pessoa ir assistir ao pôr do sol de perto.
- Sobre uma paixão misteriosa no pôr do sol entre dois jovens.

- Eu acho que vai falar sobre uma pessoa que chamou outra para ver o pôr do sol.

Utilizamos o mesmo método ao perguntar aos estudantes o que entendiam sobre a expressão que dá título ao texto, com o objetivo de verificar se já possuíam alguma ideia formada sobre algo tão natural quanto o pôr do sol. Além do mais, buscou-se promover uma discussão inicial sobre temas relacionados ao conto, a fim de engajar os alunos.

No entanto, pudemos perceber que as respostas variaram: algumas se restringiram ao aspecto visual do pôr do sol, enquanto outras se aproximaram mais da temática que o texto de fato aborda. Observamos novamente que, fora do contexto em que uma palavra é empregada, sua compreensão torna-se dificultada. Para Halliday e Hasan (1985, p. 5, grifos do autor), existe uma estreita ligação entre texto e contexto, um dependente do outro para existir:

> [...] a forma para compreender a linguagem reside no estudo de textos. Os termos, CONTEXTO e TEXTO, colocados lado a lado dessa forma, servem como um lembrete de que esses são aspectos do mesmo processo. Há texto e há outro texto que o acompanha: texto que está 'com', denominado com-texto. Essa noção do que é 'com texto', no entanto, vai além do que é dito e escrito: ela inclui outros acontecimentos não-verbais – o ambiente total no qual um texto se desenvolve. Portanto, ele serve para fazer uma ponte entre o texto e a situação na qual os textos ocorrem na realidade.

De acordo com os autores, compreender o contexto depende da compreensão do texto, e ambos devem ser analisados em conjunto, pois são parte do mesmo processo. Ressaltam que o contexto, nesse sentido, vai muito além do que é simplesmente escrito ou dito: ele inclui gestos, ambientes e outros acontecimentos não verbais que circundam um texto.

Além disso, o contexto funciona como uma ponte e conecta as palavras à realidade em que elas adquirem significado. Dessa maneira, uma palavra precisa ser analisada no contexto em que foi empregada, e não de forma isolada. Nessa perspectiva, o contexto serve para construir uma ponte entre o texto e a situação na qual ele é produzido e interpretado. Essas situações são moldadas por elementos culturais, sociais e pelas circunstâncias em que ocorrem. Confirmamos, portanto, a mesma observação já constatada no módulo anterior.

A segunda pergunta feita para a etapa antes da leitura do texto foi a seguinte:

2) **Qual seria sua reação para a seguinte situação: Você aceitaria o convite de seu ex-namorado para reencontrá-lo novamente? Justifique.**
   - ❖ Não, porque não acho mais interesse nele.
   - ❖ Aceitaria, apesar de vivermos muito tempo juntos e apesar de ter terminado, fomos felizes e seria bom relembrar essas memórias.
   - ❖ Provavelmente não, já que depois de um namoro terminar, eu iria preferir não ter ou evitar o máximo de contato com pessoas.
   - ❖ Eu refletiria sobre o contexto e as minhas próprias emoções antes de aceitar o convite.
   - ❖ Eu acho que não aceitaria porque se a gente terminou, foi por algum motivo.
   - ❖ Não, porque caso eu já estivesse com outra pessoa não trairia ele por causa de um ex-namorado.
   - ❖ Não, pois se eu aceitasse, eu voltaria “pra” ele de novo.
   - ❖ Eu não iria reencontrá-lo, porque se terminamos, tem um motivo e eu não reencontraria ele, apenas se fosse com amigos.
   - ❖ Minha mente ia ficar confusa eu não aceitaria de jeito nenhum

Seguem, neste *link,* as duas alternativas com as respostas dos estudantes: https://drive.google.com/file/d/1OLss9AfB7ylN_ZNFZR1UUrZc5uwvOfFG/view?usp=sharing. As declarações revelam uma diversidade de pontos de vista emocionais dos nossos alunos, bem como evidenciam diferentes níveis de maturidade e formas únicas de abordar situações vividas, tomar decisões e priorizar relacionamentos. Alguns discentes demonstraram ser mais ajuizados e desapegados, enquanto outros atribuíram grande importância às memórias afetivas ou buscaram preservar sua proteção emocional.

Notamos, ainda, que, enquanto alguns educandos refletem bastante antes de tomar decisões precipitadas, muitas vezes para evitar situações que possam gerar conflitos ou trazer lembranças ruins, outros demonstram impulsividade. Essas diferenças mostram o crescimento pessoal dos nossos estudantes e as diversas experiências emocionais pelas quais passaram, o que se resulta em um olhar crítico diante das situações que a sociedade enfrenta.

As respostas dos participantes exprimem uma diversidade de pontos de vista emocionais, éticos e realistas, bem como oferecem um ponto de apoio seguro para argumentar sobre a importância de tratar assuntos relacionados a conflitos de forma construtiva e humana. De acordo com Paulo Freire (1987, p. 68), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Tal citação reforça a ideia de que o aprendizado crítico oferece aos discentes a segurança necessária para compreenderem a realidade ao seu redor e, consequentemente, ocuparem seu lugar na sociedade.

Percebemos que as respostas elencadas demonstram o amadurecimento dos educandos em relação às situações complexas do mundo que os cerca. Elas revelam a capacidade de pensar criticamente sobre as situações em que estão envolvidos, comprovam que sabem se colocar no lugar do outro, algo fundamental nos dias atuais, em que muitas vezes priorizamos a nós mesmos, sem considerar as consequências práticas de certas atitudes. É reconfortante sabermos que nossos alunos sairão da escola com um olhar crítico e com um aprendizado que lhes permitirão compreender e transformar sua realidade.

> A educação libertadora implica a negação da prática de depósito do conhecimento e aposta na problematização do mundo. O educador e os educandos, juntos, mediatizados pelo mundo, descobrem a realidade como um processo dinâmico e passível de transformação (Freire, 1987, p. 79).

Nesse contexto, a metodologia participativa, que inclui a resposta às questões com base no conhecimento prévio dos estudantes, estimula a curiosidade, promove a autonomia e incentiva o desenvolvimento de habilidades críticas e colaborativas. Sob essa perspectiva, o docente assume o papel de facilitador no processo de aprendizagem e incentiva os alunos a desenvolverem uma postura crítica, curiosa e autônoma. A educação, portanto, não se limita à mera transmissão de conteúdos, mas busca formar sujeitos capazes de questionar a realidade e transformá-la, distancia-se da “educação bancária” tão criticada por Freire (1987).

> Quando o leitor se situa perante o texto, os elementos que o compõem geram nele expectativas em diferentes níveis (o das letras, das palavras...), de maneira que a informação que se processa em cada um deles funciona como impulso para o nível seguinte; assim, através de um processo ascendente, a informação se propaga para níveis mais elevados. Mas simultaneamente, visto que o texto também gera expectativas em nível semântico, tais expectativas guiam a leitura e buscam sua verificação em indicadores de nível inferior (léxico,

> sintático, grafo-tônico) através de um processo descendente. Assim, o leitor utiliza simultaneamente seus conhecimentos do texto para construir uma interpretação sobre aquele (Solé, 2014, p. 24).

A capacidade de compreensão leitora ultrapassa a simples decodificação das palavras. Ela envolve entender o significado dos textos, interpretar informações subentendidas e estabelecer relações entre o conteúdo lido e os conhecimentos prévios, adquiridos por meio de experiências culturais e sociais. Tal processo é basilar para construir uma interpretação significativa.

Para Solé (2014), a capacidade de questionar e analisar os textos lidos é um ponto essencial da competência leitora. Essa habilidade permite a formação de opiniões próprias, fundamental para o desenvolvimento do conhecimento, do potencial individual e para o fortalecimento da participação ativa na sociedade. Em outras palavras, compreender textos escritos é uma condição indispensável para que os educandos construam suas próprias perspectivas e ampliem seus saberes por meio da leitura.

> A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes (Silva, 1987, p. 96).

Após a aplicação do questionário, promovemos uma discussão em grupo a fim de incentivar os estudantes a compartilhar e refletir sobre algumas das respostas. A troca de ideias permitiu a expressão de diferentes opiniões, a ampliação da compreensão acerca dos temas propostos e uma preparação mais consistente para a leitura do conto “Venha ver o pôr do sol”.

> [...] se a escola conseguir simular, nas atividades de leitura que patrocina, a circulação social que tais atividades de leitura têm fora do âmbito escolar, há uma possibilidade extremamente concreta de que estas atividades adquiram o sentido que elas precisam ter extramuros da escola e não se encerrem com as atividades que se encerram no final do ano letivo (Lajolo; Zilberman, 1995, p. 121).

Optamos por trabalhar com textos mais extensos nos dois primeiros módulos, com o intuito de mostrar aos alunos como são construídos temas complexos e como grandes autores desenvolvem subtramas (histórias secundárias dentro de uma narrativa principal), que interagem com a trama principal. Além disso, oferecemos um conjunto mais amplo de questões e reflexões para os discentes, de modo a

proporcionar uma maior diversidade de vocabulário e de estruturas linguísticas. Isso visa aprimorar a escrita final dos textos que os participantes produziriam e contribuir para melhorar suas habilidades de comunicação e expressão escrita.

Dessa forma, propusemos a leitura do conto “Venha ver o pôr do sol” (Figura 12), uma narrativa de terror. Distribuímos as folhas para que os grupos realizassem a leitura silenciosa, de modo a propiciar maior concentração no texto e uma compreensão mais profunda dos detalhes da história. A prática também visou minimizar distrações externas e criar um ambiente de leitura mais tranquilo e focado.

Ao final da leitura, questionamos os estudantes se haviam compreendido o texto. A maioria deles repetiu uma reclamação comum em relação à extensão do material: “Professora, o texto é muito longo! Quando a gente chega no final, já esqueceu o que estava no começo.” No entanto, o grupo da discente Rafaela afirmou ter entendido o conto. Eles chegaram a chamar o personagem Ricardo de “louco”, e que “ele deveria ser internado num hospício”. O grupo da aluna Yasmim criticou a personagem Raquel, caracterizando-a como “burra por andar com um ex-namorado”.

Figura 12 - Leitura do conto “Venha ver o pôr do sol”



Fonte: Acervo pessoal (2024).

O grupo da Larissa perguntou: “Professora, a senhora só traz texto de homem que mata a mulher?” e, em seguida, se prontificou a recontar a história do conto para a turma. Percebemos que, apesar das reclamações sobre a extensão do texto, os educandos consideraram que o vocabulário utilizado era mais acessível, o que facilitou a compreensão da narrativa.

Ademais, observamos uma pequena evolução no momento do reconto do texto lido, ainda que com pouca desenvoltura. Desta feita, foi necessário recontarmos a

história para que os alunos pudessem adquirir uma visão geral da trama. Muitos deles demonstraram repulsa com falas como: “Que ranço desse homem!”, em referência à reprovação da atitude de Ricardo. Também expressaram pesar por Raquel e condenaram a decisão de Ricardo de prendê-la no cemitério para morrer.

Logo após, exibimos na TV o vídeo da “Cena Sonora - Rádio Novela - Venha ver o pôr do sol” (Parte 1 e 2), disponível no link: https://youtu.be/igISfKYbVHE?si=ZkwC6Raz1awHLWdD. A atividade teve como intuito oferecer aos educandos uma experiência mais imersiva, permitir que comparassem o vídeo com o texto original, discutissem as diferenças, as adaptações e as interpretações, além de reforçar a compreensão do conto. A visualização de cenas e personagens contribuiu para consolidar a compreensão do texto e esclarecer dúvidas sobre a trama.

Após essa etapa, avançamos para o momento seguinte, que consistiu no preenchimento do questionário referente ao conto “Venha ver o pôr do sol”, cuja análise está disponível no link: https://drive.google.com/file/d/1wwZWGxNLMdEu9Bxj2Z9Mjqmo3hvDEZJ9/view?usp=sharing.

De forma similar ao conto analisado no módulo anterior, recorremos à correção das atividades presentes nesse *link* para consolidar o aprendizado. Essa etapa teve como finalidade revisar o conteúdo, reforçar o que foi aprendido e corrigir equívocos. Em seguida, conduzimos uma discussão geral sobre o tema e optamos por não mencionar os nomes dos alunos, a fim de preservar sua privacidade.

Notamos, nas respostas, a presença de equívocos e incompletudes, especialmente na identificação do conflito vivido pelos personagens e na abordagem do foco narrativo do texto. Isso demonstrou certa falta de atenção na leitura e no momento de responder às questões. Alguns discentes recorreram à cópia de trechos da internet na tentativa de definir o conceito de clímax. Além do mais, houve um erro ao nomear Raul, personagem inexistente, como o atual namorado de Raquel, atribuindo-lhe o papel de antagonista.

Ainda que outros estudantes tenham respondido com seriedade e acertado a maioria das questões, alguns classificaram, de forma equivocada, as crianças e a mãe de Ricardo como antagonistas da história. Da mesma forma, notamos o mesmo erro em outras respostas, que, além de identificarem erroneamente as crianças e a mãe de Ricardo como antagonistas, incluíram o suposto namorado de Raquel e até uma

personagem inventada, denominada “dona da pensão”. Também observamos frases incompletas e questões deixadas em branco.

Por outro lado, ressaltamos que alguns participantes responderam corretamente às questões, o que mostra dedicação e compreensão da atividade proposta. Com os três últimos alunos, pudemos observar que houve consolidação da análise da narrativa.

O próximo texto escolhido para leitura em grupo foi “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles. Utilizamos a dinâmica de leitura compartilhada, na qual cada integrante do grupo lia um trecho do texto, com o objetivo de aumentar a confiança na leitura em voz alta e assegurar que todos participassem da leitura. Durante essa atividade, ouvimos alguns educandos dizerem: “A professora só traz textos grandes para gente ler”. No entanto, apesar da resistência inicial, todos leram e, ao final, demonstraram ter gostado do texto.

Após a leitura, perguntamos se alguém poderia explicar o que havia entendido da história. Muitos participaram e recontaram os acontecimentos. Salientamos que, nessa fase, notamos que os discentes dessa faixa etária demonstram grande interesse por histórias com temática de mistério, como a que é tratada no conto “As formigas”. A posteriori, exibimos o Módulo 5.

6.5 Módulo 5: Leitura do texto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles

ANTES DA LEITURA

Dia: 08/11/2024 **Duração:** 2 horas/aula

Materiais: texto impresso, caneta, papel, quadro e pincel.

Habilidade: EF69LP53

Objetivo: Analisar a capacidade dos estudantes na identificação e na interpretação dos componentes do gênero conto (personagens, enredo, tempo, espaço), bem como identificar e analisar elementos literários como tema e enredo.

Metodologia: Reunir os grupos para dar continuidade às leituras dos contos. Distribuir cópias do conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles.

No decorrer desse módulo, observamos que os estudantes estavam cansados. Por isso, resolvemos realizar as perguntas oralmente: Que tipo de história você espera encontrar com um título como “As formigas”? Se aparecesse um esqueleto durante a

noite, você teria medo? Não obtivemos muitas respostas para os questionamentos. Um dos desafios que enfrentamos ao expor as respostas dos discentes no quadro foi o fato de que eles repetiram as mesmas ideias, o que prejudicou o desenvolvimento da autonomia e da criticidade. Muitos disseram: “Já respondeu o que eu ia dizer”.

Outra dificuldade foi garantir a colaboração de todos, visto que alguns se sentiram constrangidos em compartilhar suas ideias publicamente, o que os levou a não participarem das discussões. Em seguida, transcrevemos as duas perguntas respondidas pelos discentes e, na sequência, daremos continuidade às análises.

1) Que tipo de história você espera encontrar com um título como “As formigas”?

- ❖ E já ouvi muita história de formiga.
- ❖ Acho que ela vai trabalhar porque ela não para de carregar folha.
- ❖ Igual o texto a cigarra e a formiga.

2) Você teria medo de esqueleto? Justifique.

- ❖ Se tivesse em casa à noite e ele aparecesse do nada no meu quarto, eu ia ter o maior medo do mundo.
- ❖ Eu ia correr sem olhar “pra” trás
- ❖ O que isso pode fazer de mal “pra” gente? Nada.
- ❖ Claro, nos filmes de terror uma formiguinha já é o suficiente para deixar todo mundo louco.

O *link* https://drive.google.com/file/d/1A7nvQgbY0zehoehX4VtycdssGzxz8VaF/view?usp=sharing apresenta as respostas elaboradas pela turma. De acordo com as declarações, notamos que os alunos conseguiram estabelecer conexões com histórias conhecidas, como a fábula “A cigarra e a formiga”. Tal intertextualidade, tão comum em alguns textos, demonstra a compreensão dos educandos em relação aos textos literários. Além disso, as respostas evidenciam a capacidade que os participantes têm de expressar emoções, como o medo, bem como a criticidade com que enxergam o mundo ao seu redor.

Quanto ao uso de expressões que se desviam da norma culta, como o emprego de “pra” em vez de “para”, é importante fazer uma ressalva. Considerando que se

tratava de um momento descontraído de comunicação, em que a professora transcrevia espontaneamente na lousa as respostas dos estudantes, esse uso pode ser aceito como natural. É esperado que, nessas situações, surjam formas mais coloquiais, o que reflete a vivacidade da língua em uso. A esse respeito, Bagno (2007, p. 40) afirma:

> o preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única Língua Portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, 'errada', feia, estropiada, rudimentar, deficiente.

Bagno (2007) critica a ideia de se aceitar como correta apenas a língua culta ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Para ele, o Brasil, por ser um país de grande extensão territorial, apresenta uma vasta diversidade linguística. Consequentemente, o português brasileiro, como língua viva, está sujeito a influências sociais e culturais que produzem variações linguísticas. Bagno (2007) acrescenta que o preconceito linguístico reside em considerar as diversidades orais como manifestações "erradas, feias, estropiadas, rudimentares, deficientes".

Para o teórico, o preconceito linguístico está embutido nos preconceitos sociais. Ao discriminar a forma de falar de uma pessoa que nunca frequentou a escola ou que tenha estudos incompletos, discrimina-se, na verdade, o próprio falante que utiliza essa linguagem. Desse modo, o uso da palavra "pra" foi aceito como natural, visto que nas escolas se ensina que a língua é muito mais do que uma ferramenta de comunicação; ela é parte fundamental da identidade de um povo. Logo, desprezar as tradições que ela representa é, na verdade, reforçar o preconceito. Ultimamente, tem-se frisado nas escolas valores como a inclusão, o respeito e, sobretudo, a valorização das pessoas em sua diversidade.

No que tange à intertextualidade percebida pelos participantes com a fábula "A cigarra e a formiga", destacamos o conceito apresentado por Kristeva (1974). Na perspectiva da autora, é natural da produção literária o fato de que "todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade" (Kristeva, 1974, p. 64).

Para a pesquisadora, não existe texto único. Toda produção textual dialoga com outras, reinterpreta e reconstrói-se a partir de referências, ideias ou estruturas provenientes de diferentes fontes. A intertextualidade, portanto, é um recurso por meio do qual os escritores enriquecem suas obras e estabelecem laços de familiaridade com outras produções literárias. Tal relação facilita a compreensão de determinados textos, justamente por criar esse sentimento de familiaridade no leitor.

No Módulo 6, o texto selecionado para leitura é de autoria de Fernando Sabino, escolhido por ser mais curto, leve e marcado pelo tom irônico.

6.6 Módulo 6: Leitura do texto “O homem nu”, de Fernando Sabino

ANTES DA LEITURA

Dia: 30/10/2024 **Duração:** 2 horas/aula

Materiais: texto impresso, caneta, papel, quadro e pincel.

Habilidade: EF69LP53

Objetivo: Analisar a capacidade dos estudantes na identificação e na interpretação dos componentes do gênero conto (personagens, enredo, tempo, espaço), bem como identificar e analisar elementos literários, como tema e enredo.

Metodologia: Reunir os grupos para dar continuidade às leituras dos contos. Distribuir cópias do conto: “O homem nu”, de Fernando Sabino, mantendo a abordagem em relação à preferência pelo desenvolvimento das atividades, que podem ser realizadas tanto de forma individual quanto em grupo.

Antes de começarmos a leitura do conto mencionado, fizemos duas perguntas para que os alunos respondessem oralmente. Enquanto isso, as respostas foram registradas na lousa e transcritas aqui.

1) **O que você faria se, de repente, se encontrasse nu do lado de fora do seu apartamento?**
   - ❖ Não sei.
   - ❖ Usaria qualquer coisa para me cobrir.
   - ❖ Eu ia aproveitar.
   - ❖ Eu ia ficar escondido.
   - ❖ Esconderia na varanda.

❖ Ficaria famoso iria viralizar na internet.

As respostas evidenciam uma combinação de realidade, entusiasmo e criatividade, o que nos mostra como nossos educandos veem as temáticas que envolvem sentimento de perda e situações imprevisíveis, como ficar nu do lado de fora de casa, situação vivida pelo personagem do texto de Fernando Sabino. Por outro lado, é surpreendente sabermos que, diante de questões que exigem seriedade ou que provocam constrangimento, algumas pessoas conseguem manter o equilíbrio emocional.

> Deve-se combater com todas as forças a tendência corrente de entender o ato pedagógico unicamente como sinônimo de leitura. O ato pedagógico envolve, sim, leituras da realidade e de textos que expressam realidade, mas esse ato não pode ser entendido de forma tão mesquinha ou estreita. O ato pedagógico é muito mais abrangente e complexo. Tem, na base, o diálogo entre professor e aluno e, no horizonte, os vários campos da cultura e do conhecimento (Silva, 2005, p. 13-14).

Na visão de Silva (2005), o ato pedagógico envolve várias outras ações e não se limita apenas à leitura de livros, romances ou contos, mas inclui a leitura da realidade. A base dessa ação pedagógica é a interação entre professor e aluno, conforme defendido por Paulo Freire (1987), em busca da conscientização crítica, processo que favorece a compreensão de diferentes campos da cultura e do conhecimento.

Portanto, as respostas dos participantes mostram a maneira como enxergam o mundo ao seu redor, bem como o grau de criticidade com que enfrentam situações complicadas. Esses dados confirmam que as ações pedagógicas extrapolam a simples leitura de textos, os quais, embora essenciais, não podem ser entendidos de forma mesquinha ou estreita, como adverte Silva (2005).

DEPOIS DA LEITURA

Fizemos as mesmas perguntas sobre as características do conto, e elas foram respondidas pela aluna Pâmela, que demonstrou seriedade e acertou a maioria das questões. Embora tenha identificado corretamente os personagens, ela não reconheceu o antagonista, fato que é compreensível, visto que o antagonismo não é representado por uma pessoa em particular, mas surge da situação enfrentada: a

vergonha de ser visto nu por outras pessoas. Todavia, a discente separou de forma equivocada as crianças e a mãe de Ricardo como os antagonistas da história.

Quanto ao espaço em que os fatos ocorreram, ela respondeu corretamente e afirmou: “majoritariamente em um ambiente urbano e doméstico”. No que se refere ao conflito vivido pelos personagens, ela definiu como “desafios que precisam ser resolvidos pelos personagens principais de uma narrativa”. No entanto, não soube identificar o foco narrativo do texto, se primeira ou terceira pessoa.

Além do mais, ao tratar do clímax e do desfecho do texto, a estudante se confundiu com os personagens do conto lido no módulo anterior. Percebemos, também, a necessidade de conversar com os alunos para entender as razões da desmotivação e da pouca participação. Apesar disso, notamos que o texto obteve boa receptividade por parte da turma, e muitos educandos demonstraram ter gostado da leitura. Embora tenham dito estar cansados, garantiram que participariam das atividades do próximo módulo.

O *link* https://drive.google.com/file/d/1u0r9js3VUcu1jr-rYAGC2VebR_7P43T0/view traz a análise das perguntas com base no texto “O homem nu”, de Fernando Sabino.

O último conto separado para leitura foi “O compadre e a morte”, de Luís da Câmara Cascudo”. Trata-se de um texto curto, com linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento. A narrativa aborda a temática da esperteza do compadre, que tenta enganar a morte. Salientamos que a metodologia utilizada foi a mesma aplicada nos módulos anteriores.

6.7 Módulo 7: Leitura do texto “O compadre e a morte”, de Luís da Câmara Cascudo

ANTES DA LEITURA

Dia: 08/11/2024 **Duração:** 2 horas/aula

Materiais: texto impresso, caneta, papel, quadro e pincel.

Habilidade: EF69LP53

Objetivo: Analisar a capacidade dos estudantes na identificação e na interpretação dos componentes do gênero conto (personagens, enredo, tempo, espaço), bem como identificar e analisar elementos literários, como tema e enredo.

Metodologia: Reunir os grupos para dar continuidade às leituras dos contos. Distribuir cópias do conto: “O homem nu”, de Fernando Sabino, mantendo a abordagem em relação à preferência pelo desenvolvimento das atividades, que podem ser realizadas tanto de forma individual quanto em grupo.

Antes da leitura, fizemos os seguintes questionamentos:

1) Você acredita que é possível enganar a morte?

- A resposta foi que não. (Começaram a falar sobre várias doenças como câncer, Covid-19).
- Quando a morte chega não tem mais jeito.
- Outra resposta foi que se a pessoa tem bastante dinheiro não morre, como o Neymar porque pode procurar um médico bom.
- Pode enganar a morte sim nos filmes enganam.
- Tem gente ruim que nem a morte quer.

Como a pergunta foi sobre o tema “enganar a morte”, as respostas revelaram diferentes visões. Porém, a que mais se destacou foi a ideia de iminência da morte, mesmo diante da possibilidade de recorrer a recursos financeiros para tratamentos médicos avançados. Conforme alguns alunos lembraram, esses recursos apenas retardam a morte, mas não a evitam.

Tal percepção já havia sido expressa anteriormente, quando um dos participantes afirmou que “só é possível em filmes”, o que demonstra o olhar crítico e realista da finitude humana. Essa preocupação com a morte nos remete à concepção de Paulo Freire (1996, p. 26), ao afirmar que a inconclusão é inerente à vida:

> na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o suporte em que os outros animais continuam, em mundo. Seu mundo, mundo dos homens e das mulheres. A experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no suporte. O suporte é o espaço, restrito ou alongado, que o animal se prende ‘afetivamente’ tanto quanto para, resistir; e o espaço necessário a seu crescimento e que delimita seu domínio.

Apesar de Freire (1996) não falar claramente sobre a morte, sua concepção de inacabamento pode ser associada à finitude humana. O inacabamento é inerente ao

ser humano; porém, é apenas entre mulheres e homens que existe a consciência da finitude. São eles que questionam, evoluem, ensinam e transformam o meio em que vivem, por intermédio do investimento em cultura, conhecimento e evolução tecnológica.

Enquanto isso, a vida animal se apega apenas ao suporte natural. A educação, nesse sentido, forma humanos críticos, criativos e conscientes de sua condição no mundo. Ensinar, portanto, exige uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica.

DEPOIS DA LEITURA

Após a leitura do conto “O compadre e a morte”, de Luís da Câmara Cascudo, destacamos que se trata de uma narrativa popular que mistura elementos de comédia e fantasia. Entre os textos selecionados para esta pesquisa, este se destacou por ser um dos mais curtos. Apesar disso, figurou entre os mais bem recebidos pelos grupos de leitura e despertou a atenção dos participantes.

Observamos que todos leram o texto, que se mostrou de fácil compreensão. Ao serem questionados se haviam entendido o conto, respostas como “texto fácil, professora” foram comuns. A linguagem acessível do texto facilitou para essa compreensão, o que tornou o trabalho com a narrativa bastante produtiva.

Para finalizar o módulo, realizamos uma pergunta acerca das características da narrativa. Notamos um aumento no número de estudantes que responderam, em comparação com o módulo anterior. A maioria acertou diversos elementos analisados, como personagem protagonista, antagonista, espaço e conflito. No entanto, persistiram equívocos em relação ao foco narrativo, ao clímax e ao desfecho, e muitos educandos deram respostas semelhantes nesta categoria.

Alguns discentes identificaram corretamente as personagens, mas não souberam diferenciá-las entre protagonista e antagonista. Ainda assim, responderam de maneira adequada aos demais questionamentos. Os grupos com melhor desempenho foram aqueles que erraram apenas o foco narrativo e o clímax. O grupo 3 cometeu um erro, relacionado ao conflito vivido pelo personagem. As questões analisadas podem ser visualizadas por meio do *link* https://drive.google.com/file/d/1TX-fwIpCmSPj4OgrZVI6HcmjzCHs_4LY/view.

Dessa forma, podemos afirmar que houve aprendizado considerável na compreensão dos elementos da narrativa. Aspecto que ficou evidente ao observarmos

que os alunos que se dispuseram a produzir o conto conseguiram utilizar corretamente, em seus textos finais, os elementos estudados. A análise considerou tanto as produções iniciais quanto as produções finais, embora tenha sido realizada com base em uma amostra dos trabalhos produzidos.

6.8 Módulo 8: Produção e reescrita textual

Dia: 14/11/2024 **Duração:** 2 horas/aula

Materiais: caneta, papel, lápis e borracha.

Habilidade: EF09LP04

Objetivo: Realizar leitura crítica do texto, identificar pontos que podem ser melhorados ou que necessitam de reestruturação, utilizar e aprimorar essas informações para realizar novas versões do texto.

Metodologia: Os textos da primeira produção apresentaram algumas fragilidades no desenvolvimento das ideias. Alguns ficaram muito curtos; outros continham desvios ortográficos e gramaticais: erros de pontuação, concordância, regência e ortografia. Além disso, muitos não desenvolveram um conflito claro para a história, consistiram em apenas um parágrafo e deixaram de explicitar características basilares do gênero, como protagonista, conflito e clímax.

Percebemos, ainda, a necessidade de demarcar corretamente a estrutura dos diálogos, conforme demonstrado no módulo da primeira produção. Diante disso, decidimos utilizar a quantidade de módulos necessários para que os discentes ajustassem os textos, e as produções mais avançadas fossem revisadas e aprimoradas.

Convidei os grupos para conversas individuais, com o intuito de analisar conjuntamente os textos e identificar os pontos que deveriam ser melhorados. Expliquei que os contos estudados nos módulos anteriores apresentavam uma estrutura bem definida, com clímax, conflito e desfecho. Ressaltei que este era um dos objetivos da leitura nos módulos: compreender como o tipo de narrativa é estruturada.

Todos os textos foram examinados sob essa perspectiva, e deixei claro que as produções finais deveriam seguir a estrutura trabalhada para serem consideradas como contos. Alguns grupos se reuniram para trabalhar em conjunto, enquanto outros estudantes, como Isabele, Maxwel, João Pedro e Kaiki, decidiram produzir seus textos

individualmente. Levei-os ao refeitório (Figura 13) para continuarem a escrita em um ambiente menos formal e mais dinâmico, no qual se sentissem à vontade para debater suas ideias, decidir se dariam continuidade ao mesmo texto ou criariam outro.

As aulas transcorreram de forma satisfatória. Os participantes demonstraram comprometimento com a construção de seus contos, apesar da separação de alguns grupos, que preferiram continuar a escrita de forma individual.

Figura 13 - Produção de textos



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Ao final da aula, percebi que os alunos haviam compreendido bem o que era esperado deles, pois começaram a ter novas ideias sobre como dar continuidade aos textos. Notei que estavam empolgados com a escrita e haviam entendido a linha de raciocínio. Além do mais, houve debates entre eles sobre qual direção seguir, e decidiram explorar o gênero dos contos de suspense, visto que apreciam filmes desse estilo. Ao serem questionados sobre o porquê de escolherem essa temática, responderam com entusiasmo: “São os melhores”; “Gosto de ficar com a respiração presa”; “Gosto de surpresas”; “São os mais legais” e “Gosto desse, melhor que escrever sobre amor”.

No final deste módulo, os educandos demonstraram interesse em dar continuidade às produções fora do ambiente escolar, questionando se poderiam trabalhar em casa e se reunir na residência de um dos integrantes do grupo. Autorizei a proposta, mas ressaltei que gostaria de acompanhar o progresso deles.

6.9 Módulo 9: Produção e reescrita textual

Dia: 21/11/2024 **Duração:** 2 horas/aula

Materiais: caneta, papel, lápis e borracha.

Habilidade: EF09LP04

Objetivo: Realizar leitura crítica do texto, identificar pontos que podem ser melhorados ou que necessitam de reestruturação, utilizar e aprimorar essas informações para realizar novas versões do texto.

Metodologia: No decorrer da semana seguinte, os alunos comentaram sobre seus avanços na escrita. Diziam frases como: “estamos fazendo o texto”, “não estamos conseguindo achar um final pra história” e “o meu tá ficando bem legal”. Todos, sem exceção, afirmaram que o texto estava bem extenso.

Os textos foram trazidos para a aula, a fim de que pudessem dar continuidade à produção. Tive a oportunidade de lê-los e sugerir melhorias. Notei que os discentes se dedicaram seriamente à escrita e demonstravam prazer ao perceber que era gratificante transformar as ideias em palavras. A alegria deles ao conseguirem registrar seus pensamentos no papel era evidente.

Nesse módulo, os textos ainda não estavam finalizados, e a entrega ficou agendada para a semana seguinte.

6.10 Módulo 10: Produção de texto final

Dia: 26/11/2024 **Duração:** 2 horas/aula

Materiais: caneta, papel, lápis, borracha e celular.

Objetivo: Produzir/receber o texto elaborado pelos alunos.

Metodologia: Reunir os grupos que estão produzindo os textos e os educandos que optaram por escrever individualmente, com o intuito de fazer a produção final. Embora os estudantes em grupo tenham decidido continuar a escrita extrassala, reunindo-se na casa de um dos componentes, ainda era necessário realizar alguns ajustes nas ideias ou na estrutura do texto. Por isso, destinamos essa aula para que o texto pudesse ser finalizado. Era o momento ideal para aqueles que haviam terminado realizarem uma leitura geral, a fim de revisar e verificar se o texto estava realmente pronto. Observei que faltavam apenas alguns detalhes para a finalização completa.

Após a conclusão das produções, os discentes me perguntaram qual a melhor forma de enviar os textos. Chegamos a um consenso de que seria melhor digitá-los pelo celular, uma vez que algumas produções ultrapassaram vinte páginas manuscritas. Devido à extensão, tornou-se inviável reescrevê-las à mão, visto que haviam sido redigidas à lápis, justamente para que os erros pudessem ser apagados com facilidade. Em outras circunstâncias, teriam de desperdiçar muitas folhas do caderno sempre que cometessem erros.

Além disso, a digitação permitiria que os estudantes guardassem suas produções com mais segurança. Caso contrário, provavelmente descartariam os textos posteriormente. Os trabalhos ficaram muito bons, e pedi que me enviassem logo que terminassem e, para isso, disponibilizei meu endereço de e-mail.

Alguns participantes, ao final do módulo, começaram a digitar os textos no celular por intermédio do Word (aplicativo de processamento de textos). Como muitos tinham familiaridade com o Canva (plataforma online de design e comunicação visual), por ser mais simples de usar, também optaram por digitar nele. Por fim, os educandos perguntaram se poderiam terminar a digitação em casa e enviar-me por e-mail. Achei uma excelente ideia, pois, desse modo, finalizaríamos essa etapa do projeto.

6.11 Módulo 10: Produção de texto final com o uso de mídias digitais

Dia: 02/12/2024 **Duração:** 2 horas/aula

Materiais: caneta, papel, lápis, borracha e celular.

Objetivo: Usar a criatividade para tornar o texto elaborado pelos alunos mais atraente e único.

Metodologia: Reunir os grupos que estão produzindo os textos, assim como os discentes que optaram por escrever individualmente, com o intuito de finalizar a escrita no Word ou no Canva. Conversei com os alunos sobre um vídeo que eu havia assistido no YouTube, intitulado “Como mudar a cor da página no Word do jeito certo”, disponível no link: https://youtu.be/1pas1WdI5VM?si=lwKpdy8li57kDh3O. Sugeri que seguíssemos a proposta apresentada no vídeo para deixar nossas produções mais atrativas e capazes de chamar a atenção do leitor. Os estudantes aceitaram a ideia com entusiasmo, acharam interessante e se dispuseram a aplicar o recurso. No entanto, dois deles preferiram realizar esse processo pelo Canva.

Destacamos que os educandos preferiram digitar os textos nos aplicativos escolhidos por meio do celular, uma vez que demonstram maior familiaridade com esse dispositivo. Todavia, para aqueles que escolheram o aplicativo Word, foi sugerido seguir os seguintes passos: abrir a guia *Design*; selecionar *Cor da página*; escolher a cor de sua preferência; salvar o arquivo; buscar uma imagem no Google; copiar e colar a imagem no documento. O vídeo traz um passo a passo mais detalhado, porém, um dos participantes sugeriu um caminho mais simples, que foi bem aceito.

Por outro lado, para os que preferiram usar o Canva, o processo foi o seguinte: acessar o site pelo Google; escolher *Capa de livro*; clicar em *Personalizar este modelo*; adicionar uma nova página; e, se desejassem incluir imagens, procurar no Google, copiar e colar no projeto. Alguns alunos consideraram esse processo muito trabalhoso e, por isso, optaram apenas por alterar a cor da página no Word, o que também resultou em produções visualmente agradáveis.

Notamos que os discentes demonstraram grande interesse por essa atividade, especialmente por sua agilidade e apelo estético. Um exemplo foi o texto intitulado “Fim do mundo”, cujo autor optou por ilustrá-lo com imagens de filmes, visto que não encontrou imagens específicas que retratassem bem o conteúdo do texto.

Em suma, este módulo, voltado à escrita final dos educandos, foi bastante proveitoso. Os estudantes, ao terem liberdade para usar os celulares, engajaram-se com entusiasmo no desenvolvimento da proposta e conseguiram concluí-la com sucesso. Deixamos claro que, no módulo seguinte, iniciaríamos a construção dos *book trailers.*

6.12 Módulo 11: Produção de *book trailers*

Dia: 03/12/2024 **Duração:** 2 horas/aula

Materiais: celular.

Objetivo: Produção de *book trailers* como forma de marketing para divulgação dos textos produzidos pelos educandos.

Metodologia: Conforme combinado com os alunos desde o início da nossa pesquisa, dedicaríamos um módulo à produção de vídeos no estilo *trailer* de filmes, a fim de divulgar os contos por eles escritos. Para essa atividade, disponibilizamos um

vídeo autoexplicativo retirado do YouTube, intitulado “Como fazer um book trailer”, disponível no link: https://youtu.be/UdjducPsWnU?si=hqB_56ZQCl_QlMUkOs.

Apesar do planejamento, alguns estudantes consideraram a atividade muito trabalhosa e colocaram obstáculos. Na oportunidade, explanaram: “é difícil encontrar vídeos relacionados ao conteúdo do texto”; “meu celular está cheio não tem como baixar nada”; e “é muito trabalho encontrar imagens, áudios, editar o texto”. Eu acreditava que, por estarem constantemente conectados, os alunos lidariam com facilidade com a produção dos vídeos. No entanto, foi necessário contar com o auxílio da aluna Gabriely, que possui conhecimentos avançados em tecnologia, para ajudar os colegas na criação dos *book trailers*, que compõem o produto final desta pesquisa.

A seguir, expomos um resumo dos textos produzidos pelos estudantes. O texto denominado “O terror das profundezas” foi criado por um grupo de três discentes. A produção, já estruturada e corrigida, teve início durante os módulos destinados à escrita em sala de aula e foi finalizada na casa de um dos integrantes do grupo, que se reuniu com os demais para concluir o trabalho. O texto final tem duas páginas, constituindo-se a produção mais curta registrada nesta investigação.

O terror das profundezas

Um grupo de quatro jovens resolve acampar próximo a um lago. Ao chegarem ao local, ficam assustados ao encontrar um senhor que os alerta para que não entrem na água. Ignoram o aviso e decidem tomar banho no lago. Horas depois, um casal é encontrado morto dentro da água. Ao tentarem fugir, uma das garotas também perde a vida, restando apenas um dos jovens. O texto termina com o personagem perseguido pelo monstro do lago.

O mausoléu

Um grupo de garotos pega emprestado o carro de um dos pais para passear no distrito de Entretenimento, promete devolvê-lo antes das seis da manhã. No caminho, ficam sem gasolina e descem para pedir ajuda. Durante a busca, encontram um cemitério com um mausoléu e decidem arrombá-lo. No interior, descobrem três caixões e uma caixa misteriosa que, ao ser aberta, desencadeia acontecimentos estranhos. Vozes ameaçadoras anunciam que eles irão morrer. Ao tentarem sair do local, são perseguidos pelos mortos. Já na cidade, um dos amigos retorna com

combustível, mas um dos cadáveres consegue alcançá-lo e o segura, prestes a mordê-lo, quando, de repente, sua mãe o chama para ir à escola.

O texto denominado “Acampamento escolar” foi criado por um grupo de quatro alunos. A produção começou durante os módulos destinados à produção textual em sala de aula e foi finalizada na casa de um dos integrantes do grupo, onde se reuniram para concluir o trabalho. O texto final contém treze páginas, já estruturado e corrigido. A seguir, expomos o resumo da narrativa.

Acampamento escolar

Um grupo de alunos do 9º ano participa de um acampamento e encontra uma casa em ruínas. Ao entrarem no local, avistam um homem e descobrem um livro mágico, que se fecha repentinamente. Assustados, eles fogem e retornam ao acampamento. Todavia, reencontram o mesmo homem vindo em sua direção. Ele desmaia, e os discentes decidem socorrê-lo. Preocupados com o frio da noite, saem à procura de algo para fazer uma fogueira. Durante o percurso, Nadhia, cansada, senta-se em uma pedra e é alertada para ter cuidado. Apesar disso, é picada por uma cobra. O grupo retorna a pé ao acampamento, mesmo diante da dor que a colega sente.

Ao chegarem, a estudante é socorrida pela professora e pelo homem desconhecido. Todavia, o atendimento não é adequado. Os educandos descobrem que o homem é foragido da polícia, acusado de crimes que não cometeu. Ele se escondia naquela casa e, por estar sem se alimentar, havia desmaiado.

No dia seguinte, Nadhia falece. Os alunos, tomados pela curiosidade, retornam à casa abandonada. Quando voltam ao acampamento, percebem que a professora desapareceu. Novamente, dirigem-se à casa e encontram a docente desacordada, cercada por velas, no que parece ser um ritual macabro. Conseguem salvá-la, matam o agressor, retornam para suas casas e refletem sobre como o acampamento escolar, que deveria ser um passeio divertido, tornou-se um trauma na vida de cada um.

O texto a seguir foi produzido individualmente pela aluna Isabele e elaborado durante os módulos destinados à produção textual. A versão final, já estruturada, contém 19 páginas.

Aventura dos quatro amigos

Lucy quase é atropelada e é salva duas vezes por um garoto charmoso chamado Wagner, por quem se apaixona. Ela faz parte de um grupo de quatro amigos que compartilham uma amizade verdadeira. Juntos, são escolhidos para uma missão perigosa: encontrar um tesouro de pedras preciosas antes que ladrões o façam, pois estes pretendem usar a magia presente no tesouro para destruir o planeta.

Para chegar até o tesouro, os amigos precisam encontrar pistas que os guiarão na jornada. Ao encontrarem a quarta pista, são transportados diretamente para o local onde o tesouro está escondido. Durante a aventura, enfrentam vários desafios: são presos, perseguidos e colocados à prova. No final, conseguem resgatar o tesouro e, como recompensa, cada um recebe uma pedra preciosa, que deve ser utilizada para o bem, com responsabilidade e sabedoria.

O texto intitulado “Acampamento Inesquecível” foi elaborado por um grupo de três alunos. A produção teve início em sala de aula e foi finalizada em casa, onde os integrantes se reuniram para um estudo em grupo. O resultado é um documento com nove páginas.

Acampamento Inesquecível

Aylla junta-se a cinco amigos e sai de férias para um acampamento, apesar de estar com um pressentimento ruim. Ao chegarem ao local, montam as barracas e, em seguida, vão tomar banho no rio. Aylla, no entanto, prefere ficar lendo. Na sequência, ela avista algo estranho na água e grita para que os amigos saiam imediatamente.

Ao amanhecer, o grupo avista um corpo boiando no rio e decide abandonar o local às pressas. Durante a fuga, são perseguidos por crocodilos. Em meio à confusão, uma das amigas deixa o celular cair e, ao tentar recuperá-lo, tem uma das mãos ferida por um dos animais.

Eles saem em busca de ajuda na região, mas não encontram ninguém que possa socorrê-los. A partir desse momento, enfrentam diversas aventuras para conseguir retornar à cidade.

O texto “A casa assombrada” foi construído individualmente durante os módulos destinados à produção textual e possui nove páginas. O autor, fã do youtuber Renato Garcia, decidiu basear sua narrativa no primeiro vídeo publicado pelo influenciador em seu canal, o qual o projetou para a fama. A seguir, exibimos o resumo do texto.

A casa assombrada

Um grupo de amigos decide gravar vídeos de terror para o canal do YouTube. Para isso, escolhem a sexta-feira 13 como data e uma casa abandonada, porém bem conservada, localizada em uma fazenda na cidade de Londrina, Paraná.

Durante a visita, uma forte chuva começa a cair, e um dos amigos sugere que voltem para casa. No entanto, o grupo decide permanecer no local. Ao explorar um dos quartos, encontram uma vela acesa. Em seguida, ouvem uma porta se fechar com estrondo e percebem que os cômodos estão trancados.

Desesperados, procuram a saída e correm para o carro, mas notam que um dos amigos ficou para trás. Retornam para buscá-lo e o encontram desmaiado. Depois de levá-lo para casa, revisam as gravações na tentativa de entender o que aconteceu, mas não encontram nada fora do comum.

No sábado, publicam o vídeo no YouTube, que atinge 80 mil visualizações em apenas 24 horas, um sucesso instantâneo. Os amigos continuam postando vídeos com essa mesma temática; porém, o mais famoso deles é Renato Garcia, que alcança milhões de seguidores e reconhecimento financeiro.

O fim do mundo

Três adolescentes se conhecem em um acampamento chamado “Fim do mundo”, criado para oferecer diversas atividades de entretenimento. Entretanto, logo no início, o passeio de caiaque é cancelado. Então, eles decidem escalar uma montanha, onde encontram um foragido da polícia.

Enquanto conversam, são surpreendidos por ataques alienígenas. Inicia-se uma perseguição, e os jovens são aconselhados a voltar com urgência para o acampamento. Ao chegarem, encontram o local totalmente destruído. Nesse momento, uma cápsula da NASA cai, e dela surge uma mulher que entrega uma chave para ser levada a um cientista.

De repente, um monstro sai da nave, mata a mulher e passa a perseguir os adolescentes. O instrutor do grupo intervém, atrai o monstro e permite que os meninos escapem. Ao chegarem à cidade, percebem que ela também foi destruída e está deserta.

Algumas horas depois, a força militar chega ao local, e a chave é entregue ao general. Enquanto os jovens se refugiam dentro de um ônibus, aparece uma espaçonave e extermina os policiais. Antes de morrer, o general devolve a chave aos

adolescentes e afirma que eles são os únicos que podem salvar o mundo. Em seguida, os quatro se refugiam em um shopping, disfarçados com outras vestimentas. Apesar de continuarem perseguidos, conseguem chegar ao laboratório da NASA e entregar a chave ao cientista, que finalmente consegue derrotar os alienígenas.

O *link*: https://drive.google.com/file/d/1JGx9j1YyLFhqdvc89SnqpWxwAPx_78Nf/view contém as três produções analisadas após o processo de reescrita.

7 ANÁLISE DA PRODUÇÃO FINAL DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Apresentamos, a seguir, descrição e análise detalhada de três produções textuais do gênero conto, elaboradas por grupos de estudantes do 9º ano da EE Rui Barbosa. Nesses textos, foram aplicados os módulos da sequência didática com o objetivo de desenvolver as competências leitora e escritora. Essa abordagem visa proporcionar uma compreensão mais aprofundada do processo de criação e das reflexões dos alunos, de modo a evidenciar a importância da sequência didática na promoção do aprendizado e na expressão criativa dos discentes.

As produções textuais tinham tema livre. Como os educandos foram orientados a seguir a temática de sua preferência, escolheram o gênero conto de suspense. Tal escolha se deve ao fato de que o suspense envolve momentos de tensão e mistério, elementos que atraíram a atenção dos estudantes e despertaram sua criatividade. Com base nas observações realizadas em sala de aula, constatamos o genuíno interesse dos discentes por narrativas desse tipo. Diante disso, apresentamos a proposta de produção textual, com vistas a permitir que os grupos desenvolvessem suas competências linguísticas e explorassem seus enredos de maneira a cativar os leitores.

Dessa maneira, o conto de suspense foi escolhido com o intuito de estimular a criatividade e a expressão individual dos alunos, de modo a propiciar que cada um explorasse suas próprias ideias e inquietações diante da temática escolhida, seja em grupo ou de forma individual. Esse gênero literário, por instigar a curiosidade e provocar emoções intensas, atrai os jovens devido à sua capacidade de envolver o leitor em tramas intrigantes e prender sua atenção por meio do mistério. Notamos que, inclusive, muitos educandos que se dedicaram à escrita dessas narrativas também demonstram interesse em filmes de suspense/terror.

Desde o início desta pesquisa, deixamos claro que os discentes poderiam escrever sobre a temática com a qual se sentissem mais à vontade. No entanto, observamos uma recorrência de títulos e assuntos semelhantes, mesmo entre grupos diferentes ou em produções individuais. Isso pode ser explicado pelo diálogo frequente entre os estudantes, quando indagam uns aos outros: “Você está escrevendo sobre o quê?” ou “Posso escrever sobre esse mesmo assunto?”.

A escrita de histórias de suspense favorece o desenvolvimento de habilidades narrativas, como a construção de personagens e a elaboração de enredos complexos,

o que contribuiu para a formação de um produto final mais rico e diversificado. No presente módulo da sequência didática, foram elaborados sete contos de suspense, cada um explorou diferentes nuances e técnicas do gênero. Contudo, a análise detalhada recai sobre apenas três dessas narrativas, como relatamos anteriormente.

A seleção dos três contos foi realizada com base em critérios que ressaltam a diversidade temática e estilística. Dessa forma, buscamos proporcionar uma compreensão mais aprofundada das estratégias utilizadas para gerar a tensão e o mistério característicos do suspense. Além disso, a escolha das três produções se justifica por sua relevância na ilustração dos principais aspectos da pesquisa e permitem uma reflexão crítica e minuciosa sobre os elementos que constituem esse gênero literário.

Iniciaremos a análise pelo conto **“O terror nas profundezas”** (Figura 14). O texto está disponível também no link: https://drive.google.com/file/d/1gf3q842AUQlkrRYhoE_S5w20m50lTiQL/view.

Figura 14 - Texto “O terror das profundezas”

O terror nas profundezas

Em 1 de dezembro de 1943, em um verão, um grupo de jovens tinha saído para ir ao lago que havia ali perto para se refrescar. Haviam quatro jovens no grupo o Rodrigo, 15 anos, Julia, 15 anos, o Gustavo,14 anos, e a Kethlen, 14 anos. Eles estavam indo de bicicleta até o lago.

Quando os jovens chegaram, notaram uma coisa estranha por causa do vazio e o silêncio do lugar. Eles achavam que teria muitas pessoas lá, mais mal sabiam o perigo que habitava naquele local. Os jovens, antes de irem até o lago, resolveram, através de cartas, acampar no lugar para aproveitar mais o lago. Enquanto os jovens chegavam ao lago notaram um senhor de idade parado em baixo de uma árvore 🌲 que havia ali perto. Rodrigo perguntou:

- O que o senhor está fazendo aqui sozinho? – ele respondeu:

- Estou aqui para alertar você a não entrar no lago. Pois o que tem lá, vocês não irão gostar!!! – Rodrigo sem entender o que aquele senhor havia dito respondeu:

- A gente andou muito de bicicleta para chegar até aqui e não iremos embora!!!

O senhor apenas sorriu e foi embora... com medo Gustavo, Julia e Kethlen prosseguiram com os seus objetivos de chegar até o lago. Quando finalmente chegaram, os jovens estavam muito felizes, porém preocupados por estar um vazio inquietante naquele lugar. Quando os jovens terminaram de montar as barracas decidiram ir se refrescar no lago. Ao chegar Rodrigo disse:

- Alguém aqui não sabe nadar?! – então todos responderam:

- Não. – todos responderam ao mesmo tempo.

Mesmo assim todos começaram a nadar e se divertirem. Até que Gustavo e Kethlen resolveram ficar sozinhos 😉😉😉 mais isso foi às 15h30, porém quando observaram novamente o relógio já era 17h00 e os dois não apareciam. Rodrigo e Júlia já tinham saído a mais de meia hora do lago, eles já suspeitavam que eles estavam fazendo aquelas coisas mais estavam demorando demais até para um casal... quando finalmente Rodrigo toma uma atitude de ir atrás dos dois. Mas antes de rodrigo ir procurá-los, Julia deu um grito de quebrar taças de vidro.

Quando Rodrigo foi verificar o que havia acontecido, ele se deparou com uma cena que nunca irá esquecer. Os corpos dos dois estavam apenas da cintura para baixo e o resto de seus cadáveres boiando sobre as águas do lago. Rodrigo e Júlia estavam dentro do lago com a água até a barriga, até que as águas começaram a se mexer rapidamente em suas direções, no entanto ao lado deles tinham um barco, meio velho e fraco. Então os dois correram até nesse barco e pularam dentro dele.

E no exato momento em que eles pularam no barco, um peixe deformado com mais de 40 dentes, com uma boca de mais ou menos 2 metros de comprimento, com o tamanho total mais de 7 metros, pulou por cima do barco quase atingindo Julia.

Após a primeira aparição dessa criatura, os dois estavam apavorados e começaram a discutir sobre o que iriam fazer. Foi quando Rodrigo disse:

- Mas que por** era aquilo? – então Julia respondeu com dor:

- Ele mordeu meu pulso e está sangrando muito! 😱😱😱. Então Rodrigo ficou muito preocupado e respondeu:

- Meu Deus do céu! E agora o que a gente irá fazer? Espera!!! Aperte isso com a sua mão.

Mas já era tarde demais 😒😒😒 Júlia morreu 15 minutos depois por muito sangramento. 😒 Rodrigo ficou muito triste e com mais medo, pois agora só havia ele no lugar e com aquela criatura rodeando o barco. Então ele teve uma ideia de jogar Júlia que havia morrido dentro do lago para distrair a criatura e poder fugir.

Então lá foi ele, jogou Julia dentro do lago e realmente o plano dele havia dado certo. Então Rodrigo começou a nadar com todas suas forças, mas a criatura começou a ir na sua direção com alta velocidade. Rodrigo já estava chegando, quando.

Anna Maria, Miguel, Gustavo 9º A

Prof maria Célia

Fonte: Acervo pessoal (2024).

Na análise do conto (Figura 14), elaborado por um grupo de estudantes durante a fase final da sequência didática, é possível identificar claramente os elementos narrativos. No primeiro parágrafo, destacamos a referência temporal, que situa a ação na tarde do dia 1º de dezembro de 1943. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”. Para alcançar esse objetivo, optamos pelo gênero conto, com o intuito de que os alunos se familiarizassem com as características principais e se sentissem seguros ao produzir suas próprias narrativas.

É digno de nota que os **personagens** são introduzidos de maneira significativa na seção inicial do texto. Destacam-se as figuras de Rodrigo, Gustavo, Kethen e Júlia. A apresentação precoce dos protagonistas não apenas estabelece um contexto narrativo, mas também permite ao leitor uma aproximação inicial com as complexidades e as dinâmicas que esses personagens poderão representar ao longo da obra.

O **foco narrativo** adotado na produção textual é predominantemente em terceira pessoa, o que permite uma abrangente perspectiva sobre os eventos e personagens. A autora Cândida Vilares Gancho (1991, p. 20) comenta acerca desse foco narrativo:

> 1.Terceira pessoa: é o narrador que está fora dos fatos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em terceira pessoa é conhecido também pelo nome de narrador observador e suas características principais são:
> a) onisciência: o narrador sabe tudo sobre a história;
> b) onipresença: o narrador está presente em todos os lugares da história.

Destacamos, além do foco narrativo, a utilização do discurso direto, que se manifesta nas interações dialogais entre os personagens ao longo do enredo. Essa escolha estilística enriquece a profundidade das relações interpessoais, confere uma vivacidade à narrativa e propicia ao leitor uma imersão mais intensa nas dinâmicas emocionais e psicológicas que permeiam a trama. Assim, a combinação do foco narrativo em terceira pessoa com o discurso direto revela-se fundamental para a construção da complexidade das personagens, bem como para a articulação dos conflitos centrais da narrativa.

No que se refere à **situação inicial** do conto **"O terror nas profundezas",** notamos que o grupo de jovens resolve ir até o lago de bicicleta. Ao chegarem ao local, deparam-se com o silêncio que domina o ambiente.

O **conflito** surge a partir da advertência de um senhor, que alerta os jovens sobre os perigos associados à entrada no lago. A esse respeito, Gancho (1991, p. 35) destaca:

> para identificar com mais facilidade as partes do enredo, é melhor começar pela exposição, que corresponde ao começo da história, e o clímax, que é sempre o ponto culminante da história, isto é, o momento de maior tensão do conflito. A complicação e o desfecho são decorrências desta primeira identificação.

Identificamos na narrativa o **clímax** a partir do momento em que os quatro adolescentes, mesmo sem saber nadar, se desafiam a entrar no lago. Logo após, permanecem apenas dois deles na água. Rodrigo e Júlia, já preocupados, decidem procurar os amigos, pois percebem que há um tempo não se manifestam na superfície.

Durante a busca, os jovens se deparam com cadáveres no fundo do lago. Consequentemente, precisam agir muito rápido, porque avistam um peixe com aspecto monstruoso. Para se protegerem, entram em um barco de aparência envelhecida.

O **desfecho** da narrativa ocorre quando Júlia, já a bordo do barco, é fatalmente atingida pelo monstro. Em um momento de desespero e aflição, Rodrigo, ao perceber

a inanição de sua amiga, toma a drástica decisão de lançar o corpo dela nas águas do lago, com o intuito de escapar da situação caótica que o envolve.

Na tentativa de sobreviver, Rodrigo, nada por um breve período; mas, o peixe se aproxima de forma ameaçadora. Notamos que o texto não apresenta um final conclusivo e é encerrado de maneira abrupta. O personagem permanece em perigo, dentro do lago, perseguido pelo monstro e sem conseguir alcançar terra firme.

Os autores do conto produziram a narrativa com muito entusiasmo, argumentando de maneira consistente sobre os fatos apresentados. Nesse sentido, o escritor Gregorin Filho (2012) sustenta que a literatura cria um ambiente no qual se aceita a ilusão de realidade, mesmo que esta não seja verdadeira. Logo, o autor propõe o conceito de “acordo ficcional” como uma regra para adentrar o universo da ficção e enfatiza que o leitor deve entender que a diferença entre um fato e uma narrativa imaginária não deve ser confundida com uma mentira.

Em função do trabalho desenvolvido com o gênero conto, todos os elementos abordados nos módulos foram verificados de maneira minuciosa, com o intuito de analisar os critérios da elaboração textual dos estudantes. Ao conferir cuidadosamente o texto, evidenciamos alguns desvios gramaticais; no entanto, a clareza e a coerência da narrativa não foram comprometidas.

O grupo envolvido realizou uma análise da produção com foco na leitura e na escrita criteriosa do texto, com o objetivo de verificar a presença de todos os elementos necessários. Para isso, fragmentos foram reescritos, a fim de melhorar a organização da narrativa. Como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 95), “o aluno deve aprender que escrever é (também) reescrever”.

Os discentes, ao entregarem a versão final, demonstraram satisfação ao constatar que haviam alcançado o domínio da escrita, conforme as expectativas estabelecidas pela professora-pesquisadora. Para Koch e Elias (2012, p. 33):

> a escrita, assim é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e o conhecimento do leitor ou sua interação que envolve esse processo.

Nesse âmbito, essa experiência reforçou as habilidades dos estudantes no eixo da produção textual. Além do mais, evidenciou a importância da reflexão crítica no processo de aprendizagem.

O segundo texto analisado foi o conto **“A aventura dos quatro amigos”** (Figura 15). A produção está disponível também no link: https://drive.google.com/file/d/1KdtJIPmvMixlJ2um67JgmffxH_n6ezmd/view.

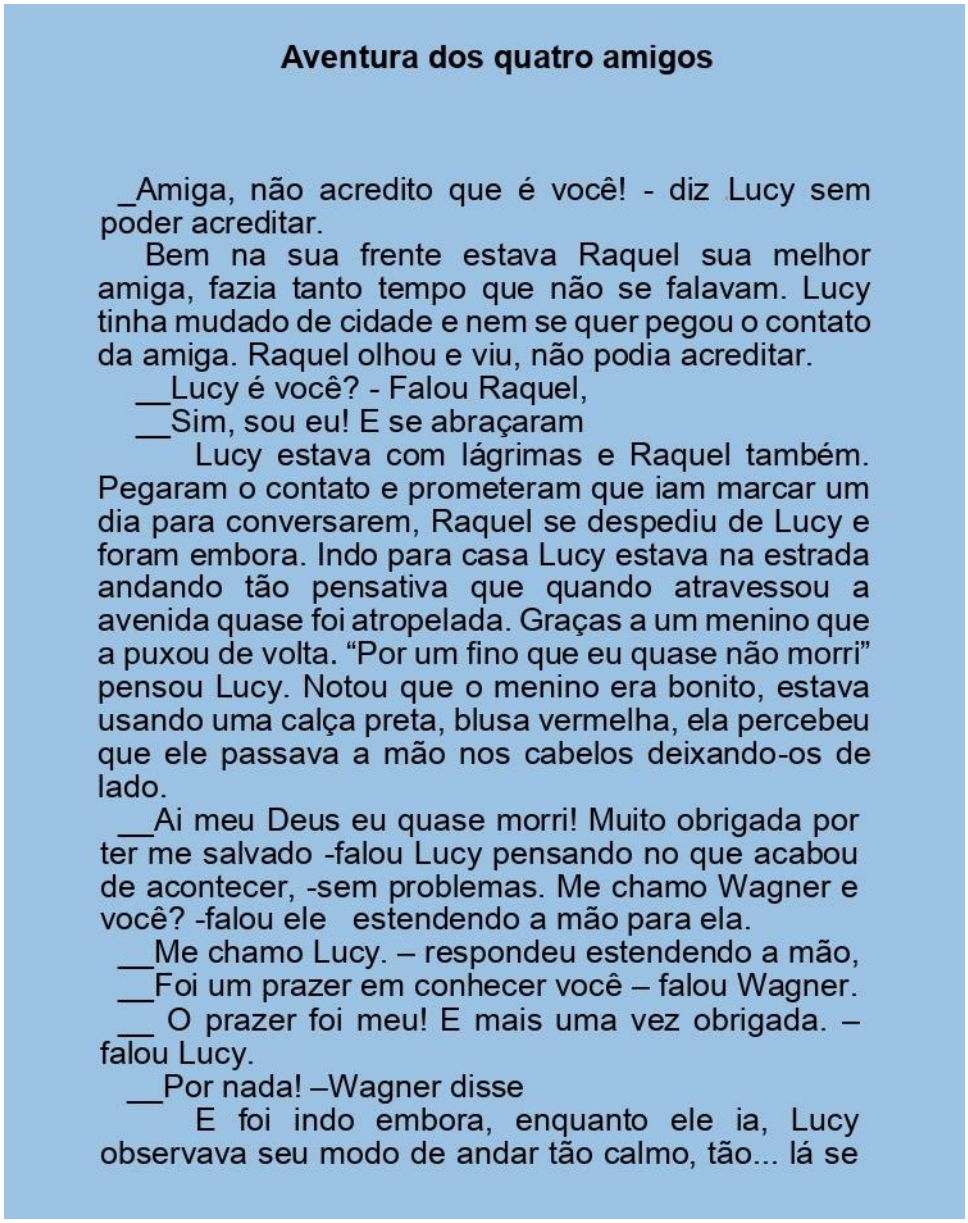
A análise da narrativa, sob a perspectiva de um conto de suspense narrado em primeira pessoa, revela que a trama se desenvolve em diversos espaços ao longo de aproximadamente dois dias, bem como apresenta uma gama de personagens que interagem em diferentes contextos. No que se refere ao espaço, Gancho (1991, p. 17) conceitua:

> o espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens.

Dentre os personagens, destaca-se Lucy como a protagonista, acompanhada por Raquel, Wagner, Lana, Gabriela, Gustavo e Mateus, além de Adriana e outros personagens que desempenham papéis secundários. A multiplicidade de locais e personagens contribui para a complexidade da narrativa e permite uma exploração mais rica das interações e das dinâmicas entre os envolvidos.

O conto apresenta sua **situação inicial** por meio de um diálogo entre Lucy e Raquel, que, ao se reencontrarem, vivem um momento de grande emoção.

Figura 15 - Texto “Aventura dos quatro amigos (trecho)”



Aventura dos quatro amigos

_Amiga, não acredito que é você! - diz Lucy sem poder acreditar.

Bem na sua frente estava Raquel sua melhor amiga, fazia tanto tempo que não se falavam. Lucy tinha mudado de cidade e nem se quer pegou o contato da amiga. Raquel olhou e viu, não podia acreditar.

__Lucy é você? - Falou Raquel,

__Sim, sou eu! E se abraçaram

Lucy estava com lágrimas e Raquel também. Pegaram o contato e prometeram que iam marcar um dia para conversarem, Raquel se despediu de Lucy e foram embora. Indo para casa Lucy estava na estrada andando tão pensativa que quando atravessou a avenida quase foi atropelada. Graças a um menino que a puxou de volta. “Por um fino que eu quase não morri” pensou Lucy. Notou que o menino era bonito, estava usando uma calça preta, blusa vermelha, ela percebeu que ele passava a mão nos cabelos deixando-os de lado.

__Ai meu Deus eu quase morri! Muito obrigada por ter me salvado -falou Lucy pensando no que acabou de acontecer, -sem problemas. Me chamo Wagner e você? -falou ele estendendo a mão para ela.

__Me chamo Lucy. – respondeu estendendo a mão,

__Foi um prazer em conhecer você – falou Wagner.

__ O prazer foi meu! E mais uma vez obrigada. – falou Lucy.

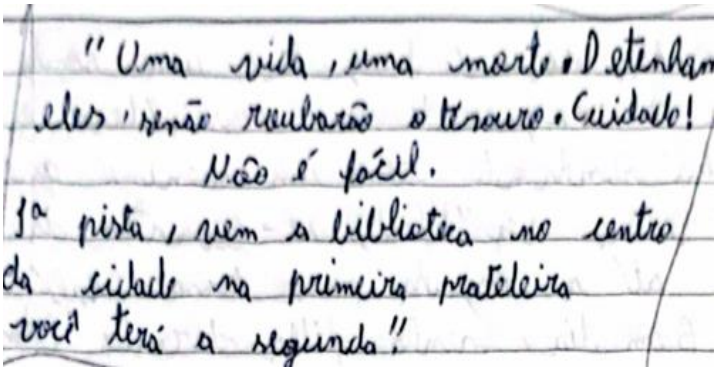
__Por nada! –Wagner disse

E foi indo embora, enquanto ele ia, Lucy observava seu modo de andar tão calmo, tão... lá se

Fonte: Acervo pessoal (2024).

No que se refere ao **conflito**, este se desenvolve a partir do momento em que Lucy esteve à beira de ser atropelada. No dia seguinte, ela compartilhou essa experiência com seus amigos na escola. Ao voltar para casa, deparou-se com um papel que continha a seguinte mensagem (Figura 16):

Figura 16 - Primeira pista



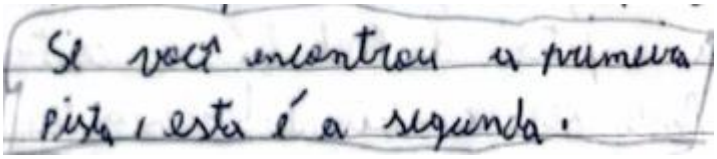
Fonte: Acervo pessoal (2024).

A mensagem apresentada suscita uma preocupação significativa na protagonista, Lucy. Em decorrência dessa apreensão, ela decidiu procurar ajuda de sua amiga Lana. Juntas, resolveram convocar também Gabriela e Gustavo, a fim de avaliarem a situação de forma conjunta.

No dia seguinte, Lucy se vê angustiada ao refletir sobre um sonho inquietante que teve com Wagner, o rapaz que quase a atropelou. No momento em que seus amigos chegaram à sua casa, foi apresentado um novo papel, com uma escrita que poderia esclarecer ou até mesmo intensificar suas preocupações.

O clímax da narrativa ocorre quando o grupo de amigos vai até a biblioteca. Lá, Lana encontra um envelope entre os livros com outra mensagem (Figura 17):

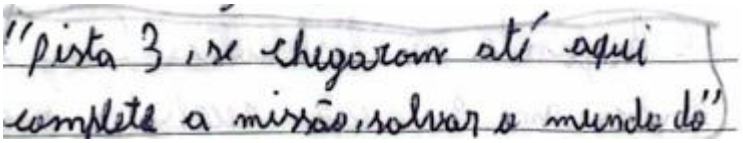
Figura 17 - Segunda pista



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Para os amigos, foi uma grande surpresa. Eles tentaram compreender tudo o que acontecia naquele momento. Ao abrirem o livro, um vento muito forte, semelhante a um furacão, irrompe de repente. Lana abriu os olhos e percebeu que estava em uma cidade diferente. Todos ficaram sem saber o que estava acontecendo e logo perceberam que Lana tinha outro papel em mãos, o qual revelava a terceira pista (Figura 18):

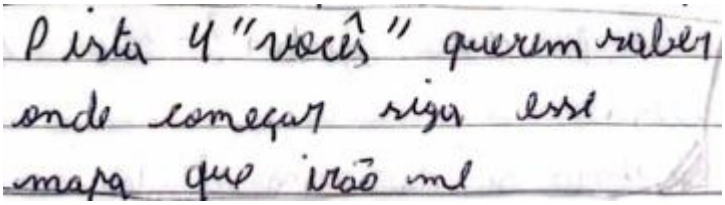
Figura 18 - Terceira pista



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Diante da terceira pista, eles receberam uma nova missão, mas não sabiam o que deveriam fazer. Subitamente, um papel caiu aos pés dos amigos, era a quarta pista. Diante de tudo, Gustavo resolveu ler o conteúdo para seus amigos (Figura 19).

Figura 19 - Quarta pista



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Com a quarta pista, receberam um mapa que os levaram a vários lugares. Chegaram em uma casa de madeira, onde foram recepcionados por um jovem chamado Mateus. Para a surpresa da personagem, ali estavam presentes os meninos que Lucy havia visto em seu sonho.

Mateus transmite orientações que lhe foram repassadas por um “senhor que já havia falecido e disse que o mundo deles seria salvo apenas por uma garota que tivesse um bom relacionamento com os amigos, uma união jamais separada; vocês têm algo em que valorizam a amizade. Vocês são escolhidos para nos ajudar”. Os amigos, então, resolveram ajudar Lucy a salvar o planeta. Mateus abriu o livro, o que provocou uma ventania, e todos foram transportados para um campo. Lá, ele orientou a todos a caminhar mais um pouco até chegarem à caverna onde estava o tesouro.

Os jovens despistaram o cuidador da caverna, e Lana resolveu ficar do lado de fora para vigiar o espaço. Enquanto isso, os demais estavam escondidos dentro da caverna. Lá dentro, ouvem dois homens conversarem a respeito de um baú guardado. Imediatamente, decidiram sair, Mateus pronunciou palavras mágicas e abriu um grande buraco. Com dificuldades, conseguiram pegar o baú; no entanto, alguns seguranças já estavam à procura dos jovens. Por falta de sorte, Gustavo caiu e foi

capturado. Naquele momento, Mateus usou seus poderes para levá-los até o local onde Gustavo estava detido, e conseguiram libertá-lo.

No que se refere ao **desfecho** da narrativa (Figura 20), o grupo de jovens chegou ao destino: a casa de Mateus. Em seguida, abriu o baú, e um raio muito forte clareou o espaço. Uma pedra começou a flutuar no ar, e dentro havia também quatro pedras pequenas. Uma dessas pedras caiu ao chão e tudo voltou ao normal.

Ao pegarem o papel que estava sobre o baú, encontraram uma mensagem que dizia que a missão tinha sido concluída e todos estavam salvos. A mensagem informava ainda que cada um receberia uma pequena pedra preciosa, que deveria ser utilizada com sabedoria. Como ressalta Gancho (1991, p. 52), o "desfecho é uma das partes da narrativa, que consiste no final da história".

Figura 20 - Desfecho do trecho

__Hummmmmmm..... – responderam todos juntos Gus, Lana e Gabi.

Wagner tinha ligado e marcado para eles conversarem, em uma lanchonete no final de semana próxima. No dia e hora marcada Lucy se arrumou toda e foi. Chegando lá, viu que Wagner estava deslumbrante, como ele era lindo. Ela chegou a sua frente e disse:

__Oi! – ele falou:

__Oi! – com um sorriso.

Conversaram por um longo tempo, eles tinham muito em comum. Três semanas se passaram e Wagner e Lucy foram se aproximando cada vez mais. Na quarta semana, Wagner convidou Lucy para um encontro. Esse era o dia mais feliz para ela. Seus amigos bateram na porta Gus estava com um papel na mão e disse:

__Daqui a três dias temos outra missão.

__Legal! – falaram todos felizes por ir em outra missão em breve.

Fonte: Acervo pessoal (2024).

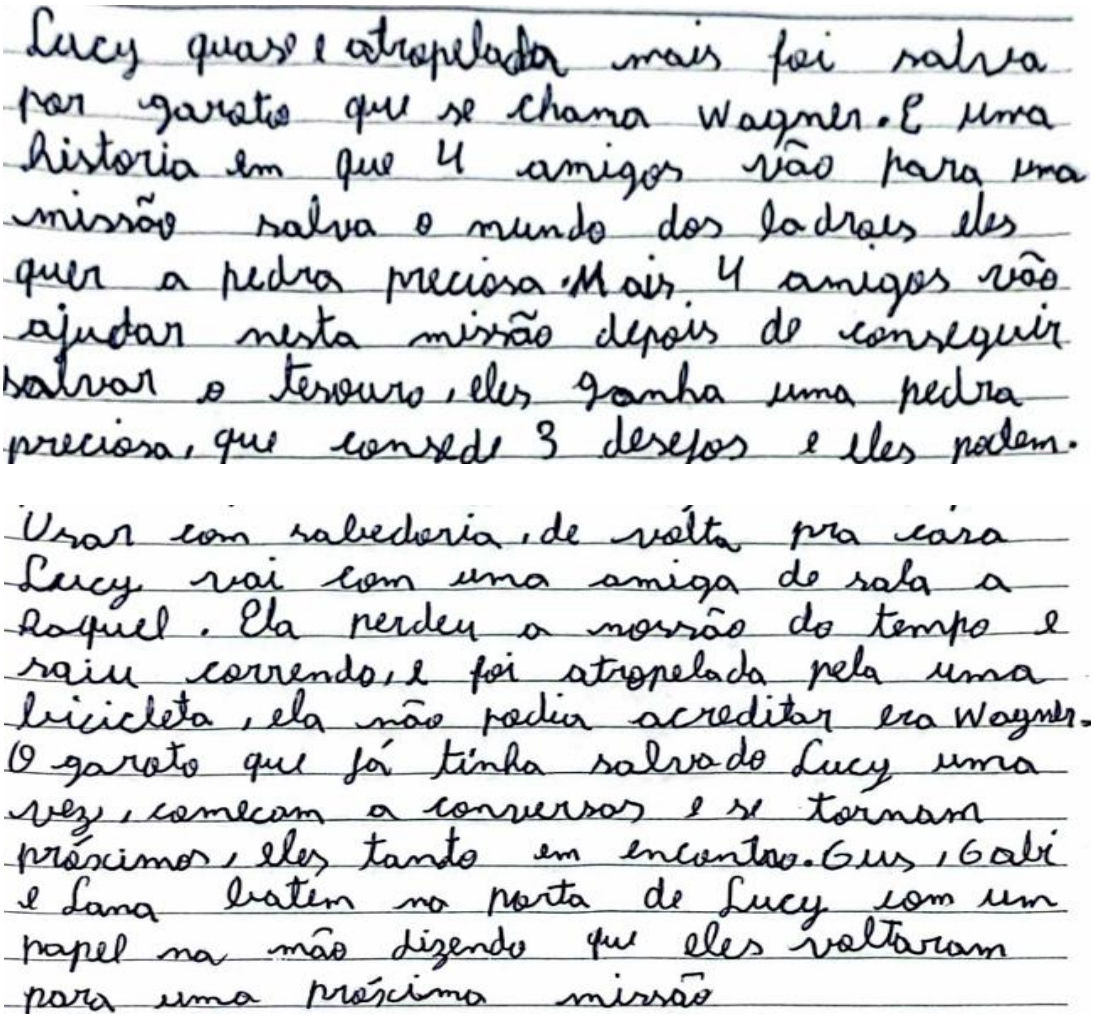
O personagem Gustavo percebeu que, para retornarem, teriam que usar uma mágica. Com isso, foram encaminhados de volta à biblioteca. Ao se despedirem da bibliotecária, esta relatou que eles haviam permanecido ali por apenas dez minutos. Todos acharam estranho e pensaram que o tempo tinha parado enquanto estavam no

outro mundo para onde foram levados. Diante de toda essa experiência, os jovens decidiram relatar essa aventura durante a aula de Língua Portuguesa, visto que havia um trabalho a ser realizado. Assim, resolveram formar um grupo de estudantes e criaram um nome: **Quatro amigos**, além de desenvolverem um código secreto.

Chegou, então, o dia em que Lucy iria ao encontro de sua amiga Raquel. Na rua, foi atropelada e ralou um pouco o joelho. Em seguida, é novamente socorrida por Wagner, a quem ficou muito agradecida pela atenção. Após isso, seguiu para o encontro com a amiga na cafeteria. Na sequência, Wagner ligou para Lucy, para que pudessem se encontrar novamente. Para finalizar o conto, Gustavo avisou Lucy que eles tinham uma nova missão.

Ao final da narrativa, os discentes produziram o resumo do conto de suspense (Figura 21):

Figura 21 - Resumo da narrativa



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Lourdes e Matencio (1994, p. 44) “certificam que se levar em conta que escrever implica ter em mente uma proposta, um conhecimento dos procedimentos para realizar a tarefa, dos processos e estratégias para realizá-lo”. As autoras enfatizam a complexidade do ato de escrever e destacam que não se trata apenas de colocar palavras no papel, mas sim de um processo que envolve planejamento e compreensão. Lourdes e Matencio (1994, p. 44), ao mencionar que “[...] escrever implica ter em mente uma proposta [...]”, sugerem que o escritor deve ter clareza quanto ao objetivo do texto, ou seja, saber o que deseja comunicar e a quem se destina a mensagem.

Diante do exposto, evidenciamos que, ao avaliar o conto de suspense, é possível observar que os estudantes demonstraram uma preocupação significativa em atender aos elementos característicos do gênero, e construíram uma narrativa coerente e envolvente. Os ambientes descritos, em alguns momentos, são sombrios e carregados de tensão, o que contribui para a criação de uma atmosfera de mistério.

Além disso, os alunos optaram por não se basear em fatos, o que lhes permitiu explorar a ficção de maneira livre e criativa. A inserção de elementos surpreendentes na trama é uma estratégia eficaz, porque mantém o leitor atento e instigado e reforça a natureza imprevisível do suspense. Logo, a combinação desses elementos resulta em uma produção textual que, além de cativante, respeita as convenções do gênero em destaque.

É importante observarmos que os diálogos foram construídos no decorrer de todo o enredo. Por meio deles, os personagens interagem e expressam suas emoções diante das ações, o que propicia ao leitor se envolver com a narrativa. A produção foi reescrita por dois educandos, fato que fica evidente pela mudança na caligrafia. Notamos também alguns desvios gramaticais, embora esses não tenham comprometido a compreensão do conto.

Para Colomer (2007, p. 30), “formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos da escola”. Diante dessa afirmação, a autora destaca a importância da educação na formação dos estudantes, não apenas como educandos, mas também como cidadãos que participam de uma sociedade letrada. Nesse sentido, Colomer (2007) refere-se à necessidade de ensinar os discentes a ler, escrever e interpretar textos, habilidades essenciais para a comunicação e para a participação ativa na vida social, política e cultural.

Concluímos nossa análise com o terceiro conto, intitulado **“Acampamento Escolar”** (Figura 22). O texto está disponível também no link: https://drive.google.com/file/d/123YLlnbr5PO9MI6L8_w8rSdEw8xldPOv/view.

Figura 22 - Trecho do texto “Acampamento Escolar”

Acampamento Escolar

Em um final de bimestre, a Escola Estadual Rui Barbosa combinou com o 9º ano, turma A, para ir a um acampamento escolar a fim de celebrar a última semana de aula. E no dia 20 de dezembro a turma se reuniu em frente à escola para pegar o ônibus às 07h00 da manhã.

Antes de partir, a professora fez a chamada para ver se estavam todos presentes. Estava uma bagunça, mas assim que a professora começou a fazer a chamada, todos ficaram em silêncio. Enfim, todos estavam presentes. O motorista deu a partida no ônibus e seguiram viagem.

No começo estava meio entediante porque o ambiente estava quieto, e então o Júlio decidiu alegrar o povo colocando uma música bem alta. Eles despertaram e entraram no ritmo.

Após longas horas de viagem eles chegaram ao acampamento, foram descarregando as bagagens e montando as barracas, alguns ficaram no local se acomodando enquanto outros foram explorar a floresta, um desses exploradores foi o Felipe que resolveu ir sozinho.

Andando ele encontrou uma trilha fechada e começou a segui-la, nos primeiros passos ele repensa esta hipótese, porém estava muito curioso para descobrir o que poderia haver na densa floresta e volta para chamar o seu melhor amigo, Mateus.

Então eles voltam e seguem a trilha, com um mau pressentimento, mas continuaram, pois, a curiosidade tomou conta deles. Andaram até o final da trilha, onde encontraram uma casa que parecia estar abandonada, era média e simples, mas algumas telhas e janelas estavam quebradas, as madeiras pareciam estar podres.

A casa chamava-lhes a atenção e por mais que aparentava ser medonha, eles entraram, e logo de cara já encontraram várias garrafas vazias de bebidas alcoólicas, um quadro assustador pendurado na parede que, aparentemente, apontava para uma escada que levava para o sótão. Subiram, entraram e se depararam com várias velas acesas espalhadas pelo sótão e com um livro aberto em cima de uma escrivaninha.

Quando foram se aproximando da escrivaninha, de repente o livro fechou com uma força brutal. Logo é escutado um barulho de vidro quebrando no andar debaixo, e desesperadamente os dois garotos correm em direção ao barulho. Ao chegarem lá, avistam um vulto preto saindo para fora da casa, pela porta da frente, assustados eles saem da casa, correndo para se juntarem aos outros no acampamento.

Chegando lá, eles chamam todos para contar o que ocorreu com os dois dentro de uma casa estranha. Após contarem, Felipe sentiu uma sensação de uma presença a mais no local, virou-se para trás e avistou um homem estranho andando em direção a eles.

Conforme o sujeito foi se aproximando, é escutado um estalo de um graveto de madeira o qual chamou a atenção dos estudantes e da professora. Ao chegarem mais perto, viram o tal homem caído no chão, inconsciente.

— De onde ele surgiu? — estagnada, perguntou a professora.

— Devemos ajudá-lo! — exclamou Anna Luiza.

Com esforço, a turma o carrega para uma barraca já armada onde o ajudam deitando-o com cuidado.

Fonte: Acervo pessoal (2024).

Ao analisarmos a produção textual manuscrita elaborada por um grupo de estudantes na etapa final da sequência didática, evidenciamos a presença dos elementos da narrativa, conforme apresentado em uma das oficinas. A **situação inicial** do conto de mistério/terror se desenvolve no momento em que a turma da Escola Estadual Rui Barbosa organiza um acampamento escolar para o 9º ano, Turma A, no dia 20 de dezembro. Os alunos se reúnem em frente à escola e partem em um ônibus às 7h da manhã. No início da viagem, o clima é de bagunça e tédio, mas a situação melhora quando Júlia coloca música.

De acordo com Kleiman (2002, p. 10), “na prática comunicativa em pequenos grupos, com o professor e seus pares, é criado o contexto para que aquela criança que não entendeu o texto entenda”. Dessa maneira, a presença do professor e a interação com os colegas são fundamentais para a construção do conhecimento. O professor pode guiar as discussões, esclarecer dúvidas e fornecer feedback. Por sua vez, os colegas oferecem diferentes perspectivas e explicações, o que contribui para a compreensão. Isso cria um ambiente propício ao desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e produção textual, bem como possibilita o alcance dos objetivos propostos.

O **protagonista da narrativa** se refere a um grupo de alunos do 9º ano da Escola Estadual Rui Barbosa, com destaque para personagens como Felipe, Matheus e a professora Maria Célia. Dentro desse grupo, Felipe e Matheus são os primeiros que iniciam a exploração da casa abandonada. Maria Célia representa a figura adulta responsável, que enfrenta as consequências das ações dos discentes e da situação crítica que se desenrola.

O **foco narrativo** é em terceira pessoa, aspecto que permite ao leitor uma visão ampla dos pensamentos e dos sentimentos dos diversos personagens. Essa perspectiva é eficaz para a construção da tensão da história, uma vez que revela as reações de cada personagem diante dos eventos horríveis que se desenrolam. A ação transcorre em um período curto, especificamente durante um dia e uma noite, no dia do acampamento escolar, ocorrido em 20 de dezembro. A narrativa se desenrola em tempo real, com a viagem, as aventuras no acampamento e os acontecimentos que culminam na tragédia.

O **conflito** (Figura 23) inicia quando, ao chegarem ao acampamento, os jovens organizaram as barracas e começaram a explorar o local. Felipe decidiu ir sozinho para a floresta, mas logo chamou seu amigo Mateus para acompanhá-lo. Após

caminharem por um tempo, depararam-se com uma casa de aparência antiga e decidiram entrar. Ao adentrá-la, encontraram um cenário assustador, marcado por acontecimentos sobrenaturais.

Figura 23 - Conflito do texto “Acampamento Escolar

A casa chamava-lhes a atenção e por mais que aparentava ser medonha, eles entraram, e logo de cara já encontraram várias garrafas vazias de bebidas alcoólicas, um quadro assustador pendurado na parede que, aparentemente, apontava para uma escada que levava para o sótão. Subiram, entraram e se depararam com várias velas acesas espalhadas pelo sótão e com um livro aberto em cima de uma escrivaninha.

Quando foram se aproximando da escrivaninha, de repente o livro fechou com uma força brutal. Logo é escutado um barulho de vidro quebrando no andar debaixo, e desesperadamente os dois garotos correm em direção ao barulho. Ao chegarem lá, avistam um vulto preto saindo para fora da casa, pela porta da frente, assustados eles saem da casa, correndo para se juntarem aos outros no acampamento.

Fonte: Acervo pessoal (2024).

O **clímax** do conto (Figura 23) ocorre no instante em que a turma se dividiu em grupos para procurar gravetos. Durante a busca, Nadhia é picada por uma cobra coral, o que torna a situação crítica. Apesar das tentativas de socorro, seu estado se agrava, e ela falece.

Figura 23 - Trecho do texto “Acampamento Escolar”

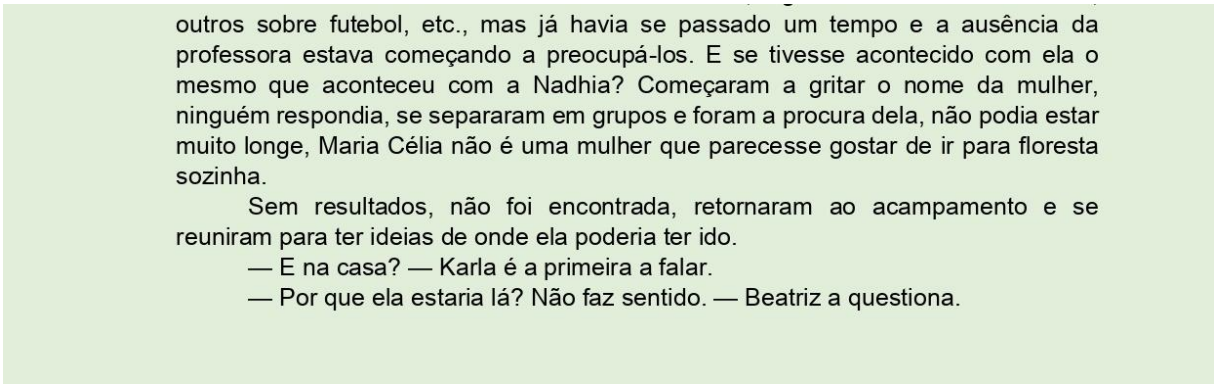
Amanheceu e já acordaram com um grito da professora, assustados, foram até ela desesperadamente, e ao dentarem na barraca, viram que Nadhia estava pálida, sua boca já não tinha mais coloração, seu peito já não se movia para cima e para baixo, indicando que estava respirando. O veneno da cobra foi fatal, não havia mais volta, a garota veio a óbito e ainda era muito jovem.

Lágrimas corriam nos olhos de alguns, de outros, apenas paralisados, Maria Célia pediu para que Samuel pegasse Nadhia e a levasse para fora, assim ele fez, a mulher pegou um pano extenso e levou para fora, colocando-o no chão, indicando que era para colocá-la ali. Se reuniram em volta da garota, a mais preocupada era a professora, pois a responsabilidade desses adolescentes caíra toda para ela, o que diria aos pais? Era apenas para ser uma atividade divertida, porém, acabou em tragédia.

Fonte: Acervo pessoal (2024).

O grupo, abalado pela perda, passou a se preocupar com o desaparecimento da professora (Figura 24), que foi sequestrada por Josenildo, o homem misterioso que, posteriormente, revelou suas intenções malignas.

Figura 24 - Trecho do texto “Acampamento Escolar”



outros sobre futebol, etc., mas já havia se passado um tempo e a ausência da professora estava começando a preocupá-los. E se tivesse acontecido com ela o mesmo que aconteceu com a Nadhia? Começaram a gritar o nome da mulher, ninguém respondia, se separaram em grupos e foram a procura dela, não podia estar muito longe, Maria Célia não é uma mulher que parecesse gostar de ir para floresta sozinha.

Sem resultados, não foi encontrada, retornaram ao acampamento e se reuniram para ter ideias de onde ela poderia ter ido.

— E na casa? — Karla é a primeira a falar.

— Por que ela estaria lá? Não faz sentido. — Beatriz a questiona.

Fonte: Acervo pessoal (2024).

A esse respeito, Irandé Antunes (2003, p. 61) defende:

> evidentemente, os procedimentos de análise são muitos e pode variar de uma situação para outra, na dependência de muitos fatores, como a própria finalidade da análise, inclusive. Diante dessa imensa possibilidade e variação, talvez seja produtivo enumerar os principais procedimentos.

A autora destaca a complexidade e a diversidade dos procedimentos de análise, bem como enfatiza que não existe uma única abordagem aplicável a todas as situações. Ela reconhece que a escolha dos métodos analíticos depende de diversos fatores, a incluir o objetivo da análise. Por essa razão, procuramos seguir os critérios de análise dos elementos da narrativa, com base nas características do gênero conto.

O **desfecho** (Figura 25) ocorre no momento em que os alunos confrontam Josenildo na casa abandonada, onde ele se preparava para realizar um ritual com a professora. Após uma luta intensa, eles conseguem salvá-la ao matar o homem. A determinação dos estudantes em proteger a docente e enfrentar Josenildo, mesmo diante do medo e da incerteza, mostrou o quanto cresceram e aprenderam em meio à adversidade.

Figura 25 - Trecho do texto “Acampamento Escolar”

Ela não fez perguntas, apenas seguiu caminho em direção a saída, os alunos prometeram explicar tudo que ocorreu, mas que primeiro ela precisava cuidar de seus ferimentos. Antes de saírem para fora do porão e da casa uma voz é ecoada pelo local.

— Vocês vão se arrepender! — foram as últimas palavras proferidas por Josenildo antes de seus olhos se fecharem por completo e ele vir a falecer.

Não se importaram muito com o que foi dito, apenas saíram dali e foram embora. Seguiram a trilha até voltar ao acampamento, pegaram suas coisas e arrumaram tudo, a van para pegá-los chegaria hoje. Voltariam para suas casas e esqueceriam o que aconteceu nesses dois dias, não comentariam sobre para ninguém. O acampamento escolar que era apenas para ser algo divertido, e até um aprendizado, se tornou um trauma na vida desses adolescentes e dessa professora.

Autores: Gabriely, Guilherme, Kethlen, Wesley.

Fonte: Acervo pessoal (2024).

Ao retornarem para suas casas, os alunos não levaram apenas lembranças de um acampamento escolar, mas também lições valiosas sobre a vida, a amizade e a superação. Apesar do trauma vivido, aprenderam a importância de estarem juntos, de se apoiarem e de enfrentarem seus medos. O passeio, que começou como uma celebração, transformou-se em uma jornada de autodescoberta e resiliência. Logo, o **“Acampamento escolar”** da Escola Estadual Rui Barbosa se tornou um marco na vida desses adolescentes, um lembrete de que a vida é preciosa e de que, mesmo nas situações mais sombrias, a luz da amizade e da solidariedade pode brilhar intensamente.

O conto produzido pelos discentes explicita várias características típicas do gênero conto de mistério/terror. A ambientação sombria e isolada, marcada pelo acampamento em uma floresta densa, coloca os personagens em situações de perigo. Os estudantes, ao se aventurarem sozinhos na mata e ao entrarem em uma casa abandonada, expõem-se ao perigo do desconhecido.

Além do mais, o texto traz elementos sobrenaturais, como a figura de um homem que realiza rituais e feitiços, e o mistério em torno de sua história gera uma sensação constante de medo e suspense. O enredo apresenta um conflito de suspense, com desfecho trágico e cheio de diálogos e interações que contribuem para o clima de mistério e curiosidade. De modo geral, a combinação desses elementos contribui para um conto de mistério/terror bem elaborado, que envolve o leitor em uma trama repleta de tensão e reviravoltas.

Ao analisar a produção escrita do grupo, é possível identificar algumas inconsistências em relação às normas gramaticais, como o uso inadequado da ortografia e a ausência de letras maiúsculas no início de parágrafos e nomes de personagens. No entanto, tais desvios não comprometeram a qualidade do trabalho realizado, uma vez que o grupo conseguiu atingir os objetivos propostos na atividade textual. Essa análise sugere que, apesar das falhas formais, a compreensão e a execução da proposta foram satisfatórias, aspectos que evidenciaram a capacidade dos discentes de se engajar com o conteúdo de forma eficaz.

Para Koch (2012, p. 17), “o sentido de um texto, é, portanto, na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciados) e não algo preexista a essa interação”. Com base nisso, compreendemos que o sentido de um texto pode variar de acordo com o contexto, as experiências, as emoções e as perspectivas de quem o lê. Assim, o conto produzido pode enunciar sentidos diversos aos leitores.

A posteriori, exibimos o produto educacional e sua exposição para a comunidade escolar, que contou com a valiosa participação de alunos, pais e funcionários da unidade.

7.1 Produção final e produto educacional em *book trailer*

Com base no que foi exposto, na sequência, expomos o *link* do drive e os textos (Figura 26) que compõem a coletânea de contos de suspense produzidos pelos estudantes do 9º ano participantes deste trabalho. As produções foram digitalizadas pelos próprios educandos, de modo a possibilitar que possam ser lidos e visualizados pelos leitores.

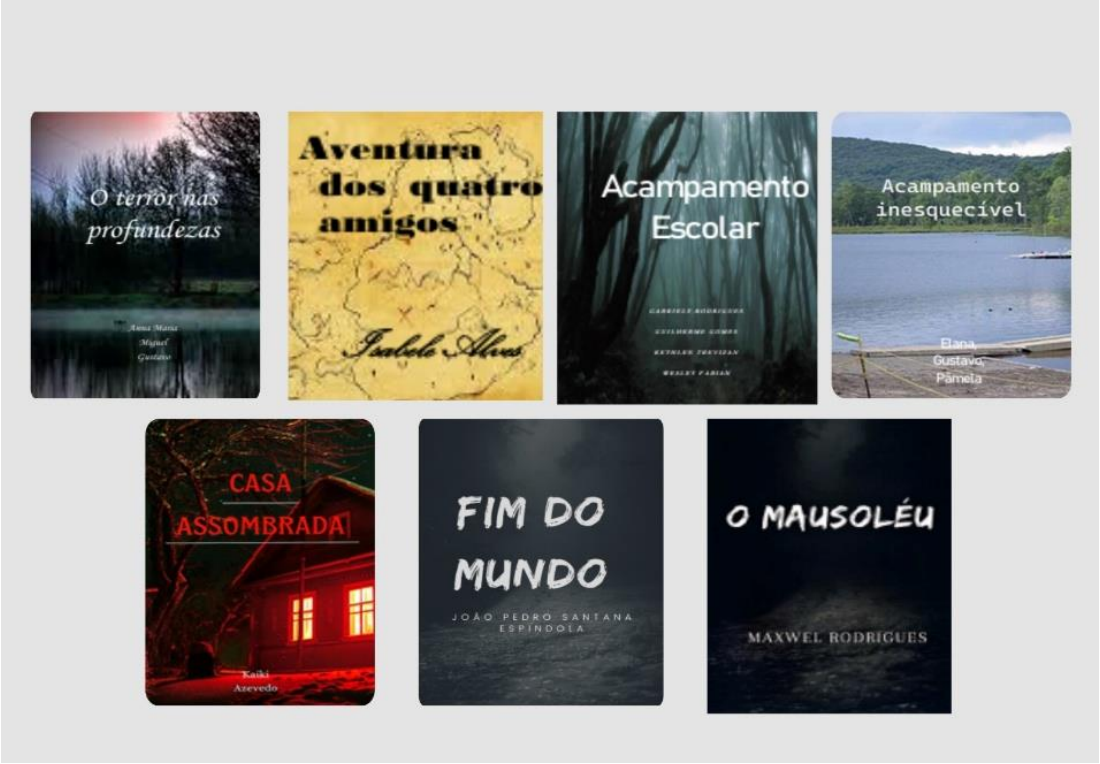
Este trabalho não apenas demonstra o empenho e a dedicação dos discentes, como também oferece uma oportunidade para a apreciação de narrativas envolventes, marcadas por criatividade e originalidade. Estamos confiantes de que cada conto proporcionará momentos de emoção, ao mesmo tempo em que evidencia a criatividade e o talento dos participantes.

Ressaltamos, ainda, que alguns discentes utilizaram a plataforma Canva para editar seus textos, enquanto outros optaram pelo aplicativo Word, com o intuito de tornar suas produções mais atrativas visualmente.

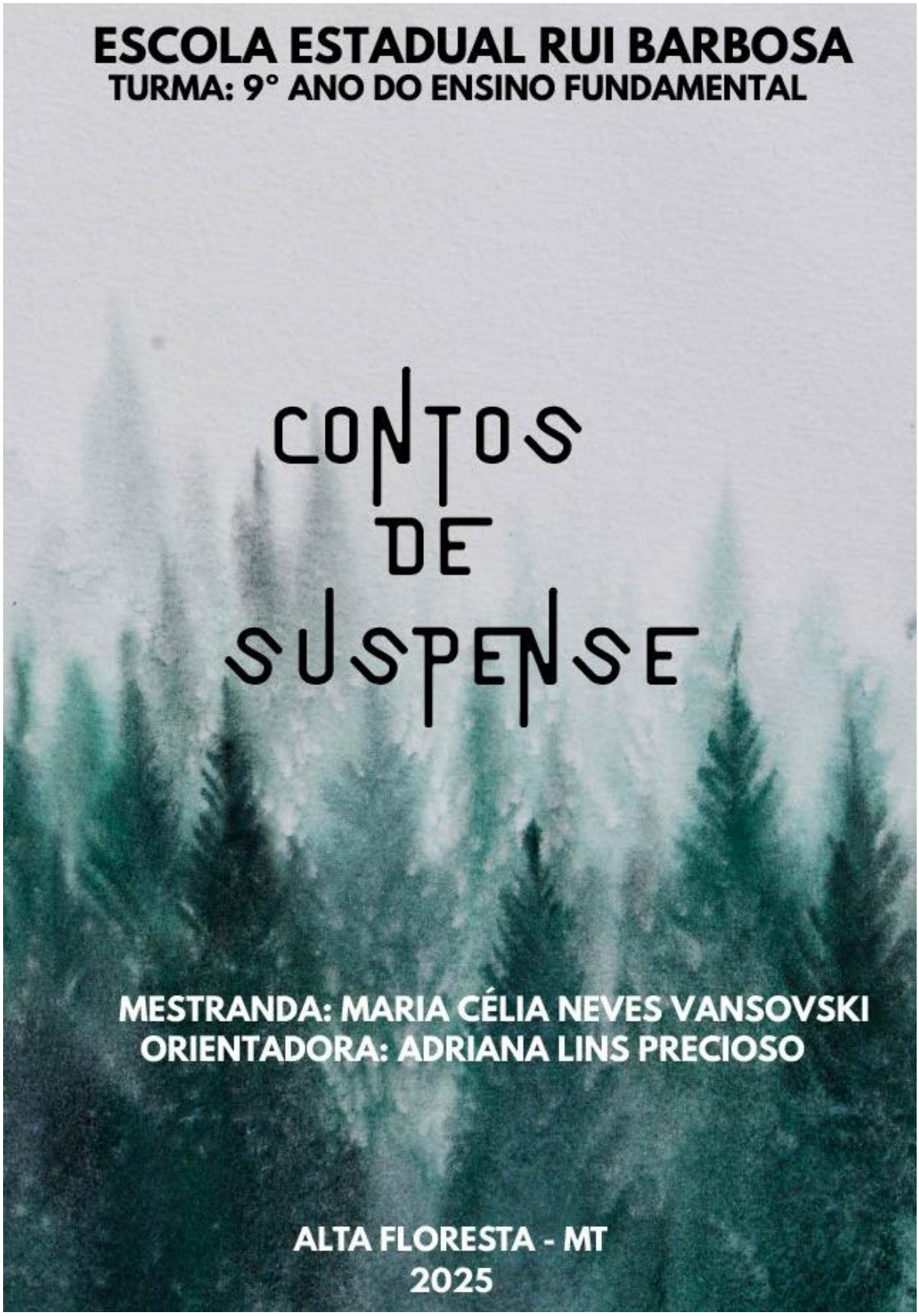
Para finalizar, convidamos você a acessar o conteúdo e a se deixar envolver pelas tramas que compõem esta coletânea. Prepare-se para viver momentos de

suspense, inquietação e muitas surpresas. Acesse por meio do link: https://drive.google.com/file/d/1YUso7C1FbMAKOksqasnVjPxorGvbE4IM/view.

Figura 26 - Capas dos contos de suspense



Fonte: Acervo pessoal (2024).


ESCOLA ESTADUAL RUI BARBOSA
TURMA: 9° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
CONTOS DE SUSPENSE
MESTRANDA: MARIA CÉLIA NEVES VANSOVSKI
ORIENTADORA: ADRIANA LINS PRECIOSO
ALTA FLORESTA - MT
2025


O terror nas profundezas
Anna Maria
Miguel
Gustavo

O terror nas profundezas

Anna Maria

Miguel

Gustavo

Supervisão: professora Maria Célia

O terror nas profundezas

Em 1 de dezembro de 1943, em um verão, um grupo de jovens tinha saído para ir ao lago que havia ali perto para se refrescar. Haviam quatro jovens no grupo o Rodrigo, 15 anos, Julia, 15 anos, o Gustavo,14 anos, e a Kethlen, 14 anos. Eles estavam indo de bicicleta até o lago.

Quando os jovens chegaram, notaram uma coisa estranha por causa do vazio e o silêncio do lugar. Eles achavam que teria muitas pessoas lá, mais mal sabiam o perigo que habitava naquele local. Os jovens, antes de irem até o lago, resolveram, através de cartas, acampar no lugar para aproveitar mais o lago. Enquanto os jovens chegavam ao lago notaram um senhor de idade parado em baixo de uma árvore 🌲 que havia ali perto. Rodrigo perguntou:

- O que o senhor está fazendo aqui sozinho? – ele respondeu:

- Estou aqui para alertar você a não entrar no lago. Pois o que tem lá, vocês não irão gostar!!! – Rodrigo sem entender o que aquele senhor havia dito respondeu:

- A gente andou muito de bicicleta para chegar até aqui e não iremos embora!!!

O senhor apenas sorriu e foi embora... com medo Gustavo, Julia e Kethlen prosseguiram com os seus objetivos de chegar até o lago. Quando finalmente chegaram, os jovens estavam muito felizes, porém preocupados por estar um vazio inquietante naquele lugar. Quando os jovens terminaram de montar as barracas decidiram ir se refrescar no lago. Ao chegar Rodrigo disse:

- Alguém aqui não sabe nadar?! – então todos responderam:

- Não. – todos responderam ao mesmo tempo.

Mesmo assim todos começaram a nadar e se divertirem. Até que Gustavo e Kethlen resolveram ficar sozinhos 😉😉😉 mais isso foi às 15h30, porém quando observaram novamente o relógio já era 17h00 e os dois não apareciam. Rodrigo e Júlia já tinham saído a mais de meia hora do lago, eles já suspeitavam que eles estavam fazendo aquelas coisas mais estavam demorando demais até para um casal... quando finalmente Rodrigo toma uma atitude de ir atrás dos dois. Mas antes de rodrigo ir procurá-los, Julia deu um grito de quebrar taças de vidro.

Quando Rodrigo foi verificar o que havia acontecido, ele se deparou com uma cena que nunca irá esquecer. Os corpos dos dois estavam apenas da cintura para baixo e o resto de seus cadáveres boiando sobre as águas do lago. Rodrigo e Júlia estavam dentro do lago com a água até a barriga, até que as águas começaram a se mexer rapidamente em suas direções, no entanto ao lado deles tinham um barco, meio velho e fraco. Então os dois correram até nesse barco e pularam dentro dele.

E no exato momento em que eles pularam no barco, um peixe deformado com mais de 40 dentes, com uma boca de mais ou menos 2 metros de comprimento, com o tamanho total mais de 7 metros, pulou por cima do barco quase atingindo Julia.

Após a primeira aparição dessa criatura, os dois estavam apavorados e começaram a discutir sobre o que iriam fazer. Foi quando Rodrigo disse:

- Mas que por** era aquilo? – então Julia respondeu com dor:

- Ele mordeu meu pulso e está sangrando muito! 😱😱😱. Então Rodrigo ficou muito preocupado e respondeu:

- Meu Deus do céu! E agora o que a gente irá fazer? Espera!!! Aperte isso com a sua mão.

Mas já era tarde demais 😒😒😒 Júlia morreu 15 minutos depois por muito sangramento. 😒 Rodrigo ficou muito triste e com mais medo, pois agora só havia ele no lugar e com aquela criatura rodeando o barco. Então ele teve uma ideia de jogar Júlia que havia morrido dentro do lago para distrair a criatura e poder fugir.

Então lá foi ele, jogou Julia dentro do lago e realmente o plano dele havia dado certo. Então Rodrigo começou a nadar com todas suas forças, mas a criatura começou a ir na sua direção com alta velocidade. Rodrigo já estava chegando, quando.

Anna Maria, Miguel, Gustavo 9º A

Prof maria Célia


Acampamento
inesquecível
Elana,
Gustavo,
Pâmela

Acampamento inesquecível

Elana,
Gustavo,
Pâmela

começaram a ficar desesperados. Benjamin teve a ideia de procurar ajuda na floresta ou procurar o motorista da van para podermos ir embora.

E todos pegamos caminho com intenção de conseguir ajuda. Enquanto trilhávamos, Cloe achou a chave da nossa van, andamos por mais algum tempo na floresta, no entanto não encontramos ninguém e o sol já ia se pondo. Maya sugeriu que voltássemos ao acampamento.

Voltando ao acampamento nos deparamos com um crocodilo que estava atacando o motorista. Henry, Benjamin e Kayk correram para ajudá-lo, porém quando chegaram perto, já era tarde demais. Tentamos correr para dentro da van e quando Cloe tentou correr para pegar as coisas na barraca, o crocodilo saiu apressadamente atrás dela. No entanto ela conseguiu sair de dentro da barraca e começou a correr para dentro da van, entretanto seu celular caiu do seu bolso, quando ela foi pegá-lo, o crocodilo mordeu sua mão e ela com um canivete o esfaqueou. Depois nós todos tivemos que voltar para ajudar os nossos amigos: Kayk, Benjamin e Henry que foram puxados. Eu consegui achar um facão e dei aos meninos. Henry enfiou o facão bem no meio da cabeça do bicho e correu o mais que pode para conseguir soltar Cloe. Imediatamente eu e as meninas levamos Cloe para dentro da van, já os meninos conseguiram que o crocodilo, mesmo ferido, voltasse para dentro d'água.

Todos nós entramos na van e tentamos achar alguma coisa para ajudar Cloe com os ferimentos e tentar, pelo menos, conseguir sinal para pedir ajuda; uma vez que aquela ilha estava ficando cada vez mais perigosa. Depois de conseguirmos parar com todo aquele sangramento, enfaixamos a mão dela e todos nós tiramos o cochilo nas poltronas porque estávamos cansadas, acordamos já amanhecendo o dia. Benjamin falou de forma séria e preocupada:

- Temos que dar um jeito de sair dessa ilha logo, senão vamos todos virar petiscos de crocodilo. Kayk concorda com ele mas faz um questionamento:

- Sim, verdade, mas e se sairmos e formos procurar uma entrada com a saída da floresta?

Então todos concordamos em sair da van e tentar procurar uma saída. Saindo da van e indo para trilha todos tentamos pegar sinal mais não adiantava de nada. Depois de andarmos bastante pela trilha, conseguimos sinal. Então Henry mandou um pedido de ajuda para a polícia, mais foi perda de tempo total, ninguém atendia ao nosso pedido de socorro.

Desistimos de esperar por ajuda e entramos em um acordo de prosseguirmos a caminhada. Depois de muito caminhar, conseguimos achar um caminho que levava direto ao asfalto. Cloe estava com muita dor, seu ferimento estava infeccionando cada vez mais, passando um caminhão Henry fez sinal para que o motorista parasse, mais ele passou direto. O jeito foi continuarmos caminhando mais e mais, porém a caminhada estava ficando cada vez mais lenta porque Cloe estava reclamando muito de dor, e o pior era que nós não estávamos achando o caminho de volta para cidade.

Depois de já termos andado um monte, Benjamin avistou uma cidade pequena próxima, fomos procurar por ajuda mais lá não tinha nada e nem ninguém, apenas casas vazias, era uma cidade abandonada. Como não conseguimos nada nem celular que pegasse sinal, Kayk falou:

-Então, vamos passar a noite aqui? Porque já está tarde para continuarmos.

Todos nós concordamos porque estávamos todos cansados. Amanhecendo o dia Maya escutou um barulho, então todos acordamos e pegamos as coisas e seguimos caminho para ver se achávamos outra cidade próxima com, pelo menos, pessoas morando. Henry e Kayk foram na frente levando Cloe, Benjamin, eu e Maya fomos indo logo atrás deles seguindo caminho. Henry achou uma casa com a lareira saindo fumaça, Benjamin falou:

- Vamos todos para lá? Talvez conseguimos ajuda.

Todos concordamos, até porque não achamos mais nada ao sair da floresta, só uma cidade vazia. Então Maya que estava toda pensativa disse:

-Mais e se for arriscado? Não sabemos quem pode estar por lá, ou que perigo a mais podemos correr!

_Mais, Maya, como vamos correr mais perigo do que já estamos? Vamos logo para lá porque Cloe não está nada bem a cada minuto que a gente fica discutindo, Cloe piora!

Então chegamos na casa e batemos palmas mais não tinha ninguém, só a lareira que estava acesa. Então resolvemos entrar e verificar para confirmar se não tinha realmente ninguém na casa. Parece que a casa tinha acabado de ser abandonada. Kayk e os meninos foram pegar algumas coisas para passarmos a noite. Eu e Maya subimos com a Cloe para o quarto para cuidar de seu ferimento. Maya ficou com Cloe no quarto, enquanto eu fui procurar se tinha algum meio de comunicação para a gente pedir socorro

ou algum outro tipo de ajuda, mais não achei nada. Kayk e os meninos chegaram, então Benjamin perguntou:

- Achou alguma coisa que possa servir para a gente se comunicar? Então eu disse:

- Não achei nada. Procurei em todos os lugares. É como se tivessem levado tudo igual uma mudança, não tem nada! Benjamin então diz:

- Então, o que vamos fazer agora? Porque eu não sei mais em que pensar. Acho que todos temos que pensar em uma saída.

Kayk e Maya estavam procurando algo para a gente comer, mais não acharam nada e então eu fui ver como estava a Cloe que ao me ver, me cumprimentou primeiro:

-Oii, Aylla!

-Oii, Cloe, como você está se sentindo? - Cloe me responde um pouco preocupada:

- Estou bem melhor agora, só estou preocupada e com medo de agente não achar ajuda! Eu fiquei um pouco feliz e tentei acalmá-la:

- Fica calma, a gente vai achar ajuda e todos vamos voltar para nossas casas em segurança, pode ficar tranquila. – Cloe fala com um certo otimismo:

- É? Tomara que você esteja certa!

Então todos descemos e começamos a planejar o que a gente iria fazer para tentar encontrar ajuda. Estávamos ficando sem ideias e com medo do que a gente podia achar pelo caminho ou até mesmo de acontecer algo muito desastroso com mais alguém do grupo, igual ao que aconteceu com Cloe.

Kayk e Maya foram dormir, eu e Henry estávamos indo dormir também, quando Cloe e Benjamin estavam indo para seus quartos eu disse:

_Cloe, se precisar de ajuda à noite pode me chamar, ok!

_ Ok, amiga, e obrigado por tudo.

_ Que isso! Pode ficar tranquila, vai dar tudo certo.

Ao amanhecer do dia, todos acordamos praticamente juntos Henry já nos chamou para pegar novamente a estrada:

- Gente, vamos indo antes que fique tarde demais. É bom irmos agora cedo que temos mais tempo para tentar achar ajuda e antes que aqueles crocodilos nos encontrem de novo.

Então fomos pegando caminho e não chegamos a andar muito tempo, achamos um carro abandonado no meio da estrada, chegamos

perto e vimos que tinha corpos totalmente destroçados dentro do dele. Maya espantada disse:

- Gente, o que é isso!! - Todos paramos para pensar que só podia ter sido os crocodilos, porque em volta ainda tinha mata e florestas. - Temos que sair daqui o mais rápido possível, as coisas estão cada vez só piorando para nosso lado! Benjamin aponta algo que nós não tínhamos visto ainda:

- Gente, o que é aquilo atrás do carro? Kayk sem saber do que que o amigo fala pergunta:

- Aquilo o quê? Oh meu deus! Henry tenta acalmar a todos e diz:

- Gente, fiquem calmos, e fiquem em silêncio e não se mexam!

Então Cloe pisou em cima de galho e logo o crocodilo olhou para trás e começa a vir em nossa direção. Foi quando eu disse:

_Aí, gente, corram! Vamos, vamos! – Kayk e Benjamin estavam ajudando a levar Cloe – gente, ele está nos alcançando!

Então fomos todos correndo sem olhar para trás com as coisas nas costas, eu não sei se a gente ria ou chorava. Continuando, conseguimos achar outra estrada que não sabíamos para onde podia nos levar, mais seguimos por ela com a confiança que íamos achar uma cidade e pedir ajuda por lá. Henry avistou uma cidade mesmo sendo pequena mais próxima, então fomos indo para lá para poder tentar nos livrar do crocodilo.

Então depois de andarmos tanto tempo, achamos uma cidade em que Cloe morava que se chama João Pessoa, então ela fala muito emocionada:

- Conseguimos. Vamos gente temos que buscar por ajuda e rápido!

Fomos correndo e tentando procurar ajuda. Encontramos um mercado aberto, entramos e tinha um moço lá, então ele disse que a cidade estava sem energia por essa noite. Cloe fala:

- Gente, eu estou muito cansada não consigo andar mais! – Henry fala:

- Então vamos todos ficar aqui e logo de manhã tentamos ligar para nossos pais.

Todos ficamos no mercado e trancamos as portas e janelas. Porém Kaik fala com um olhar de espanto:

- Gente olhem lá fora! – Benjamin fala:

- Nossa, gente, está tendo uma infestação de crocodilos lá fora, temos que colocar coisas atrás das portas e janelas, rápido!

Trancamos tudo e colocamos coisas de peso atrás das portas e janelas, rapidamente um crocodilo veio em nossa direção e estava

tentando quebrar o vidro do mercado, todos corremos para trás da bancada do caixa. Então o crocodilo conseguiu quebrar o vidro e começou a comer todas as carnes que tinha no freezer que estava aberto e caiu tudo no chão. Aproveitamos que ele estava distraído e tentamos correr, mas ele viu. Então Kayk tentou achar alguma coisa para tentar apunhalar o crocodilo,

Enquanto Henry levava Cloe e Maya para fora, tentei ajudar o Kayk a distrair o crocodilo. Kayk foi pegando as carnes e fazendo uma trilha até o animal sair para fora, enquanto eu tentava achar algo para apunhalar o bicho, encontrei um facão. Então Henry voltou para nos ajudar e pegou o facão da minha mão e apunhalou o crocodilo pelas costas, conseguiu, mais mesmo assim ele ainda estava vivo. Benjamin pegou um machado e deu no meio da cabeça do crocodilo que por fim ele morreu. Henry falou então:

-Conseguimos, pessoal! – Benjamim fala:

- Sim, agora vamos voltar e tentar ficar seguros em algum lugar até amanhã de manhã. – Kaik fala assustado:

- Vamos, gente, rápido!

Então encontramos Cloe e Maya que estavam em outro mercado ao lado. Eu já estava me sentindo meio tonta, quando Henry perguntou:

- Aylla, meu amor, você está bem? – eu respondi:

- Não, eu estou me sentindo meio tonta! – Henry preocupado fala:

- Meu deus, Aylla meu amor, sua perna está sangrando, como foi acontecer isso? – eu nem tinha percebido e ressponde:

- Quando fui entregar o facão para você o crocodilo me abocanhou, mais foi de raspão. – Henry fala:

- Vem se apoia em mim, e tenta não apagar, tá bom? – eu respondo

- Está bom. Eu vou tentar.

Então fomos indo e até que o dia foi amanhecendo, chegando em uma loja Maya achou um telefone e foi correndo para ver se funcionava e diz:

- Gente, o telefone está funcionando!! – Cloe fala:

-Vamos, tente ligar para minha mãe rápido! Maya, passa o telefone para mim.

-Toma. __ Cloe, tenta ligar para sua mãe. – do outro lado da linha escuta-se: "Chamada atendida" – Cloe pergunta:

- Mãe, é você? – a mãe de Cloe responde:

- Filha, é você? eu estava tão preocupada sem notícias suas! – Cloe responde:

- Mãe, eu estou aqui na cidade, eu e meus amigos. Por favor, ajuda agente? – a mãe de Cloe responde:

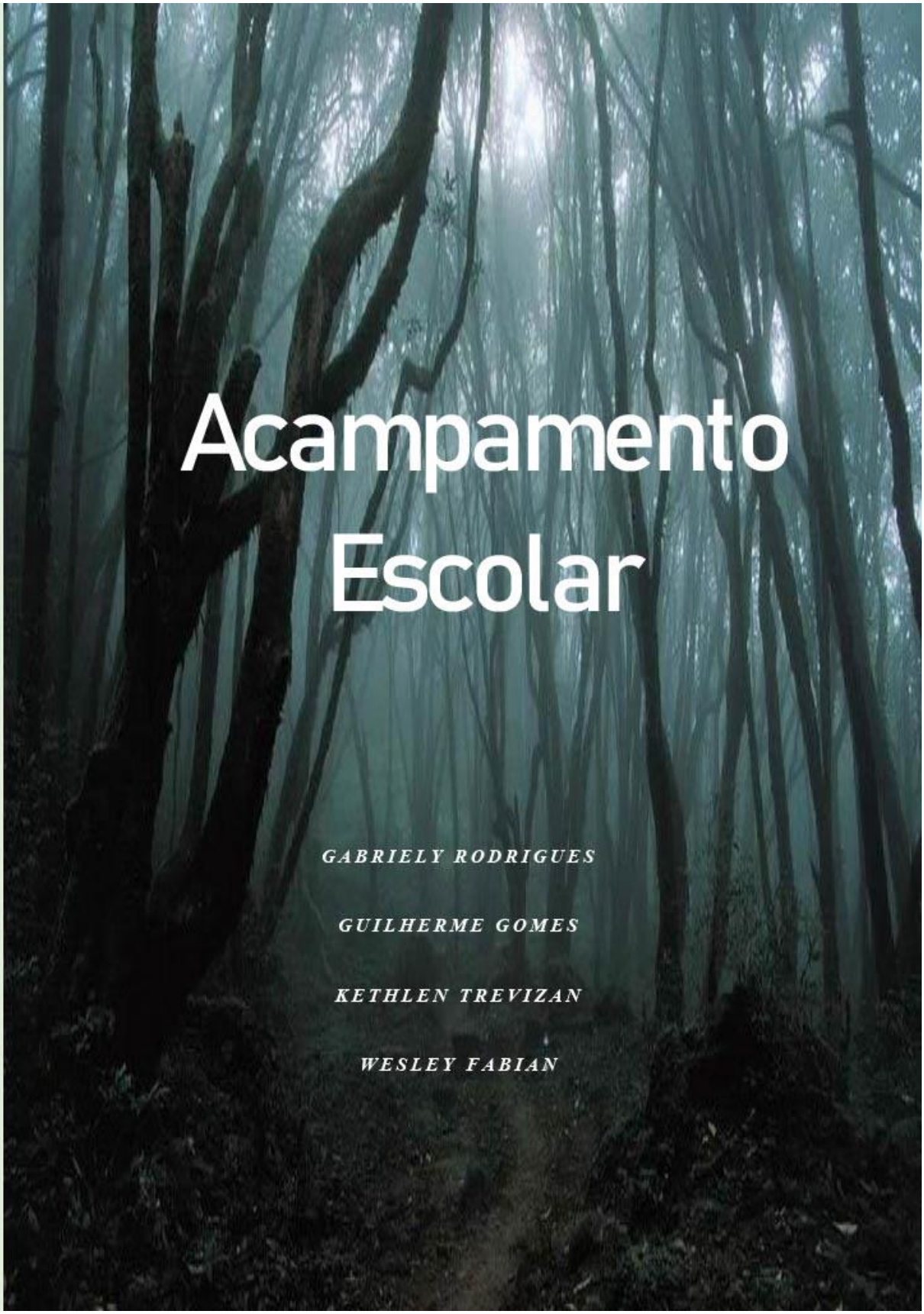
- Está bom. Estou indo, vou ligar para os pais de seus amigos também. – Cloe responde aliviada:

- Está bom, mãe.

Então todos comemoramos juntos, porque conseguimos ajuda depois de tanto sofrimento. Olha uma dica: viu gente, não vão acampar na floresta, por favor, não façam isso nunca na vida de vocês. Mais tarde chegam os nossos pais, com a ambulância de bombeiros para levar os feridos para ter atendimento médico no hospital. Quem estava se sentindo bem, foram para suas casas, enquanto os outros eram levados para uma consulta e curativos nos ferimentos.

Uma semana já se passou e estamos todos bem e seguros em nossas casas, espero nunca mais em minha vida ter que passar por um outro momento tão dramático assim e nem na vida de meus amigos, porque foram momentos de muita tensão. Acho até que devo passar por um tratamento psicológico por que de vez em quando acordo sobressaltada e com medo, parece que tem alguém me perseguindo.

Elana, Gustavo, Pâmela


Acampamento
Escolar
GABRIELY RODRIGUES
GUILHERME GOMES
KETHLEN TREVIZAN
WESLEY FABIAN

Acampamento Escolar

GABRIELY RODRIGUES

GUILHERME GOMES

KETHLEN TREVIZAN

WESLEY FABIAN

Supervisão: professora Maria Célia

Acampamento Escolar

Em um final de bimestre, a Escola Estadual Rui Barbosa combinou com o 9° ano, turma A, para ir a um acampamento escolar a fim de celebrar a última semana de aula. E no dia 20 de dezembro a turma se reuniu em frente à escola para pegar o ônibus às 07h00 da manhã.

Antes de partir, a professora fez a chamada para ver se estavam todos presentes. Estava uma bagunça, mas assim que a professora começou a fazer a chamada, todos ficaram em silêncio. Enfim, todos estavam presentes. O motorista deu a partida no ônibus e seguiram viagem.

No começo estava meio entediante porque o ambiente estava quieto, e então o Júlio decidiu alegrar o povo colocando uma música bem alta. Eles despertaram e entraram no ritmo.

Após longas horas de viagem eles chegaram ao acampamento, foram descarregando as bagagens e montando as barracas, alguns ficaram no local se acomodando enquanto outros foram explorar a floresta, um desses exploradores foi o Felipe que resolveu ir sozinho.

Andando ele encontrou uma trilha fechada e começou a segui-la, nos primeiros passos ele repensa esta hipótese, porém estava muito curioso para descobrir o que poderia haver na densa floresta e volta para chamar o seu melhor amigo, Mateus.

Então eles voltam e seguem a trilha, com um mau pressentimento, mas continuaram, pois, a curiosidade tomou conta deles. Andaram até o final da trilha, onde encontraram uma casa que parecia estar abandonada, era média e simples, mas algumas telhas e janelas estavam quebradas, as madeiras pareciam estar podres.

A casa chamava-lhes a atenção e por mais que aparentava ser medonha, eles entraram, e logo de cara já encontraram várias garrafas vazias de bebidas alcoólicas, um quadro assustador pendurado na parede que, aparentemente, apontava para uma escada que levava para o sótão. Subiram, entraram e se depararam com várias velas acesas espalhadas pelo sótão e com um livro aberto em cima de uma escrivaninha.

Quando foram se aproximando da escrivaninha, de repente o livro fechou com uma força brutal. Logo é escutado um barulho de vidro quebrando no andar debaixo, e desesperadamente os dois garotos correm em direção ao barulho. Ao chegarem lá, avistam um vulto preto saindo para fora da casa, pela porta da frente, assustados eles saem da casa, correndo para se juntarem aos outros no acampamento.

Chegando lá, eles chamam todos para contar o que ocorreu com os dois dentro de uma casa estranha. Após contarem, Felipe sentiu uma sensação de uma presença a mais no local, virou-se para trás e avistou um homem estranho andando em direção a eles.

Conforme o sujeito foi se aproximando, é escutado um estalo de um graveto de madeira o qual chamou a atenção dos estudantes e da professora. Ao chegarem mais perto, viram o tal homem caído no chão, inconsciente.

— De onde ele surgiu? — estagnada, perguntou a professora.

— Devemos ajudá-lo! — exclamou Anna Luiza.

Com esforço, a turma o carrega para uma barraca já armada onde o ajudam deitando-o com cuidado.

— Ao escurecer fará frio, é bom alguns de nós irmos pegar alguns gravetos para fazer uma fogueira. Vamos formar dois grupos: um fica aqui e o outro sai a procura. — Guilherme cogita essa ideia.

Os grupos são formados com 11 alunos cada, um indo procurar madeira e o resto continua no acampamento junto a responsável por eles e o homem desconhecido.

O grupo sai do acampamento sem se separarem uns dos outros. Caminhando bastante, eles encontram um riacho corrente, a água é clara e límpida com algumas pedras ao redor.

— Vamos atravessar. — Samara diz já tirando os tênis para não molharem.

O resto do grupo faz o mesmo, eles atravessam até o outro lado e logo de cara encontram várias folhas secas e alguns pedaços de galhos quebrados.

— Alguém trouxe alguma bolsa? Ou algo que dê para colocar as folhas dentro? — pegando algumas folhas secas, Wesley pergunta para os que estão ali presente. Kayla assente com a cabeça pegando a pequena bolsa de pano e a abrindo para o Wesley colocar as folhas.

— Vocês são burros? Pra que essas folhas? — Maria questiona.

— Acho que a burrinha aqui é você, Maria! Folhas secas pegam fogo, são excelentes para fazer uma fogueira. — com uma risada, Guilherme zomba da garota.

Maria começa a dar tapas leves em Guilherme, ele reclama um pouco, mas não para de rir.

— Parem com isso! Vamos continuar antes que escureça. — diz Kayla que começa a pegar gravetos e folhas para colocar em sua bolsa.

— Ainda deve ser umas 14h00, no máximo. — Nadhia se pronuncia.

— F..se. O importante é pegar tudo e voltar — Kayla diz, já meio impaciente.

Pegaram tudo, a bolsa estava cheia, mas o grupo continua andando a procura de alguma árvore frutífera, no entanto não estão tendo muito resultado.

A floresta é aberta, com árvores de várias espécies. Os pássaros cantando, as folhas balançando com o vento fresco, os macacos alegres pulando de uma árvore para outra.

— Olhem, um pé de fruta! Bom, pelo menos eu acho que é. — Júlio quebrou o silêncio com muita admiração o que durou apenas alguns minutos; mas que pareciam ter sido horas.

— É uma pitangueira, é comestível, mas ela é meio... — Wesley é interrompido por um resmungo.

— Credo! — Larissa antes de todos pegou uma pitanga e levou até sua boca, no entanto quando ela deu uma mordida, veio seu arrependimento.

— ... azeda! — Wesley termina sua frase dando uma leve risada.

Ninguém gostou muito da fruta por ser azeda, mas queriam que o resto do pessoal, que estavam no acampamento experimentassem também, já imaginando as caretas.

Voltando por onde vieram, eles seguem em uma fila, meio desproporcional, olhando a bela vista e vendo alguns animais que ali habitavam. Alguns macacos, pássaros e até acharam um bicho preguiça. Chegaram perto, mas não tanto para não assustar o animal, tiraram algumas fotos e seguiram andando mesmo estando cansados.

— Vamos descansar, só um pouco. — cansada, Karla diz para todos ali presente meio choramingando, se sentando em uma rocha grande. Alguns se sentam, mas outros tentam achar algo que possa chamar a atenção.

— Quem será que é aquele homem? — enquanto joga algumas pedras pequenas na direção de um tronco caído, Beatriz pergunta, mas sem esperança de alguma resposta concreta.

— Acho que ninguém sabe. Tomara que ele tenha acordado, assim nós perguntaremos. — Samara fala depois de um tempo indo se sentar do lado de Karla.

— Nadhia, cuidado! — Desesperada, Beatriz alerta sua amiga.

— Cuidado com o quê?! — nervosa ela pergunta com medo, mas logo percebe o motivo. Sentiu algo lhe arrepiar a pele, algo subindo em sua perna direita. Quando olhou para baixo, notou uma cobra, isso só a assustou mais do que já estava. A cobra apresenta em sua pele, tons alaranjados vivos, amarelos e pretos, em formato de anéis, e algumas partes brancas.

Nadhia fica paralisada com a situação, a cobra parou em sua canela, e parecia não querer sair. Os estudantes todos ficaram imóveis, com medo de que qualquer movimento brusco pudesse assustá-la.

— É uma cobra-coral, mas não sei se é a verdadeira ou a falsa.

— E qual a diferença das duas Gui? — no momento, Larissa ficou curiosa, e perguntou ao Guilherme.

— A coral verdadeira é venenosa, e a falsa não. — então ele respondeu o que lhe foi perguntado. Ninguém ali sabia distinguir uma da outra, mas estavam torcendo para que essa não fosse venenosa.

Ela precisava se desenrolar da perna da garota e eles precisavam voltar ao acampamento junto ao resto do pessoal, o problema era que não tinham coragem para pegá-la, caso fosse venenosa, o cuidado seria maior, e o medo também.

— Alguém tem que ir lá tirar ela. Eu não vou! — Samuel diz fazendo sinal de negação com o dedo, já se garantindo que ele não ia encostar a mão no animal.

A verdade era que ninguém queria ir, era uma cobra, não um simples inseto pequeno e que pode ser tirado com facilidade, era necessária uma pessoa com experiência para a situação, e nenhum deles tinha.

Júlio tenta se aproximar da garota, mas a cobra a aperta com força e Nadhia resmunga de dor, a perna começou a ficar vermelha e foi escurecendo para o tom de roxo e o desespero só aumentou.

Nadhia tenta se mexer para ver se ela vai embora, "péssima ideia", a cobra reagiu se sentindo ameaçada, infelizmente ela deu-lhe uma picada forte e ligeira. Júlio que estava mais perto, rapidamente pega um graveto, tira a cobra e a joga para longe de onde eles estão. Nadhia se senta no chão prestes a chorar, pelos dois buracos das presas do animal, o sangue saía para fora de sua pele, uma dor tremenda. Todos foram até ela perguntando se estava tudo bem, ela não respondia, pois, a resposta já estava estampada em seu rosto, lágrimas caiam de seus olhos, ela se mexia sem parar.

— Agora sim, nós temos que voltar e muito rápido! — Samuel apressa o restante, enquanto, com a ajuda de Júlio levantam a amiga ferida, que no momento está mancando, e o sangue não para de escorrer. Beatriz rasga a manga de sua blusa, amarrando o pedaço rasgado em torno da perna para conter o sangramento.

Andando o mais rápido que podem, mas acompanhando os passos de Nadhia, a picada estava deixando-a fraca, especipalmente por falta de sangue.

Chegaram ao riacho que por ali já haviam passado. Mesmo com seus sapatos, eles passam com rapidez para atravessar do outro lado, a água agora estava mais fria do que antes. Atravessaram e não pararam de andar, o caminho agora parecia ser mais longo, aparecendo alguns animais onde estão visíveis, mas o grupo não se importou com isso, estavam se importando apenas se a garota ficaria bem. Ela precisava se deitar e descansar, tinham esperança de que alguém que estava no acampamento pudesse saber o que fazer e ajudar.

Após alguns minutos, finalmente, chegaram onde queriam, pedindo ajuda, e os que estavam no acampamento foram ao chamado, curiosos para saberem o motivo. Chegando mais perto, começaram a se assustar, e a professora entrou em desespero imenso, uma de suas alunas havia sido picada por uma cobra e ela era a adulta responsável por todos os estudantes que estavam ali acampados.

— O que aconteceu?! — a professora pergunta aos alunos que estavam assustados iguais a ela naquele momento.

— Ela foi picada por uma cobra coral.— sem hesitar, Wesley responde a pergunta.

— A verdadeira ou a falsa? — curioso, Marcos pergunta para os que estavam lá no momento.

— Não sabemos diferenciar uma da outra. — Guilherme se pronuncia.

Os garotos ajudam Nadhia a andar até a barraca, onde lá ela se deita, a professora entra junto, nervosa, pois ela não sabia muita coisa sobre cobras, e os alunos que viram a cobra não sabiam distinguir, e nem muito menos sobre como fazer os primeiros socorros. Já ouviram falar que se uma pessoa fosse picada por uma cobra venenosa, era preciso chupar o veneno, porém isso só iria piorar a situação.

— Tem que lavar com água corrente por pelo menos 15 minutos. — diz o tal homem estranho que tinha desmaiado, entrando na cabana, a professora se assusta de leve.

— Quem é você? — Nadhia pergunta, um tanto zonza, seus olhos estão começando a se fechar.

— É melhor se preocupar com essa picada, não com minha identidade. Com licença. — o homem pede passagem para chegar até o local em que a ferida se encontrava. Ele se ajoelha, e com cuidado, para tirar o tecido que estava amarrado na perna. No exato momento, Guilherme entra no local para saber o que estava acontecendo.

— Você estava com ela, não é? — quis saber o homem que olha imediatamente para o garoto, que se encontrava imóvel e fixado na perna machucada.

— Sim, por quê? — ele responde com dúvida, pois não sabia o porquê da pergunta.

— Como era a cobra que a picou? Descreva.— fixou os olhos nos do garoto.

— Era alaranjada, com amarelo e preto, com branco também, formando alguns anéis ao redor dela. Era uma coral, com certeza.

— Pode ser uma verdadeira, mas ainda não dá pra saber, só caso ela estiver tendo alguns sintomas. — voltando a olhar para a garota, a qual se encontrava suando e com os olhos vermelhos, quase se fechando.

Até que ela não aguenta mais e acaba desmaiando ali mesmo. Os 3 entraram em desespero, a professora começou a sacudi-la, tentando acordá-la, mas não funcionou. Guilherme saiu para contar aos outros, a mulher tentou impedi-lo de tal ato, mas ele já estava lá fora. De repente, a turma toda se reuni para ver como Nadhia estava, mas não cabia todos no mesmo lugar, então a professora mandou todos saírem. Após se retirarem, a barraca foi fechada pelo tal sujeito.

Ele diz ser venenosa, a cobra que a picou, o local picado apresentava-se mais roxo que antes, e estava se espalhando. Não havia muito tempo, era preciso um médico especialista no assunto para socorrê-la, mas estavam muito longe da cidade, ou qualquer outra.

— Talvez ela não tenha muito tempo de vida.

— Não fale isso! Ela precisa ficar bem. — com os olhos lacrimejando, Maria Célia, a professora da turma, aperta as mãos da menina, e uma lágrima corre em sua face.

O sujeito sai para fora do local, e todos ali o acompanham com os olhares observando com curiosidade e muita preocupação. Ele anda até um tronco e se senta, a turma se aproxima, fazendo várias perguntas, quem ele era, de onde ele surgiu, se Nadhia ficaria bem, etc. Em um ato rápido, pediu o silêncio dos adolescentes, os quais calaram-se para o escutar.

— Me chamo Jucenildo e... — nesse momento ele é interrompido por uma risadinha.

— Você sofria bullying quando criança? — contendo o riso, Kethlen pergunta.

— Na vida adulta! — em um tom sério, respondeu-lhe a pergunta, com rispidez não achando nenhuma graça.

— Desculpe, pode continuar. — ela se cala e devolve a atenção para ele.

— Bom, como eu ia dizendo... me chamo Jucenildo, tenho 39 anos, moro em uma casa nessa floresta, sozinho. Não sou casado, não tenho filhos e nem animal de estimação. Quando criança eu sofria agressões físicas dos meus pais e após eu fazer 10 anos de idade, eles me abandonaram, me colocaram em um orfanato e depois nunca mais os vi.

— Que triste! Mas como veio parar nessa floresta? — questionou Ana Júlia.

— Fiquei no orfanato até os meus 18 anos, ninguém me adotou, eu era uma criança estranha, nunca tive amigos, sempre fui sozinho. Saí do orfanato e, com o dinheiro que arrecadei trabalhando como jovem aprendiz, comprei um apartamento, pequeno, mas era o suficiente. Arranjei um emprego como garçom em uma lanchonete, pagava as mensalidades e segui minha vida. — parou um pouco para observar a bela vista e voltou a contar sua história. — Eu tinha feito alguns inimigos no trabalho, nunca entendi o porquê deles me tratarem mal, mas tinha me acostumado, não me importava mais, minha vida nunca foi um mar de rosas. Até que um dia, um colega meu vazou um boato de que eu usava drogas e abusava de mulheres, o que era uma grande mentira, mas ninguém acreditou em mim, só no cara que inventou toda essa lorota.

— O que aconteceu com o cara? — curioso, Lukas fez a tal pergunta.

— Ele ficou bem, é óbvio, já eu, fui demitido e fiquei conhecido como o "drogado mulherengo". A cidade toda ficou sabendo, foi então que resolvi me mudar, e o único lugar que encontrei foi uma floresta, na qual passei a noite. No outro dia eu andei um

pouco, até encontrar uma casa abandonada, não tinha moradores, fiquei por ali e prometi pra mim mesmo que recomeçaria uma nova vida.

— História tocante, mas como veio parar aqui? Você até desmaiou quando chegamos. — Marcos o questiona para saber mais afundo disso tudo.

— Eu estava fraco, não comia a dias, pois estava em jejum. Andei até encontrar várias pessoas reunidas, quando fui chegando perto, desmaiei. Quando eu acordei, uma mulher estranha estava me observando, quando ela perguntou se eu estava bem, eu disse que estava fraco e com fome. Ela me ofereceu comida e disse a ela meu nome, depois disso fiquei calado, até que vi 11 de vocês chegando, e o resto, já sabem.

— Por que estava em jejum? — Gustavo arqueou a sobrancelha, não entendia o motivo, e para falar a verdade, nenhum deles sabia por que ele estava em jejum.

— É questão religiosa.

— E você frequenta a igreja? — Gustavo pergunta perplexo com certo ar de ironia dava para ver um risinho disfarçado e não se contentava com as respostas que lhe eram dadas, queria explicações mais concretas.

— Sem mais perguntas, por favor. — fugindo do assunto, Jucenildo se levanta rapidamente e vai até uma árvore, onde se escora e encara a paisagem, de costas para não ver os rostos dos curiosos, pois sabia que os fitavam com os olhos.

— Ele é estranho! — encarando o homem, Júlio simplesmente fala, em um tom que só os que estavam ao redor poderiam escutar.

— É melhor fazermos a fogueira, já vai começar a escurecer. — Anna Luiza se retira e todos a seguem, pegam a bolsa e começam juntando os gravetos e as folhas. Ficou pronta, só restava o fogo, Lukas pega duas pedras e começa as roçar uma na outra para soltarem alguma faísca. O fogo foi aceso e todos pegaram alguns troncos e folhas grandes, colocando no chão, para se sentarem e ficarem mais confortáveis. Maria Célia sai de onde estava e se dirige à roda que formaram em torno do fogo, estava começando a fazer frio.

— Ela não acordou, se é isso que querer saber. — se sentou do lado de Kethlen, em um pedaço de casca de árvore, não muito grande, mas que cabia duas pessoas.

— Será que ela vai ficar bem? — em tom tristonho, Beatriz pergunta, mas sem esperar alguma resposta válida, estava preocupada com sua amiga, não queria perdê-la.

— Ela é tão importante assim para você? — Jucenildo chegou de fininho para não o verem ou escutarem, até se pronunciar.

— Claro! Ela é tanto minha amiga quanto dos que estão aqui. — responde indignada.

— Acho que já deu. — Maria Célia se levanta e o olha fixamente. — Se não for ajudar, por favor, se retire. — foi paciente e pediu com educação. Ele deu um pequeno sorriso e foi embora, perdendo-se de vista.

Kayla, junto de Larissa, se levantam e vão até uma das barracas, onde elas e mais algumas meninas dormiriam. Em suas mochilas havia pacotes de marshmellows, suficiente para todos que foram, os pegaram e voltaram para fora, onde se sentaram novamente e dividiram os pacotes com o pessoal, igualmente.

Felipe teve a brilhante ideia de assar os marshmallows, mas teve seu arrependimento, após provar ele cuspiu fora, disse que estava com gosto ruim de

queimado, várias risadas se espalharam pelo local, o ambiente ruim havia mudado para algo melhor e mais alegre, entretanto, não tiravam Nadhia de suas cabeças.

Os grupos foram separados por garotas e garotos, as barracas eram grandes, ficariam 4 pessoas em cada. Se preparando para dormir, arrumando todas as coisas, mas havia um porém. Não estavam com sono, queriam ficar conversando por mais tempo. Então apenas a professora se dirigiu para o local onde iria dormir, os alunos continuaram na roda, conversando e rindo, o clima estava agradável, até chegarem a um certo assunto.

— Não tivemos tempo para falar da casa estranha que o Felipe e o Mateus encontram. — Karla inicia uma nova conversa.

— No sótão, as velas estavam mesmo acesas, ou vocês apenas se confundiram? — Samuel os questiona.

— Estavam acesas, temos certeza do que vimos, pelo menos eu tenho. — Mateus se defende, não aceitaria ser chamado de louco por algo que ele vivenciou.

— Se lembram de que o Jucenildo disse? Ele veio para essa floresta e encontrou uma casa abandonada, onde ele se abrigou. Será que é a mesma casa que vocês dois foram? — os olhares saíram de Wesley, após ter direcionado sua fala para Felipe e Mateus. Todos estavam confusos, queriam respostas que fossem diretas e válidas, não aceitariam qualquer coisa, não desistiriam.

— Não tem muitas casas por aqui, é uma floresta longe de praticamente qualquer cidade, pode ser que ele more lá, e isso explicaria o vulto que vimos. — Felipe, fala com entusiasmo, pois, algumas dúvidas já estavam sendo esclarecidas.

— E por que ele estaria em jejum? Não tem igreja perto, e não acho que ele tenha algum automóvel. — Novamente a dúvida de Gustavo se faz presente, deixando a turma em completa dúvida também.

— Amanhã a gente poderia ir até a casa e descobrir mais, porque agora bateu um sono grande. — diz João Pedro que se levanta e vai até o local onde irá dormir. Alguns vão junto com ele, outros continuam na roda conversando mais sobre o assunto.

Após um tempo, o resto que estavam acordados, foram dormir, seria um longo dia e eles precisavam estar descansados para a aventura que fariam no dia seguinte. Ajeitaram-se e tentaram dormir, no entanto certos alunos estavam inquietos e ansiosos para amanhã seguinte.

Amanheceu e já acordaram com um grito da professora, assustados, foram até ela desesperadamente, e ao dentarem na barraca, viram que Nadhia estava pálida, sua boca já não tinha mais coloração, seu peito já não se movia para cima e para baixo, indicando que estava respirando. O veneno da cobra foi fatal, não havia mais volta, a garota veio a óbito e ainda era muito jovem.

Lágrimas corriam nos olhos de alguns, de outros, apenas paralisados, Maria Célia pediu para que Samuel pegasse Nadhia e a levasse para fora, assim ele fez, a mulher pegou um pano extenso e levou para fora, colocando-o no chão, indicando que era para colocá-la ali. Se reuniram em volta da garota, a mais preocupada era a professora, pois a responsabilidade desses adolescentes caíra toda para ela, o que diria aos pais? Era apenas para ser uma atividade divertida, porém, acabou em tragédia.

Camili pega um cobertor e o coloca sobre o corpo da garota que já não se encontrava mais com vida, eles formaram uma roda grande em torno dela, deram suas

mãos uns para os outros, abaixaram suas cabeças e ficaram em silêncio, em respeito por ela.

A manhã tinha começado ruim, não estava mais divertido, era um silêncio incomum para àquela turma, comiam algumas coisas que levaram em suas mochilas, um momento difícil.

Quando a professora entra em sua barraca, Any reúne o pessoal para falar sobre irem até a casa, sabendo que perderam uma amiga, todavia precisavam descobrir sobre a tal casa e o tal homem.

— Vamos, Nadhia iria gostar se fossemos. — Any tenta convencê-los.

— Ela nem sabia que a gente iria para lá. — Guilherme a questiona, e acaba levando um chute de leve na canela por Any, o que acaba dando alguns resmungos e xingamentos.

— Felipe, Mateus, mostrem o caminho. — depois de dar essa ordem aos dois garotos, Wesley olha para eles querendo que os levassem para a casa.

Concordaram e seguiram floresta adentro, antes que a professora se preocupasse mais ainda. Ana Júlia andou até onde ela estava e avisou que ela e o resto da turma sairiam para dar uma volta. Ela retornou junto aos outros e seguiram até encontrarem a trilha.

Encontrando-a, foram até o final e a casa permanecia do jeito que na primeira vez a acharam, adentram o lugar e observa que nada havia mudado, o local ainda estava com garrafas de vidro vazias, espalhadas. Mateus indicou a escada e subiu. Os outros o acompanharam, só que, desta vez, não havia mais velas e nem o livro misterioso. Os dois, nervosos, falaram que àquelas coisas haviam desaparecido. Desceram a escadaria, iriam embora.

— Por que esse quadro aponta pra cima? — Samara, após descer as escadas, notou a presença de um quadro estranho, um homem que parecia estar com medo, fugindo de alguém, apontava para a direção da escada.

— Essa casa toda é estranha, isso aí não deve ser nada. — observando o quadro, Lukas convence Samara do que disse.

Voltando para a trilha e seguindo-a para chegarem ao acampamento, Felipe escuta um barulho vindo da mata. Assustado, olha para ver o que é, mas não obteve resultado. Continuou andando e cogitou apenas ser algum animal.

O acampamento continuava igual, a menina falecida continuava no chão, Lukas e Júlio resolveram levá-la de volta para a barraca. Entretanto não encontram a professora, avisaram e todos estranharam, porém, todos cogitaram que ela poderia ter saído para colocar a cabeça no lugar, pois precisava se recompor.

Ficaram conversando sobre assuntos bobos, alguns falavam sobre música, outros sobre futebol, etc., mas já havia se passado um tempo e a ausência da professora estava começando a preocupá-los. E se tivesse acontecido com ela o mesmo que aconteceu com a Nadhia? Começaram a gritar o nome da mulher, ninguém respondia, se separaram em grupos e foram a procura dela, não podia estar muito longe, Maria Célia não é uma mulher que parecesse gostar de ir para floresta sozinha.

Sem resultados, não foi encontrada, retornaram ao acampamento e se reuniram para ter ideias de onde ela poderia ter ido.

— E na casa? — Karla é a primeira a falar.

— Por que ela estaria lá? Não faz sentido. — Beatriz a questiona.

— Não, mas e se ela encontrou e ficou por lá? Vai ver o Jucenildo apareceu de novo. — Karla continua tentando colocar sentido em sua fala.

— Não custa tentar. — desta vez foi Samara, concordando que talvez Maria Célia poderia estar na casa abandonada, por mais que não tivesse esperanças disso, ela não estava recusando hipóteses.

— Vou levar meu estilete. — João Pedro pega em sua mochila, o estilete que ele trouxe, caso precisasse.

— Para quê? — curiosa Samara pergunta.

— Vai que é preciso, precaução é tudo. — responde João Pedro.

Seguiram o caminho da trilha novamente, não estavam com esperanças de encontrá-la naquele lugar, sentiram o medo tomando conta de todos, primeiro a morte de Nadhia, e agora o desaparecimento da professora Maria Célia, era apenas eles agora sem nenhum responsável adulto para acompanhá-los. Como voltariam à cidade sem a professora e com um defunto na van?

Foram caminhando até chegarem novamente à casa, estava igual eles tinham deixado antes, apenas uma diferença fora do normal na mudança do tempo. Pois estava tendo muita ventania, as árvores balançando, os pássaros voando de uma árvore a outra, cantando, o céu apresentava-se escuro e em algumas horas, provavelmente, iria chover.

Adentraram-se no local, nada de diferente, foram até a cozinha, sala de estar, quarto e sótão, queriam ir embora, mas Samara os impedem, algo a chamou a sua atenção.

— Olhem esse quadro! — começou a falar.

— Nada demais. — Maria chega em seu lado, junto a Samara, observam o quadro.

— Quando viemos aqui, ele estava apontando para cima, as escadas. Agora, ele está aprontando para baixo. — ela continuou, todos foram observar o quadro pendurado na parede, seguiram o dedo do homem que apontava para o chão.

— Aqui só tem um tapete. — confuso Mateus observa o que havia no chão.

Guilherme chega à frente, levanta o tapete e a turma se depara com o que parecia ser uma porta. Ele tentou abrir, porém era meio pesada, com a ajuda de Wesley, abriram e se depararam com outra escada, dessa vez era subterrânea. Indecisos se desciam ou se ficavam, mas Anna Luiza se juntou a Guilherme e ao seu lado disse:

— Vamos descer, pode não ter nada, mas temos que ter certeza.

Ela foi a primeira a entrar no local que pensaram ser o porão, em seguida foi o resto da turma, aos poucos. Estava escuro, sem uma fonte de luz, não enxergavam no momento. Júlio, Beatriz, Wesley e Kayla pegaram seus celulares e ligaram a lanterna com as luzes dos quatros celulares conseguiram ver que ali tinha uma porta entreaberta, Kayla terminou de abrir a porta, a qual fez um leve rugido, parecia estar velha. Presenciaram uma cena um tanto incomum, os olhos arregalados, imóveis e sem acreditar no que viam.

Velas acesas formando um círculo grande, uma pessoa escorada em uma mesa, segurando uma faca e parecia estar lendo algo. Todavia o que mais os estranharam, foi que a professora deles estava deitada dentro do círculo, ela aparentava estar inconsciente. A pessoa se virou e se separou com vários adolescentes observando toda a cena, deu um leve sorriso e começou a falar:

— Olá! De novo! Estão bem? Soube que a garota que foi picada não resistiu e faleceu.

— O que você está fazendo?! — Guilherme pergunta, desacreditado e assustado.

— Quando eu encontrei essa casa, subi as escadas até o sótão, lá eu achei um livro, comecei a lê-lo e percebi que era um livro de feitiços, me interessei, até chegar na página 97, falava sobre um feitiço que me chamou muita atenção, "***Como Amaldiçoar a Vida de Alguém***". Eu tinha todos os ingredientes que necessitava, menos um.

— E o que era? — Gustavo se pronuncia com curiosidade e sem entender onde ele queria chegar.

— Uma vida humana. E como essa floresta é muito longe de qualquer lugar, não se passam muitas pessoas por aqui, esperei anos para ver se aparecia alguém, até que um bando de adolescente idiotas e uma mulher apareceram, foi como uma luz divina. Eu os observei o tempo todo, cada movimento, vocês gostam de andar, mas a professora sempre ficava no acampamento. Quando vieram ver minha casa, aproveitei para ir até onde vocês estavam ficando com um pedaço de pau, bati na cabeça da mulher, que estava sozinha no momento, ela desmaiou e voltei para cá antes que todos retornassem, fui contra a direção que vocês estavam indo, eu os vi voltando.

— Dá continuidade em sua história, mas ainda deixava dúvidas pelo ar. – disse Guilherme

— Por que estava em jejum? Para que esse feitiço? — Larissa com muitas dúvidas, tirou perguntas da boca de todos.

— A pessoa que faz o feitiço precisa estar em jejum por pelo menos dez horas, mas eu fiquei aproximadamente vinte e seis horas em jejum, até chegar em você e não aguentar mais, eu aproveitaria a oportunidade mas desmaiei e acabei comendo. Então iniciei um novo jejum e tive de esperar. Se lembram do cara que eu disse ter me atormentado na vida? O que inventou toda àquela história sobre mim, ele fez da minha vida um inferno, e eu quis o mesmo. No feitiço, explica que a pessoa que for amaldiçoada, muitas vezes comete suicídio por não aguentar mais a vida que está levando, mas por causa da maldição, ela é condenada a ir para o inferno. Eu quero que ele sofra, porque me fez sofrer e para isso é preciso alguém com vida, fazer o ritual e matá-la dentro do círculo. — explica o homem.

Amolando a faca em sua mão, se aproxima da professora prestes a esfaqueá-la. Os alunos se aproximam, mas são impedidos por um campo de força, invisível, não tinham percebido antes, se não fizessem nada, outra morte aconteceria. Tentaram de todas as maneiras atravessar esse campo e impedir o homem.

— Jucenildo, para! Por favor! — Kethlen dá um grito em desespero pela situação.

— É preciso cortar os pulsos primeiro em seguida, penetrar a lâmina no coração. — ele começou a passar a faca pelo pulso direito, no qual fez um corte e o sangue escorreu.

Os alunos começaram a tentar atravessar aquele maldito círculo, com o esforço de todos se alto bateram com seus corpos para ter algum resultado e apareceu uma rachadura naquela roda e as esperanças aumentaram no coração de cada um. Jucenildo ficou em prantos, levantou-se rapidamente e foi em direção à mesa pegando

o livro, mas ao se virar para voltar, os alunos quebraram o campo com a força de seus corpos e atravessaram o outro lado. Ligeiramente, foram até a professora tentando acordá-la, mas a tentativa foi falha, Karla e Camili sopraram as velas, apagando-as, Jucenildo ficou irritado e se direcionou até eles, afastando-os com força, chegou perto da mulher. Tentaram afastá-lo do corpo desmaiado, mas ele era forte comparado aos alunos. Com sua faca, cortou o outro pulso da mulher, vendo o sangue escorrer, sorrindo como um verdadeiro maníaco fala:

— Não preciso dessas velas, apenas ela já está bom.— diz Josenildo prestes a esfaqueá-la.

Felipe em ato rápido, pega a faca da mão de Jucenildo e a joga para longe, nervoso e sem paciência, ele bate no rosto de Felipe, e empurra Guilherme que estava indo ajudar seu amigo. Ele pega a faca, mas é surpreendido com uma dor imensa, quando viu de onde vinha a dor, apenas viu João Pedro em sua frente, com sua mão segurando um estilete, que o atravessaram com medo, João dá mais facadas para o perfurar e ter certeza de que ele não sobreviveria. O homem o olha surpreso, se afasta e cai no chão, os olhos quase se fechando.

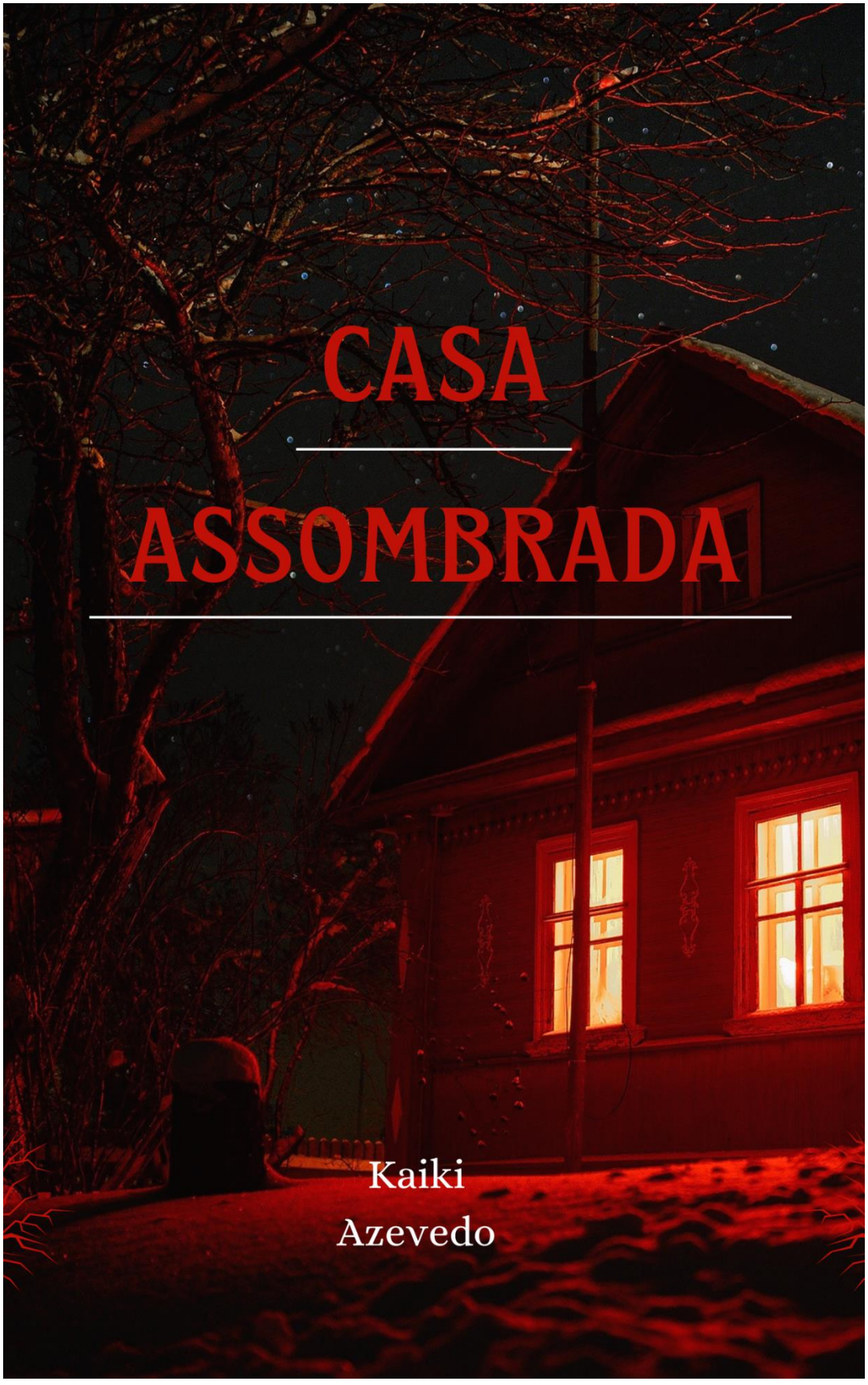
Todos olham assustados, mas se preocuparam apenas com a professora que já estava acordando e reclamando de dor, seus pulsos sangravam, e quando ela acordou totalmente, se deparou com seus alunos a observando e a ajudando a se levantar, até ver alguém caído no chão com um estilete pregado em seu corpo com sangue vermelho escuro escorrendo por todo lado.

Ela não fez perguntas, apenas seguiu caminho em direção a saída, os alunos prometeram explicar tudo que ocorreu, mas que primeiro ela precisava cuidar de seus ferimentos. Antes de saírem para fora do porão e da casa uma voz é ecoada pelo local.

— Vocês vão se arrepender! — foram as últimas palavras proferidas por Josenildo antes de seus olhos se fecharem por completo e ele vir a falecer.

Não se importaram muito com o que foi dito, apenas saíram dali e foram embora. Seguiram a trilha até voltar ao acampamento, pegaram suas coisas e arrumaram tudo, a van para pegá-los chegaria hoje. Voltariam para suas casas e esqueceriam o que aconteceu nesses dois dias, não comentariam sobre para ninguém. O acampamento escolar que era apenas para ser algo divertido, e até um aprendizado, se tornou um trauma na vida desses adolescentes e dessa professora.

Autores: Gabriely, Guilherme, Kethlen, Wesley.


CASA
ASSOMBRADA
Kaiki
Azevedo

Casa Assombrada

Kaiki Azevedo

Supervisão Professora Maria Célia

Casa Assombrada

Em uma Quarta-feira, dia 11 do ano..., um grupo de amigos: Renato, Renan, Roma e Thiago se reuniu, porque eles estavam cansados da mesmice e queriam criar um canal no YouTube para postar vídeos de terror. Porém sem ideia de temas para vídeos, eles resolveram que iriam a lugares assombrados e que o primeiro vídeo seria gravado em uma Sexta-feira 13, em uma casa que ficava localizada na saída de Londrina, estado do Paraná, perto de uma fazenda.

Na Quinta-feira Renato saiu para ir comprar os equipamentos e acessórios para filmagens, quando ele chegou na loja ele foi direto nas câmeras, ele comprou duas câmeras e quatro lanternas, voltou para sua casa. Na Sexta-feira de tarde eles começaram a se preparar.

Depois de uns trinta minutos, que eles estavam todos juntos, eles entraram no carro e foram rumo a casa amaldiçoada.

Depois de quase cinco horas de viagem, eles chegaram na casa, acharam estranho que ela estava em ótimo estado e com a porta da frente e as janelas todas fechadas. Ao chegar ao local, eles logo ligaram as câmeras e as lanterna para entrar na casa, quando eles abriram a porta o Renan se assustou com o barulho dela, mas eles seguiram em frente, e nessa mesma hora começou uma chuva forte e Thiago com medo logo falou:

"- O clima está bem estranho, acho melhor nós irmos embora e voltar outro dia para gravar o vídeo." Renan e Roma concordaram com Thiago, mas Renato discordou e falou o seguinte:

"- Nós já estamos aqui, nem adianta voltar e adiar o vídeo."



Eles continuaram, mas estavam muito tensos, eles viram que a casa tinha três quartos, mas eles perceberam que tinha uma porta aberta, e como eles eram bem curiosos eles foram logo ver o que tinha naquele quart. Chegando lá, eles não viram nada de tão assustador, só uma vela queimando e uma janela quebrada, após eles averiguarem todo o ambiente eles iam sair do quarto, porém, ouviram um barulho como se fosse uma porta batendo. Eles assustados correram em direção à porta, mas se depararam com ela trancada, todos eles entraram em pânico, mas Renato falou:

"- Vamos entrar nos outros quartos, tentar achar uma saída."

Com o susto que eles levaram acabaram esquecendo da janela quebrada, mas eles foram

averiguar os outros quartos que estavam com as portas fechadas. No primeiro quarto que eles entraram, que estava com a porta fechada, não acharam nenhuma saída.

Eles logo foram entrar no segundo quarto, que estava com a porta fechada, e ao entrar, eles viram uma porta aberta que dava acesso a parte traseira da casa, eles já saíram correndo até o carro, quando eles chegaram no carro para ir embora, eles perceberam que o Roma tinha sumido.

Todos entraram em desespero e resolveram voltar na casa para caçar Roma. Eles entraram na casa tremendo e para piorar a situação,



uma das quatros lanternas começou a falhar. Isso deixou eles com muito medo e com muito mais pressa para achar logo o Roma, o procurando o mais rápido possível até que o acharam. Ele estava caído, desmaiado, encostado na parede ao lado da porta, que dava acesso à parte traseira da casa, Thiago e Renan pegou Roma pelas pernas e braços e o levou até o carro, Renato ligou o carro e foram todos embora da casa, quando ele ia saindo de perto da casa amaldiçoada Roma começou a acordar, porém estava um pouco tonto e Renato continuou dirigindo até sua casa.

Quando eles chegaram na casa de Renato, eles tentaram ver nas gravações o que tinha pegado Roma,



mas não conseguiram achar nada, quando estava dando duas horas da manhã eles foram para suas casas e foram dormir.

No sábado Renato acordou e já foi logo editar o vídeo para postar no YouTube, o vídeo deu quase 2 horas de gravações e após a edição o vídeo ficou com 15 minutos e pronto para ser postado, ele saiu de casa e colocou o vídeo para renderizar.

Quando ele chegou, Renan estava no portão chamando por ele, eles entraram na casa e foram ver se o vídeo já estava no YouTube. Quando eles entraram no canal deles, viram o vídeo com 200 visualizações e acharam que não ia dar em nada, mas depois de aproximadamente quatro horas, eles foram ver com quantas visualizações estava o vídeo, eles se depararam com quase três mil visualizações em menos de 6 horas,

após o lançamento do vídeo, então eles se animaram e começaram a olhar as visualizações toda hora, até que chegou a noite e eles foram dormir.

Quando eles acordaram no domingo e viram as visualizações do vídeo eles ficaram bem assustados, o vídeo contava com quase oitenta mil visualizações, ou seja, foi sucesso imediato. 7 anos já se passaram e hoje todos esses amigos estão famosos no YouTube, porém deles todos o que mais sobressaiu foi o Renato que ficou mais famoso que todos os outros, hoje ele conta com 11 milhões de inscritos no seu canal do YouTube está milionário e é um cara muito novinho em idade e despontou para fama. Vale lembrar que depois do primeiro vídeo,

les continuaram indo a lugares abandonados e fazendo vários vlogs para o YouTube com isso mantém se o sucesso.

25,900,00





9

Kaiki Azevedo


FIM DO MUNDO
JOÃO PEDRO SANTANA ESPINDOLA
SUPERVISÃO: PROFESSORA MARIA CÉLIA



Certo dia, três adolescentes foram para um acampamento chamado Fim do Mundo.
Esses três adolescentes se conheceram no acampamento, cada um perguntou para o outro qual era o nome de cada um. Então, eles se apresentam: Hellena, Maico e Igor.
Na manhã seguinte, todos eles foram para um rio andar de caiaque, mas eles tiveram que esperar porque alguém tinha passado mal, então eles decidem subir a montanha e lá eles encontram o Gabriel. Ele era procurando pela polícia e enquanto eles discutiam, vários Jatos F24 começaram a atirar em naves alienígenas. Gabriel fala para todos irem para o acampamento. Todos



saem correndo, quando chega lá todos já foram embora e uma cápsula da Nasa cai no acampamento. Então uma mulher sai de fora e entrega uma chave ao Maico e fala:
_ Você tem que entregar essa chave ao cientista Paulo.
Logo em seguida, um monstro sai de sua nave e cai na terra e corre atrás deles. A mulher acaba sendo morta pelo monstro e os outros escapam e vão para a cozinha e pulam uma pequena janela. Dois deles vão para debaixo de uma escada e os outros vão para o banheiro, então o



monstro vai para entrar no banheiro. O instrutor do grupo grita:
_ Vem me pegar!
E fala para os adolescentes saírem dali bem rápido. Todos saem correndo e pegando umas bicicletas e indo para uma cidade perto do acampamento há uns 10 km. Eles veem a cidade toda destruída, quando eles chegam lá, todos já foram embora para o abrigo e uma força militar aparece para resgatar todos os feridos que ficaram ali e Maico fala para o general:
_ Eu estou com a chave



E o general diz:
_ Vamos logo, isso pode salvar o mundo, porque eu estou recebendo o código Morse do Dr. Paulo há várias horas.
Eles entram dentro de um ônibus, enquanto isso uma espaçonave aparece e acaba com todos os militares em segundos. Maico vê o general no chão e vai até ele e o general entrega a chave para ele é fala:
_ Corre, você é o único que pode salvar o mundo desses alienígenas.
Então ele pega a chave e sai correndo mais seus amigos e eles vão para um shopping e lá o Gabriel fala

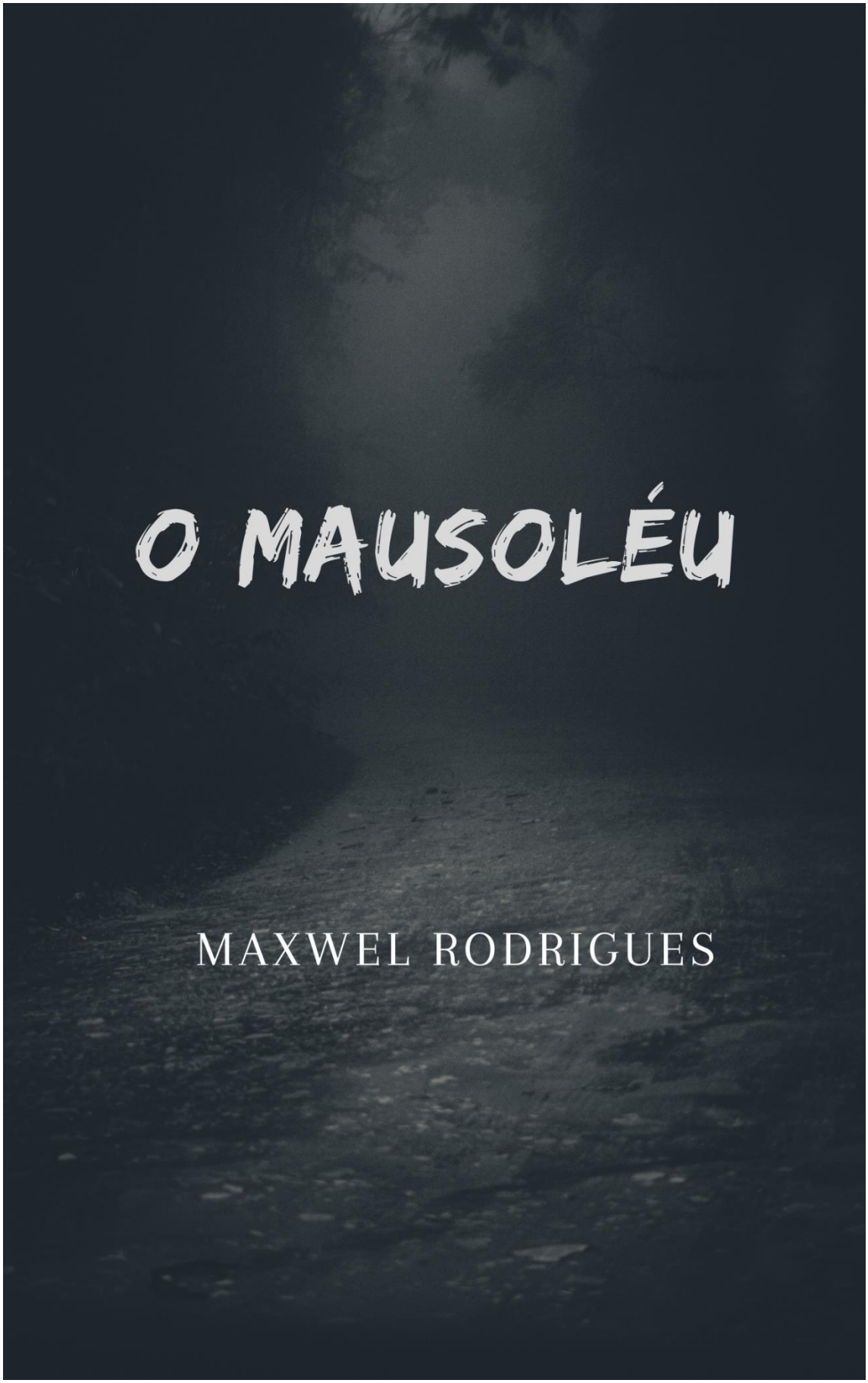


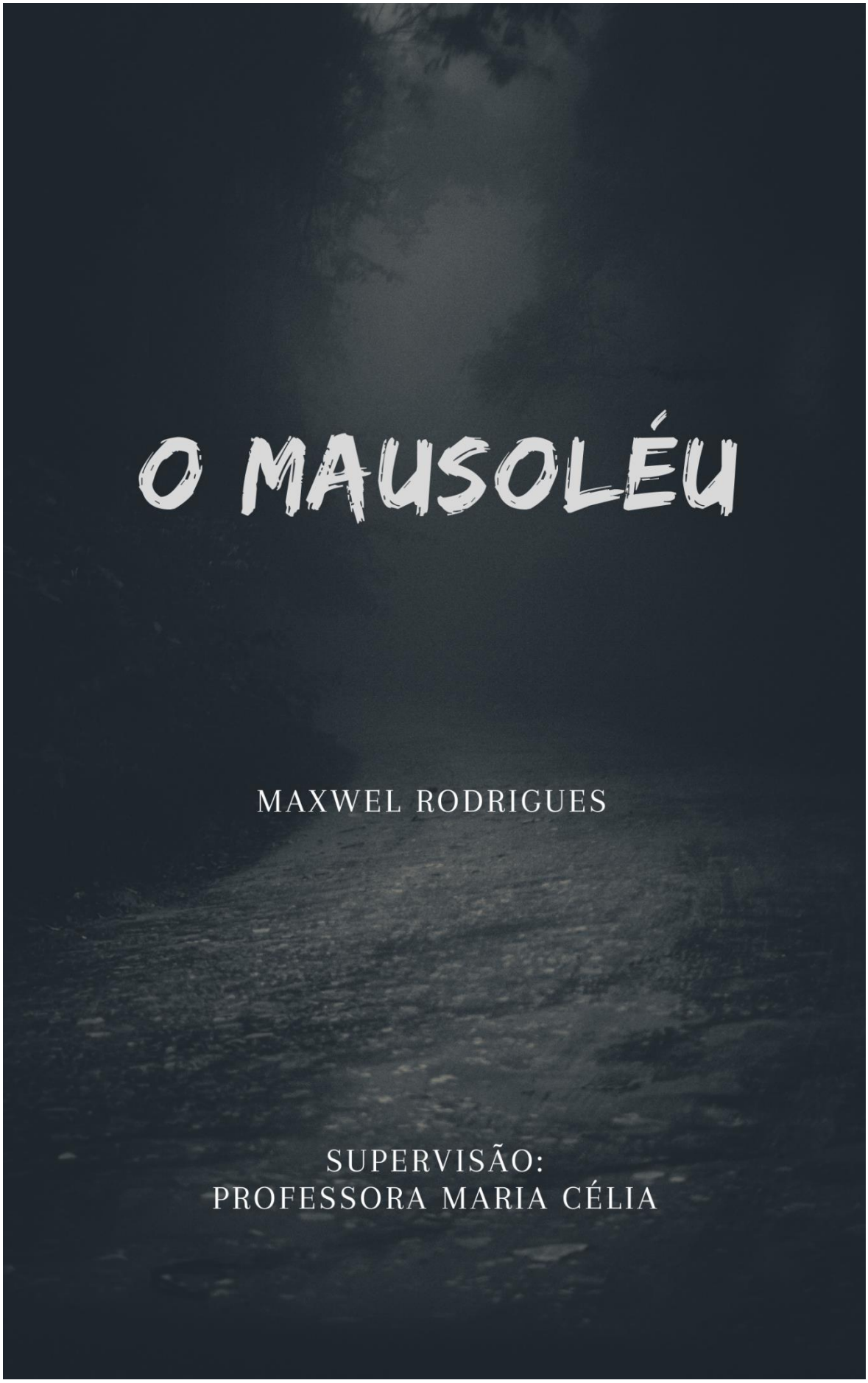
_ Nós temos que mudar nosso estilo de roupa para despistar os alienígenas.
E todos eles pegam várias roupas e depois de algum tempo eles vão embora e lá fora tem um Mustang e Maico vai dirigir e fala:
_ Eu não sei dirigir.
Então, Hellena começa a dirigir e um alienígena pula em cima do carro e começa a destruir o carro.
E eles comentam como o alienígena os encontrou



porque eles haviam trocado de roupa. Maico, o mais inteligente do grupo, fala:
_ Eu acho que é porque os alienígenas precisam de outro planeta, pois o deles está se acabando.
_ É o que isso tem a ver? – pergunta Igor.
_ Eles estão precisando de outro planeta e os alienígenas tem que matar todos os humanos da terra para tomar posse do nosso mundo.
Eles vão para o laboratório da Nasa, chegando lá entram e o prédio está todo destruído; todos eles vão para o último andar é lá eles encontram o cientista e eles ajudam a destruir a nave alienígena.




O MAUSOLÉU
MAXWEL RODRIGUES


O MAUSOLÉU
MAXWEL RODRIGUES
SUPERVISÃO:
PROFESSORA MARIA CÉLIA



Em um sábado à noite, por volta das vinte e duas horas, quatro amigos estavam saindo da cidade de Novas Águas a caminho do distrito de Entretenimento. Pode parecer estranho, mais esse era o nome do lugar que eles estavam indo em busca de aventuras, Baji era o que estava ao volante. Entre todos, ele era o mais responsável, sendo Maia o mais velho com 17 anos. No banco do carona estava o King com 15 anos de idade, no banco de trás estavam Akashi e Asta ambos com 16 anos.

Após trinta minutos de viagem, eles passaram pela placa de “boas-vindas” da cidade de Vila Esperança, mais à frente tinha outra placa que dizia o nome das próximas duas cidades que vinham a frente, então King disse:

— Olha pessoal, a 100km já é o distrito do Entretenimento.

Logo em seguida Asta falou:

— Mais gente, não se esqueçam que cinco horas temos que estar em casa, tá?

Asta tinha pegado o carro do pai emprestado, porém com uma condição: ele tinha que chegar em casa antes das seis da manhã. Eles já tinham andado muitos quilômetros foi quando Baji e King começaram a perceber que o carro estava começando a ir mais devagar, olharam um para o outro muito desconfiados, então Akashi perguntou:

— Por que você está parando, Baji? Baji respondeu:

— Eu não estou parando, é o carro que está ficando devagar.

Logo após isso, Baji guiou o carro até o acostamento da rodovia. Ele tentou ligar o carro várias vezes, mas não conseguiu, então ele falou:

02

— Só o que faltava, Asta! O carro velho do seu pai não quer funcionar mais.

Asta imediatamente protestou:

— Velho, não, o carro foi revisado no mês passado!

Enquanto Baji e Asta discutiam, King resolveu verificar o painel do carro. Pois ele precisava confirmar o que estava suspeitando desde o início dessa discussão, após a verificação disse:

— Asta, não era para você abastecer o carro?

Asta respondeu:

— Puxa vida! Eu acabei esquecendo de fazer isso, cara! Mas não vem me dizer que o combustível acabou? - disse isso com uma das mãos na testa.

— Acabou sim, cara, não tem nada! – contestou King.

Baji não acreditando no que ouvia resolveu olhar o painel do carro para assim confirmar o que King estava falando. Imediatamente ele começou a pensar em uma solução. Muitos pensamentos passaram por sua cabeça, muitas saídas, "mais o que fazer?" Logo lembrou da placa que eles passaram, então ele desceu do carro e começou a olhar para todos os lados como se estivesse procurando algo. Foi quando Akashi descendo do carro também pergunta:

— O que você está procurando, Baji?

Baji responde enquanto continua olhando em volta deles:

— Estou procurando um atalho até a cidade para buscar combustível.

Baji deu mais uma olhada e então chamou:

— King... Asta... vem cá! – Quando eles chegaram King diz - — Asta, esse carro tem alguma garrafa? Se tiver, pega, vamos até a cidade atrás de algum posto aberto.

Asta sem saber o que fazer, falou:

— Mais, Baji, nós vamos pra onde, cara? Aqui só tem mato!

Baji olhou para ele com um olhar sarcástico e falou:

— Vamos pela esquerda. Vocês estão vendo aquela trilha ali? Provavelmente ela nos levará até a cidade, e é por lá que vamos.

Sem reclamar, todos eles pegaram o que eles precisariam e então Baji trancou o carro e todos começaram a adentrar a mata pela trilha. Em meio àquela escuridão eles andavam a luz da lua cheia. Após algum tempo de caminhada, deram de frente a uma grade, que a vista deles, que cercava uma área bem grande então começaram a dar a volta pelo cercado, quando King perguntou:

03



— Isso será que é o quê, em gente?

Um novo silêncio pairou pelo lugar, então Akashi responde:

— Eu não faço ideia! Mas parece ser bem espaçoso.

Após isso acharam um portão e outra trilha, em cima do portão havia uma placa meio velha e toda suja. Imediatamente King pegou o seu celular e ligou a lanterna e começou a ler em voz alta o que estava escrito nela:

— “Cemitério municipal de Vila Esperança”.

Depois de King ter falado isso Asta se assustou e disse:

— Gente, vamos logo embora daqui!

Baji parou em frente ao portão e olhou lá dentro sua visão percorreu todos os lados do local, foi quando ele começou a ver um mausoléu mais à frente e então falou:

— Vamos entrar aqui dentro e vamos até aquele mausoléu logo mais à frente.



Os três se assustaram com o que Baji disse e então Asta perguntou;

— Você tá doído, Baji? Fazer o quê dentro de um cemitério?

Baji responde:

— Não é apenas um cemitério, ele tem um mausoléu e dentro dele há pertences dos mortos, e vai saber se não tem algo valioso pra nós.

King imediatamente falou:

— Mais pra que isso, Baji?

— Pra recompensar o que o Asta fez com agente

Mesmo não sendo a favor disso, King e Akashi estavam prontos para ir junto com ele. Desse modo, os três começaram a procurar alguma coisa para arrombar o cadeado do portão. Alguns segundos depois, Baji achou uma barra de ferro e avisou todos, então ele estourou o cadeado do portão do cemitério. Quando eles estavam prestes a entrar Asta disse:

— Vocês vão mesmo fazer isso?

Akashi dispara revoltado:

— Sim. E não vem reclamar não! Pois a culpa de nós estarmos aqui é toda sua!

Asta concorda:

— Tá bom! Vão lá, eu vou até a cidade em busca de combustível quando eu chegar, encontro vocês aqui, certo?

Baji interroga com impaciência:

— Tem certeza que não vai vir com a gente?

Asta fala que não e então ele vai em sentido oposto ao do cemitério. Porém, com isso os outros três vão em frente a caminho do mausoléu que ficava no cemitério. Chegando lá, notaram outra placa velha, mas não conseguiram ler o que estava escrito nessa.

05



O mausoléu tinha o formato de uma capela, possuía duas portas, uma em cada canto da frente. Akashi depois de analisar o local foi em direção a porta do lado direito, viu que ela estava trancada também, por isso ele a arrombou disse:

— Vamos, gente!

Baji e King o acompanharam para o interior do local, depois de todos entrarem, só havia escuridão. Os três amigos começaram a observar o local, lá havia três caixões dependurados na parede, um em cada canto e outro ao meio, com os nomes de Merlin Seijuro de 1970 - 2007; Kuroko Seijuro de 1969 - 2007; Diane Seijuro de 2000 - 2007. De acordo com o que estava escrito, eles eram os fundadores daquela cidade, logo no centro do mausoléu estava uma mesa com uma caixa, Baji imediatamente falou:

— Akashi, provavelmente se tiver algum pertence deles, vai estar aqui dentro, né?

Antes que ele respondesse King disse:

— Sim, Baji, vai estar aí mesmo.

Akashi falou apressadamente:

— Deixa eu abrir isso logo!

Logo que ele se aproximou da caixa, vê que ela estava toda trancada, desse modo disse:

— Baji, você tá com aquela barra de ferro ainda?

Baji a entregou a Akashi, depois disso ele começou a tentar arrombar o cadeado, após um tempo ele bateu mais uma vez sobre o cadeado e o estourou. No mesmo momento a porta se fechou e um vento forte começou lá



dentro, mesmo sem nenhum lugar aberto, com isso os três amigos acabaram se separando cada um para um lado. Logo em seguida uma voz tremula começou a sussurrar:

— Vocês vão morrer, vocês vão morrer...

Após os jovens terem escutado isso, eles começaram a sentir um grande calafrio e uma respiração fria em sua volta. Baji foi rapidamente para a porta tentar abri-la, King fez o mesmo com a outra porta. Enquanto isso, Akashi foi em direção a mesa e avistou um livro parecido com um diário e o pegou e o colocou no bolso, antes que os outros vissem. Depois disso, ele sentiu uma pessoa atrás dele com uma respiração pesada e fraca, quando ele olhou para trás ele não viu nada, por conta da escuridão, então todos escutaram um grande barulho e Akashi gritou:

— Vamos embora daqui, gente!!

No entanto Baji disse:

— Mas a porta por onde entramos está trancada, não sei como e nem quem a fechou!

— Essa aqui também. - disse king.

Akashi imediatamente perguntou:

— Mais vocês não estavam atrás de mim aqui agora?

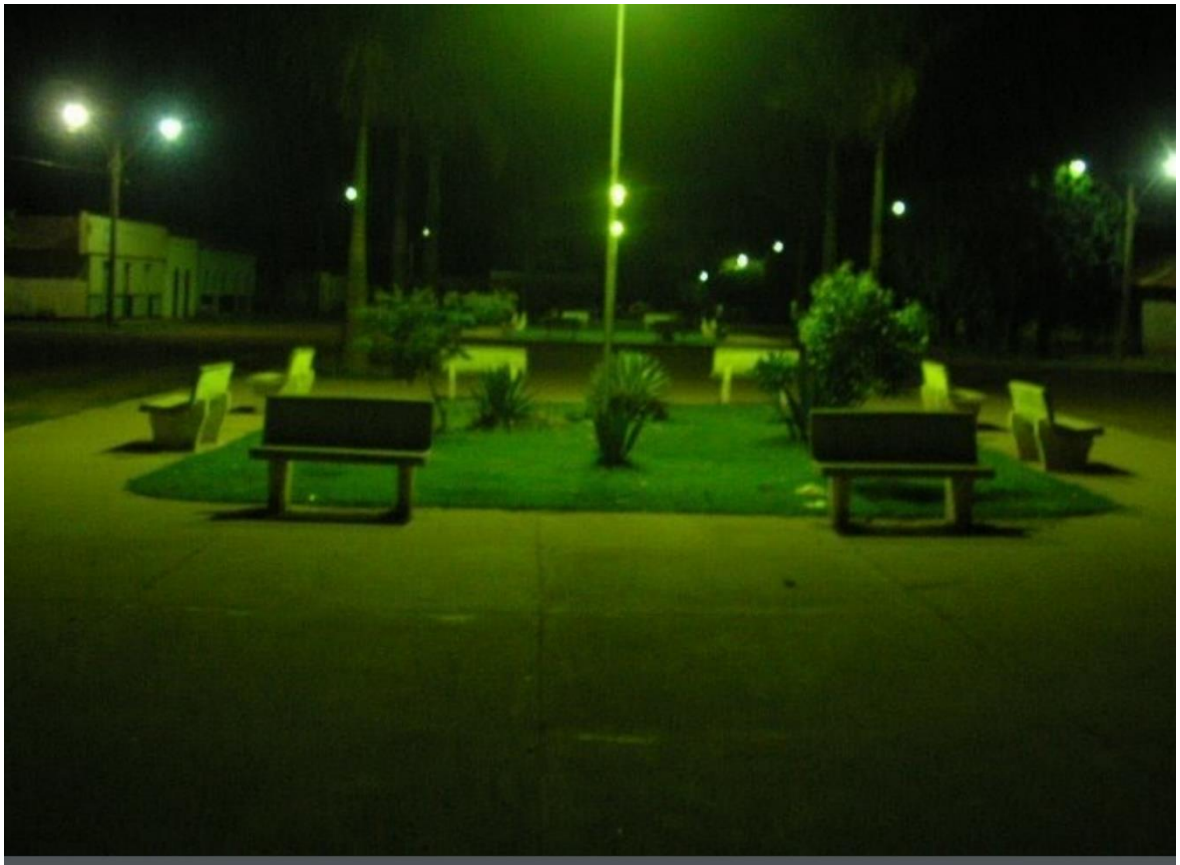
King e Baji responderam ao mesmo tempo;

— Não, faz tempo que estou aqui.

Akashi ficou com uma dúvida: "se seus amigos não estavam atrás dele, quem era então?" - ele disse:

—Vou pegar a barra de ferro pra abrir a porta.

07



Com isso ele foi procurar a barra de ferro, Baji pegou seu celular para iluminar para Akashi, quando ele ligou a lanterna e iluminou em direção do Akashi os três viram uma pessoa bem na frente de Akashi. Era uma mulher de cabelos compridos, uma roupa branca. Akashi olhou bem para o rosto da mulher e percebeu que se tratava de uma caveira, nesse momento a mulher gritou com uma voz tremula:

— Eu vou matar vocês!!

Quando ela falou isso, os três se juntaram e um grande barulho atrás da mulher surgiu. Após isso, um homem e uma menina apareceram atrás dela. Depois de verem essa cena King gritou;

— Vamos todos para a porta onde entramos, e vamos forçar até abrir!

Com isso eles correram em direção da porta. Chegaram lá e juntaram forças e conseguiram abri-la, então Baji gritou;

— Corram para a cidade!!

Os três saíram em direção ao portão, foi quando Baji acabou tropeçando e caiu, Akashi e King imediatamente foram socorrê-lo e o levantaram, quando

viram que Baji havia se cortado quando ele caiu. Na hora em que eles estavam prestes a socorrer o amigo de novo, eles escutaram um barulho que vinha do mausoléu, no momento em que eles olharam, viram os três cadáveres saindo pelas paredes, logo depois os três mortos começaram a correr numa velocidade incrível, vendo isso os três amigos não ficaram parados, começaram a correr nos seus máximos.

Passaram pelo portão do cemitério e seguiram rumo a cidade, logo atrás deles os três cadáveres continuavam a persegui-los, porém sem chance de agarrá-los. Algum tempo depois os amigos chegaram a cidade e King perguntou:

— Será que eles voltaram ao cemitério?

Baji respondeu muito aflito:

— Acho que sim, mas vamos achar o Asta e dar o fora dessa cidade!

Depois dele ter falado isso, eles escutaram um barulho vindo da trilha, rapidamente eles saíram correndo sem nem esperar para ver o que era. Eles correram até a praça da cidade. Em frente a ela, tinha uma igreja, Akashi então disse tranquilamente:

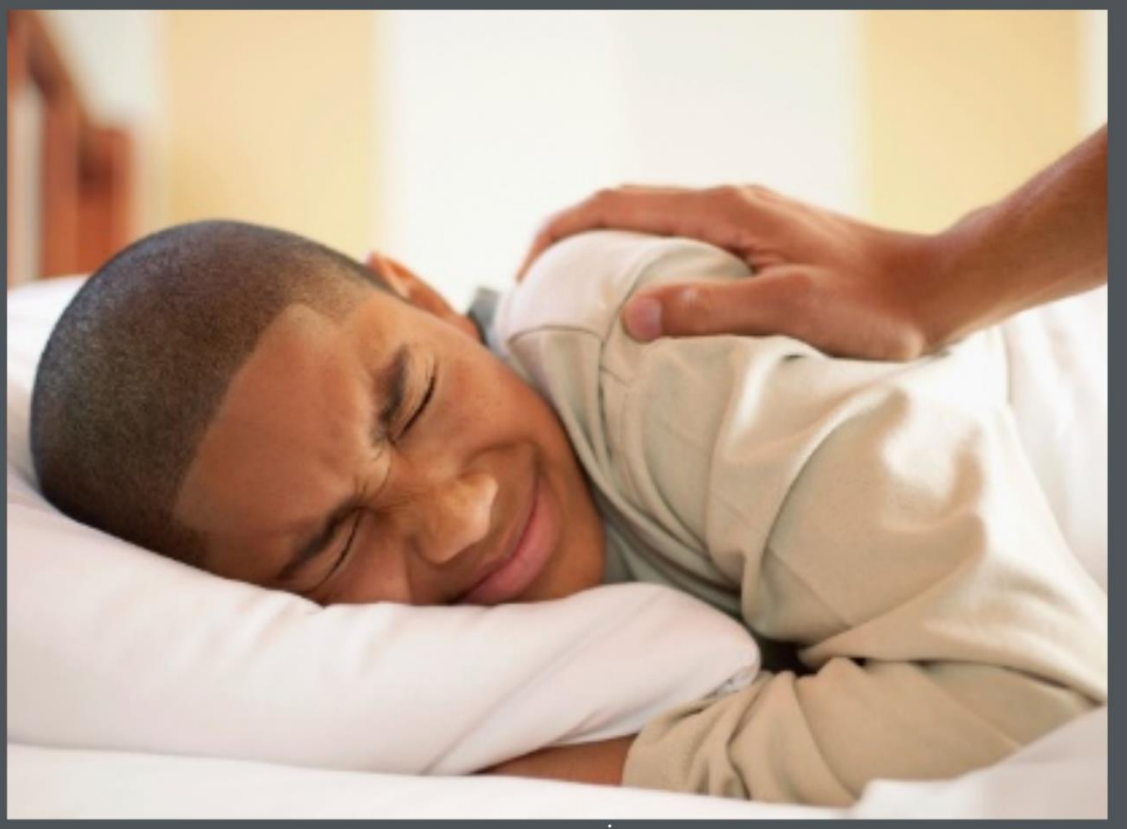
— Olham quem está ali!

Quando eles olharam, Asta estavam vindo lentamente do outro lado da praça, eles o chamaram, então King disse:

— Asta, você conseguiu o combustível?

Asta respondeu:

_ Sim, já estava voltando pra lá.



Após ele ter falado isso, eles começaram a escutar barulhos estranhos, quando Akashi se virou para trás ele se assustou com a mulher do cemitério, ela o pegou e bem na hora que parecia que ela o morderia, ele acordou assustado com sua mãe lhe chamando:

—“ Filho, você vai se atrasar pra escola. Acorda!” .

Akashi levantou e se perguntou:

“ será que era só um sonho mesmo?"

10





Aventura dos quatros amigos







Isabele Alves







Aventura dos quatros amigos

Isabele Alves



Supervisão: professora Maria Célia

- Amiga, não acredito que você! -diz Lucy sem poder acreditar.

Bem na sua frente estava Raquel sua melhor amiga, fazia tanto tempo que não se falavam. Lucy tinha mudado de cidade e nem se quer pegou o contato da amiga.Raquel olhou e viu, não podia acredita

_Lucy é você? - Falou Raquel

_Sim, sou eu! E se abraçaram.

Lucy estava com lágrimas e Raquel também. Pegaram contato e prometeram que iam marcar um dia para conversarem, Raquel se despediu de Lucy e foram embora. Indo para casa Lucy estavana estrada andando tão pensativa que quando atravessou a avenida quase foi atropelada. Graças a um menino que a puxou de volta.



"Por um fino que eu não morri" pensou Lucy. Notou que o menino era bonito, estava usando uma calça preta, blusa vermelha, ela percebeu que ele passava a mão nos cabelos deixando-os de lado

_Ai, meu Deus, eu quase morri! Muito obrigada por ter me salvado -falou Lucy pensando no que acabou de acontecer.

_Sem problemas. Me chamo Wagnner e você? -falou ele estendendo a mão para ela.

-Me chamo Lucy. – respondeu estendendo a mão,

_Foi um prazer em conhecer você – falou Wagner.

_ O prazer foi meu! E mais uma vez obrigada. – falou Lucy.

-Por nada! –Wagner disse

E foi indo embora, enquanto ele ia, Lucy observava seu modo de andar tão calmo, tão... lá se foi Lucy agora atenta com os olhos bem aberto, atravessando a rua para chegar em casa.

Na escola ela se encontrou com seus amigos: Lana, Gabriela, e Gustavo na hora do lanche se sentaram à mesa e Lucy contou tudo o que tinha acontecido na noite anterior. Tinha encontrado sua amiga e sido salva por um menino “gato”. Seus amigos estavam espantados e

perguntando se ela tinha se machucado Lucy dizia com um sorriso

_ Está tudo bem, gente! Fui salva,

Depois de duas aulas o sino bate, o professor entra na sala e anuncia prova surpresa, quando todos



terminam a prova Lucy fala com a Gabi,

_Amiga, acho que vou tirar um zero.

_Eu também. A prova estava difícil,

_pois é. - respondeu Lucy,

O sino bate é hora de ir para casa. Andando pela rua, Lucy vê um pequeno papel no chão dizendo:

" Uma vida, uma morte.
Detenham eles, senão roubarão o tesouro. Cuidado! Não é fácil.
1ª pista, veem a biblioteca no centro da cidade na primeira prateleira você terá a segunda. "

Lucy olhou de novo e pensou que qualquer um podia ter escrito isso, mais ela pensou "e se fosse verdade se esse tesouro estiver em perigo? " E como dizia, podia causar morte. Além do mais era fácil ir à biblioteca, só tinha uma na cidade e ela podia convidar seus amigos.

Então saiu correndo para chegar em casa e ligar para sua amiga. Quando ligou, Lana atendeu. Lucy contou que tinha encontrado um papel, Lucy falou:

-Amiga, não custa tentar. Vamos amanhã a biblioteca depois do almoço. Lana concordou:

_Ok, vou chamar a Gabi e o Gus para irem com a gente, tá?

_Tá, te vejo amanhã. Nos encontraremos aqui na minha casa. Pode ser?

_Pode ser - falou Lana encerrando a ligação.

No dia seguinte Lucy teve um sonho que via o Wagner de novo pensou “devo estar louca sonhando com um menino que vi só uma vez”! Lucy se-levantou da cama foi até a cozinha para tomar café da manhã.

_ Bom dia, minha filha, dormiu bem? Perguntou a mãe.

_ E a senhora?

_Eu também dormi bem.

_ Mãe, convidei meus amigos para vir aqui em casa não tem problema, tem?

_Não tem. Mais toma conta da casa porque vou sair.

-Tá bom – respondeu Lucy.

_Vou deixar lanche para vocês na geladeira, se eles quiserem lanchar...

_Tá bom. Obrigada, mãe,

Jane deu um beijo na testa da filha e falou com a bolsa na mão,

_Vou sair, cuide da casa. Chegarei tarde, porque depois do trabalho vou na casa da sua v.

_ Tá – disse Lucy terminando de beber seu suco.

Depois do banho Lucy olhou as horas e já era 11hoo, faltava

1 hora para seus amigos chegarem. Uma hora depois a campainha toca. Lucy vai ver quem e, e lá estão Lana, Gabi e o Gustavo todos falaram em coro

_Oi!

Entrando na casa de Lucy, que já foi dizendo,

_Gente, convidei vocês aqui para perguntar o que acham disso. Falou entregando o pedaço de papel para eles

_ O que acham? Será verdade? – falou Lucy, quando seu celular toca Raquel sua amiga:

_Em, Lucy, que tal conversarmos, você está disponível? – perguntou Raquel.

_Amiga, agora não dá. Que tal amanhã às 14hoo na cafeteria do Beto lá no centro? – sugeriu Lucy

_Pode ser, combinado! - Respondeu Raquel desligando a ligação. Voltando-se para seu grupo de amigos Raquel pergunta:

_Então, gente, será que devemos ir à biblioteca?

_Não – Gus falou

_Custa tentar?

_Concordo com o Gus, e você, Lana? – perguntou Gabi:

_Para mim tudo bem, Gabi. – concordou .

_Então vamos lá! Disse Lucy.

Chegando a biblioteca Lucy, Lana, Gus e Gabi entraram e foram recebidos por uma mulher. Ela era alta, cabelos longos, tinha mais os menos uns 25 anos, estava com um uniforme escrito, “deve ser seu nome”, pensou Gabi.

_Olá! em que posso ajudar? – falou Adriana, indo até eles.

_Nós viemos só dar uma olhada nos livros. – falou Gus .

-Bom, se precisarem de ajuda estou à disposição – disse Adriana.

_Obrigado! – falaram todos ao mesmo tempo.



Foram até as prateleiras, procurando na parte de cima até que algo chamou a atenção de Lana, dentro de um livro havia um envelope o livro estava bem escondido Lana pegou o envelope e abriu, leu em voz alta:

"Se você encontrou
a primeira pista,
esta é a segunda. "

falei e vou falar! Se quiserem me ajudar vão participar de uma aventura perto do mar. Abra este livro página 50!
Lana abriu, de repente veio um vento parecendo um furacão. Quando e Lana abriram o olho tudo estava diferente, eles estavam em uma cidade totalmente estranha. Ficarem assustados, e viram que Lana tinha outro papel em sua mão, dizendo:

"Pista 3
se chegaram até aqui,
complete a missão,
salvar o mundo do..."

_E agora, gente? Nós nem sabemos para onde ir!
Foi quando um papel caiu em seus pés dizendo pista 4, todos se olharam espantados, Gus pegou e Leu:

Pista 4
"vocês querem saber
onde começar siga
esse mapa que irão
me encontrar"

Que mapa! - Gus falou.

_Olha atrás da folha seu bobo! – provoca Gabi sorrindo

_É mesmo! – respondeu Gus.

E lá estava o mapa. Lana era muito boa em decifrar mapas; passaram por vários lugares; casas; rios; lagos; montanhas; até que chegaram a uma pequena casa em que Lana falou apontando

_É ali!

Todos olharam, era uma casa feita de madeira. Bateram palma e nada, de novo e nada, foi quando a porta abriu e saiu um homem. Quando olhou para eles, não podia acreditar, era os meninos que ele tinha sonhado que estariam ali para ajudá-lo a salvar o

o tesouro.

_Entre, entre. Falou o homem.

Os meninos entraram,

_Me chamo Mateus e vocês?

cada um se apresentou e Gus foi direto ao ponto,

_O senhor sabe por que estamos aqui? - Quis saber Gus.

_ Sei, sim. Vou explicar a vocês de acordo com um senhor que morreu. Segundo ele, somente uma garota poderia salvar o mundo deles. – Afirmou Mateus.

_Mais porque nós? - Quis saber Lana. Mateus respondeu:

-Porque só de acordo com um bom relacionamento com os amigos, uma união jamais separada; vocês tem algo em que valorizam a amizade Vocês são escolhidos para nos ajudar.

_E que tesouro e esse que fala no bilhete? – perguntou Gabi,

_É um tesouro poderoso! Diz a lenda diz que seu poder é infinito. Pedindo um desejo, seu desejo se realiza.

_Uau, é por isso que esses ladrões estão procurando esta pedra? – falou Gabi.

_ É sim. Eles só querem se aproveitar da pedra,

pedir poder para destruir nosso planeta.

_Temos que ajudar. – falou Lucy.

_ Sim. – falou Gabi.

_Gus e Lana, tenho um plano, precisamos ir aonde esse tesouro está.

_ Boa ideia! – falou Gus,

O Mateus, que estava com eles, pegou um livro e abriu e aí apareceu um grande vento, igual ao que tinha acontecido na biblioteca, que transportou todos eles para um campo. Chegando lá, Mateus falou:

_ Precisamos andar mais um pouco, aí chegaremos a caverna onde estará o tesouro andaram mais de uma hora passaram por casas; lagos; rios; montanhas . Quando eles chegaram lá, viu que o local estava cheio de gente entrando na caverna.

_ E agora? O que vamos fazer? – perguntou Lucy.

_Vamos tentar entrar sorrateiramente. – disse Mateus.

Primeiro foi Gus que entrou, Lucy jogou uma pedra até um homem que estava vigiando o lugar. Ele olhou para trás, enquanto Gus entrava dentro da caverna.

Quem que vai ficar aqui vigiando o lado de fora? - per- guntou Lana:

-Não sei. – respondeu Gabi.

_ Se quiserem posso ficar. – respondeu Lana.

-Beleza! – falou Mateus que estava com ela.

Enquanto Mateus, Lucy e Gabi iam, Alana jogou uma pedra. O homem que estava parado, olhou para trásnovamente, enquanto eles, entraram na caverna. Lucy escutou vozes e mandou todos se esconderem. Dois homens estavam conversando, foi por sorte que não viram Lucy. Os homens estavam falando sobre um pequeno baú que estava enterrado em uma pequena parte da caverna:

_Precisamos tirar o tesouro o máximo possível! –falou um dos homens.

De repente Gabi fez um pequeno barulho e os dois homens se olharam dizendo:

_Você escutou esse barulho? – quis saber um dos homens.

_Sim, deve ser os homens que o chefe contratou para ver se tem mais ouro nesta caverna. - Afirmou o outro.

_Só sei que temos que terminar logo o trabalho, precisamos desse tesouro, dessa pérola, o mais rápido possível! – disse um deles finalizando a conversa,

Quando os homens sumiram, todos saíram de seus esconderijos, Lucy falou:

_Precisamos chegar ao tesouro antes desses ladrões.

Eles saíram correndo em disparada ao final da caverna onde estaria o ouro, estava bem enterrado, foi quando Mateus falou uma palavra mágica que a terra começou a afundar ao redor do baú. Lucy e Gabi se entreolharam espantadas, foi quando viu Gus, correndo dizendo:

_Rápido, gente, algumas pessoas estão vindo. Temos que pegar esse tesouro logo!

Lucy e Gabi tentaram erguer o baú mais era muito pesado para elas, foi quando Mateus e Gus que estava se aproximando os ajudaram. Todos juntos conseguiram, com muito esforço, tirar o baú dali. Porém perceberam que tinha homens vindo atrás deles.

Havia dois caminhos para sair dali um para a esquerda e outro para a direita. Foram mais para a esquerdada da caverna aonde estava a saída. Os seguranças viram que o baú não estava mais ali e então mandou vários homens correrem para pegar eles. Gus tropeçou numa pedra e caiu.

Dentre os guardas que estavam correndo, um deles pegou Gus e o levou preso, enquanto os outros corriam atrás de Lucy e os outros. Quando saíram da caverna, Lana foi correndo ajudar a levar o baú e se esconderam atrás das árvores enquanto os seguranças procuravam por eles.

_O que vamos fazer? – indagou Gabi.

_ “Precisamos fazer alguma coisa”, Lana pensou em voz alta.

E mesmo antes que ela pudesse terminar a frase Mateus que estava com eles disse uma palavra, que eles foram direto para onde estava Gus, que estava preso. Era em uma sala grande e Gus estava preso em uma caixa de grade e precisava da chave para abrir. Eles não sabiam o que fazer, pois nem tudo Mateus podia ajudar com sua magia.

_Temos que pegar a chave. – falou Gabi.

De repente escutaram:

_Vocês!

E se esconderam um debaixo da mesa e outros atrás do armário. O homem que estava vindo, entrou, sentou minutos depois ele saiu. Esperando um pouco, cada um saiu do seu esconderijo. O homem não estava nem aí para o Gus. Que acabou esquecendo a chave ou acabou



deixando-a ali para pegar depois.

Lana pegou a chave e conseguiu tirar Gus de lá. Agora eles estavam tudo bem. Tinha conseguido o tesouro e libertado Gus, agora tinham que completar a missão o mais rápido possível.Alana, Gus, Gabi e Mateus, saíram de mansinho sem fazer barulho. Quando estavam perto da saída, ouviram passos e agora não tinha como se esconderem. Um homem apareceu e quando ele ia se comunicar com os outros pelo telefone. O homem chutou ele e todos saíram correndo.

O grupo de amigos já estavam exaustos, mais conseguiram chegar na casa de Mateus. Descansaram um pouco, logo depois todos estavam sentados em círculos para abrir o baú. Quando abriu, um raio de luz forte atingiu a casa inteira. Uma pedra linda estava flutuando no ar. Era a cor mais brilhante, forma de diamante.



Dentro do baú saiu mais 4 pedras pequenas idênticas a grande.
Depois de um tempo a pedra pequena caiu no chão no pé de cada um em menos de um segundo a luz desapareceu e tudo ficou como antes. Todos olharam um para o outro.
__Vocês viram no que acabou de acontecer? – indagou Lana com a boca aberta sem poder a



acreditar.

__Sim! -Todos os outros responderam perplexos. Eles pegaram a pedra pequena que estavam no chão. Cada um pegou a que estava aos seus pés e um papel estava encima do baú dizendo:

Parabéns, vocês nos salvaram, completaram a missão. Muito obrigado! Cada um vai receber uma pedra idêntica, essas pedras preciosas têm poder. Usam para o bem e com sabedoria, é um presente por ter nos ajudado das mãos dos ladrões"

Todos se olharam e Lucy falou:

__Nossa! Foi bom poder ajudar. Vamos sim, usar com sabedoria.

Gus pegando o papel, e falou:

__Ai meu Deus! Gente, aqui atrás fala que para voltarmos, temos que usar uma mágica. Estamos aqui. Terminamos a missão.

Quando todos terminaram de falar. veio um vento como os que tinha acontecido na biblioteca, antes deles piscar eles já estavam na biblioteca no mesmo lugar. Eles foram até o caixa e disseram que voltariam na próxima vez Adriana sorriu e disse:

Sim vocês ficaram só 10 minutos! da próxima se quiserem, pode ler um livro ou levar para casa emprestado.

_Obrigado! Ok, da próxima, nós escolheremos um livro disse Lana.

Saíram da loja Gus falou:

_ Nós só ficamos dez minutos? Então quer dizer que quando estávamos lá. Pode se dizer que... o mundo aqui fica, tipo parado?

_ Acho que sim. - Disse Lucy - essa aventura foi demais. Que tal contarmos essa história na aula de português? Porque é para nós apresentarmos uma história; nós contaremos como foi nossa aventura.

_ Verdade, nós quatro podemos fazer em grupo. – falou Lana.

_E esse será nosso segredo. - Falou Lucy.

_Sim, podemos dar um nome para essa missão disse Gus.

_E, que tal os quatro amigos? – disse Gabi.

Gostei! – falou Gus. __

_Depois criamos códigos secretos para os quatro amigos. – Lucy falou.

_Sim acho que logo, logo vamos ter outra missão secreta e se despediram

Na manhã seguinte Lucy foi ver a sua amiga Raquel que estava atrasada já era 14h20. Ela

preparou e saiu correndo, pois, a cafetaria do Beto não era muito longe. Ela estava correndo que nem viu um garoto na sua frente ele estava de bicicleta e sem querer atropelou Lucy, ela caiu no chão e ralou seu joelho e um pouco o rosto. Foi um tombo feio.

O garoto foi até ela e a pegou no colo, levantando-a para ficar um pouco de pé. Lucy se apoiou nele, quando ela abriu os olhos ela teve um susto, pois era o mesmo garoto que a tinha salvado da outra vez. Ela, disse:

_ Oi! Tudo bem? Você lembra de mim?

Wagner disse:

_Lembro, sim. Eu já volto, fica aqui, Lucy.

Demorou uns 4 minutos, Wagner chega e se senta ao lado de Lucy na calçada e tirou uns curativos e algodão de sua mochila.

_Para que isso? Quis saber Lucy.

_ É para eu limpar esses machucados de você. – disse Wagner.

_Não precisa. Falou Lucy

_Por favor, eu insisto. Me desculpa por ter te atropelado! – falou Wagner limpando os machucados e fazendo os curativos de Lucy no joelho.

_Não foi você. Eu estava correndo que nem te vi. Wagner não respondeu.

Pegando outro algodão ele começa e limpar o rosto de Lucy. Ele estava tão perto que Lucy sentiu sua respiração. O coração de Lucy estava batendo forte por ele estar limpando o seu rosto ele pegou uns curativos e colocou nela. Conversaram, conversaram depois com Lucy disse:

_Eita! Esqueci. Preciso ir, tenho que encontrar minha amiga na cafeteria.

_Quer que eu te levo até lá? – perguntou Wagner.

_Não precisa, eu dou conta de ir até lá. E além do mais não quero te atrapalhar.

_Não está tudo bem! Pode deixar que te levo.

Ele montou na bicicleta e Lucy foi no guidão da bicicleta, chegando Lucy agradeceu ele, Wagner disse com um sorriso:

_De nada! Talvez algum dia te vejo de novo.

Lucy respondeu pensando "que sorriso lindo! ”

_Sim mais também qualquer coisa me liga. – falou ela entregando seu número de telefone. – Obrigada, Wagner.

_Eu que agradeço

Quando Lucy terminou ele disse:

_Será que eu posso te dar um abraço?

_ Sim. – consentiu Lucy- e eles se abraçaram

Chegando na cafetaria Lucy viu de longe Raquel.

Ela estava fantástica com um vestido azul. Lucy se aproximou e disse:

_ Oi! Raquel respondeu:

_Oi! E desculpa, cheguei atrasada. – Lucy falou para ela contando a história que havia se machucado.

_Nossa! Mais que bom que você está bem. Você está 15 minutos atrasada, não é nada.

Lucy se sentou, elas pediram um lanche para comerem, vão Iara a Raquel falou sobre tudo o que tinha acontecido até aquele momento e Lucy também. Quando Lucy viu as horas já eram 19hoo já estava iniciando a noite. Elas conversaram mais um pouco e se despediram.

Lucy chegou atrasada na escola, na hora do lanche cada um apresentou ideias para o grupo dos quatro amigos que estavam conversando, quando o telefone de Lucy toca, ela atende, é o Wagner ela não podia acreditar tamanha era a sua felicidade, ele ligou. Conversaram um bom tempo até que Wagner disse:

_Em, que tal nós nos encontrarmos para conversar mais em qualquer dia desses?

Lucy respondeu:

_É uma boa ideia, ligo para você, ai nós marcamos o dia.

Wagner falou:

_Sim, ok, combinado!

_Tchau! – disse Lucy.

_Tchau e se cuida. – respondeu Wagner.

_Você também. – disse Lucy.

encerrando a ligação,

_Quem era? – perguntou Gabi.

_Um amigo. Aquele que me salvou duas vezes. - Disse Lucy radiante de alegria.

_Hummmmmmm..... – responderam todos juntos Gus, Lana e Gabi.

Wagner tinha ligado e marcado para eles conversarem, em uma lanchonete no final de semana próxima. No dia e hora marcada Lucy se arrumou toda e foi. Chegando lá, viu que Wagner estava deslumbrante, como ele era lindo. Ela chegou a sua frente e disse:

_Oi! – ele falou:

_Oi! – com um sorriso.

Conversaram por um longo tempo, eles tinham muito em comum. Três semanas se passaram e Wagner e Lucy foram se aproximando cada vez mais. Na quarta semana, Wagner convidou Lucy para um encontro. Esse era o dia mais feliz para ela. Seus amigos bateram na porta Gus estava com um papel na mão e disse:

_Daqui a três dias temos outra missão.

_Legal! – falaram todos felizes com a possibilidade de ir em uma outra missão em breve.

Lucy quase é atropelada mais foi salva por Wagner. É uma historia em que quatro amigos vão para uma missão salvar o mundo de uns ladrões maldosos que querem uma certa pedra preciosa muito valiosa. Para esta missão eles vão contar com a ajuda de Mateus, um homem que aparece para ajudá-los. Será que eles vão conseguir ?

Escritora: Isabele Alves

Na sequência, expomos o produto educacional desenvolvido pelos estudantes do 9º ano “A”, da Escola Estadual Rui Barbosa, com base nas atividades produzidas ao longo do percurso formativo.

7.2 Exposição da pesquisa: um produto educacional para a comunidade escolar

Anualmente, a Escola Estadual Rui Barbosa realiza uma exposição dos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano letivo. O evento, que acontece no mês de dezembro, tem como objetivo valorizar as produções acadêmicas dos alunos. Dentro desse contexto, propusemos aos discentes apresentar suas produções textuais, por meio de *book trailers,* como forma inovadora de engajar a comunidade escolar e dar visibilidade às atividades realizadas.

Entretanto, apenas três educandos se mostraram dispostos a participar dessa iniciativa: Pâmela, Anna Maria e Gustavo. Juntos, decidimos transformar a sala de aula em um espaço temático, capaz de atrair a atenção dos visitantes e criar uma atmosfera acolhedora. Para tanto, planejamos uma decoração com livros de contos clássicos, que serviram como inspiração e referência para os trabalhos expostos (Figura 27). A ideia era criar um cenário que remetesse ao universo das histórias, com personagens representativos, tapetes coloridos e mesas ornamentadas.

Dentre as sugestões apresentadas, optamos por nomear a sala como “Era uma vez”, expressão que remete à magia e à nostalgia dos contos de fadas. Tal escolha não apenas reforçou a temática da apresentação, mas também convidou os visitantes a mergulharem em um universo de fantasia e criatividade. Ao criar um ambiente acolhedor e visualmente estimulante, acreditamos ter conseguido captar a atenção da comunidade escolar e proporcionar uma experiência memorável, capaz de valorizar o esforço e a dedicação de todos os participantes.

Figura 27 - Sala decorada pelos alunos

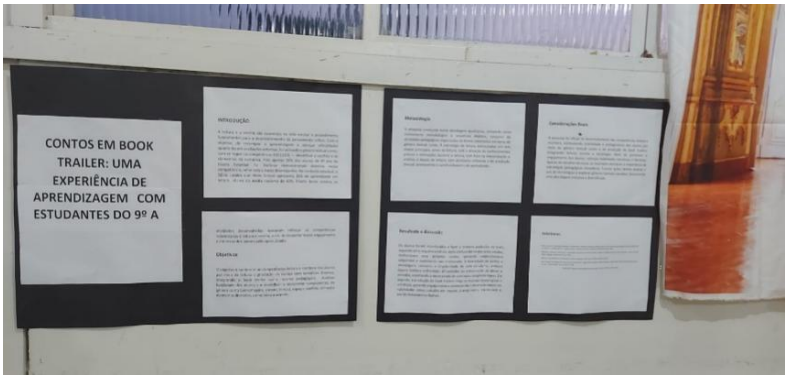


Fonte: Acervo pessoal (2024).

Os estudantes presentes tiveram a oportunidade de apresentar seus contos de suspense/terror em um ambiente temático que, curiosamente, levava o nome de “Era Uma Vez” e estava decorado com elementos clássicos dos contos de fadas (Figura 28). Essa combinação inusitada despertou a curiosidade tanto dos alunos quanto da comunidade escolar, ao criar um contraste intrigante entre a inocência típica das histórias de fadas e a tensão característica do suspense.

Ao explorar essa nova abordagem narrativa, os discentes foram incentivados a exercitar a criatividade e a expressar suas habilidades literárias. Além do mais, promoveram um diálogo enriquecedor acerca das particularidades do gênero literário. A iniciativa, portanto, não apenas potencializou a aprendizagem, como também fortaleceu os vínculos entre os educandos e a comunidade. Desse modo, evidenciamos relevância de eventos que estimulem a imaginação, a criatividade e o engajamento coletivo.

Figura 28 - Exposição do projeto



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Os alunos que se disponibilizaram a apresentar seus trabalhos aos visitantes (Figura 29) foram, surpreendentemente, aqueles que normalmente enfrentam dificuldades de participação nas atividades, devido à timidez ou ao baixo engajamento. Contudo, demonstraram uma notável disposição para compartilhar suas histórias com o público.

A dinâmica da apresentação envolveu a exposição de resumos de três narrativas selecionadas pelos educandos para recontar. Para complementar a experiência, cada história foi acompanhada pela exibição de um *book trailer*, recurso que capturou a atenção dos visitantes e contribuiu para o êxito das apresentações.

A sala recebeu um número expressivo de visitantes, o que evidenciou o interesse pelas apresentações e a receptividade do público. Essa interação fortaleceu a confiança dos discentes, bem como destacou a importância de oferecer espaços onde todos possam se expressar, independentemente de suas inseguranças.

Figura 29 - Explanação do projeto para a comunidade escolar



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A etapa final deste módulo teve como objetivo apresentar à comunidade escolar os resultados do produto educacional (Figura 30), que integra a literatura por meio de sete contos produzidos pelos educandos. Os textos foram elaborados de maneira integrada, com o uso de recursos digitais que permitiram aos estudantes explorarem ferramentas para a criação de *book trailers*.

Para viabilizar essa produção, diversos módulos foram desenvolvidos ao longo do processo formativo. Neles, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer

contos clássicos da literatura brasileira, realizaram interpretações e analisaram aspectos narrativos, o que contribuiu para o aprofundamento da compreensão literária.

Figura 30 - Apresentação à comunidade escolar



Fonte: Acervo pessoal (2024).

De modo geral, a proposta de produzir *book trailers* como ferramenta de divulgação das produções literárias representou uma abordagem eficiente para mobilizar e conectar a comunidade escolar em torno da leitura. Além do mais, valorizou o eixo leitura de forma criativa e contemporânea. A iniciativa, destarte, não apenas destacou a produção literária dos discentes, bem como enriqueceu o ambiente escolar. Dessa forma, transformou a leitura e a produção textual em práticas dinâmicas e acessíveis tanto aos visitantes quanto aos futuros leitores desta dissertação.

Por fim, disponibilizamos os *book trailers* produzidos pelos estudantes no contexto desta investigação. O material pode ser acessado por meio dos links: https://drive.google.com/file/d/1LPyqVLwSIvbuI4yHLzk4jwDkJ_CvfMOy/view e https://youtu.be/pXvGuaTaVZc, para que possam conhecer e apreciar o resultado dessa experiência pedagógica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo propiciado pelo PROFLETRAS, afirmamos que essa experiência trouxe uma valiosa bagagem de conhecimento para a minha vida profissional, permitindo-me revisar conceitos sobre literatura. Essa área do conhecimento possui o poder de influenciar os discentes a refletirem melhor sobre suas ações e a compreenderem o mundo sob a ótica dos escritores brasileiros. Tais autores abordam temas que permeiam o imaginário coletivo, transportam os leitores para a época em que os textos foram produzidos e apresentam cenários, personagens e enredos carregados de emoção.

O objetivo principal desta investigação foi desenvolver as competências leitora e escritora dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, através da leitura e da produção de contos com temáticas diversas. Para isso, utilizamos a ferramenta *book trailer* como recurso pedagógico, visando enriquecer o repertório cultural e a comunicação dos estudantes. A proposta foi aplicada junto à turma do 9º ano “A”, da Escola Estadual Rui Barbosa, e conduzida por intermédio da leitura de textos selecionados, seguindo a estratégia de leitura proposta por Isabel Solé (2014), estruturada em três momentos: antes, durante e depois da leitura. Quanto à produção dos contos, utilizei a sequência didática elaborada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Para fundamentar as produções textuais, adotei uma sequência de análise composta por cinco contos selecionados para esta pesquisa. O objetivo foi proporcionar aos alunos a oportunidade de explorar as características do gênero, com foco em sua estrutura e nos elementos narrativos bem definidos, como personagens, enredo, tempo e espaço.

Ao analisar as produções finais dos educandos, percebi a consolidação do aprendizado. Eles souberam produzir seus textos utilizando, de forma adequada, os elementos estruturais do conto. As sete produções recebidas apresentaram uma estrutura bem delimitada, o que evidencia que o objetivo proposto foi alcançado.

Durante a implementação da pesquisa, observei uma significativa resistência por parte dos estudantes em relação à participação nas produções textuais. Tal cenário exigiu um esforço considerável para estimular o interesse pela atividade. Alguns discentes que participaram da primeira produção em grupo optaram por não

dar continuidade ao trabalho. Para outros, foi necessário entrar em contato com seus responsáveis, a fim de viabilizar a conclusão da atividade.

No que se refere às produções finais, confesso que fiquei satisfeita com os textos elaborados pelos educandos. No entanto, é importante destacar que esses textos foram produzidos, em sua maioria, por estudantes que têm o hábito da leitura, o que reforça a ideia de que quem lê, escreve melhor. É o caso das discentes Isabele e Gabriely, e, em menor medida, do aluno Maxwel, que também demonstra apreço pela leitura. Devido à extensão das produções que se dispuseram a escrever, considerei oportuno solicitar que digitarem seus textos.

As atividades voltadas à produção dos *book trailers* representaram um desafio adicional, pois não despertaram grande interesse nos educandos. Apesar de muitos demonstrarem facilidade com as mídias digitais, o que poderia facilitar o processo, alegaram que a elaboração era complicada e trabalhosa. Ainda assim, pude contar com o apoio da aluna Gabriely, que possui domínio em tecnologia e se dispôs a auxiliar os colegas na elaboração dos vídeos que compõem o produto final desta pesquisa. Quanto aos textos produzidos pelos participantes, considero que seria interessante organizá-los em formato de livro, com encadernação, e promover uma noite de autógrafos na escola, visto que os resultados obtidos foram realmente muito bons.

Portanto, esta pesquisa revela que organizar um trabalho com literatura em formato de projeto, no qual os discentes protagonizam várias atividades para além da leitura, pode resultar em uma experiência de excelência, ainda que desafiadora. Ao aliar a literatura às tecnologias digitais e selecionar textos clássicos, é possível garantir a participação ativa e autônoma dos estudantes, além de contribuir para a superação de dificuldades evidenciadas em avaliações externas. Desse modo, consideramos que os todos os objetivos propostos nesta investigação foram alcançados com um certo nível de sucesso. O desejo maior, contudo, é que possamos transformar a tarefa de lidar com o texto literário em prazer, conquista e avanço.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL – Difusão Cultural do Livro, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikail. **A estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOSI, Alfredo. **Conto Brasileiro Contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAED. **Plataforma de Avaliação e Monitoramento da Educação do Mato Grosso**, 2023. Disponível em: https://avaliacaoemonitoramentomatogrosso.caeddigital.net/#!/pagina-inicial. Acesso em: 13 abr. 2024.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males - Revista do Departamento de Teoria Literária**, [*S. l.*], p. 81-89, 1999. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701. Acesso em: 19 jul. 2023.

CENA Sonora - Rádio Novela “A Cartomante” - Parte 1, 2009. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Pé na Jaca. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XYKR2aDrj_4. Acesso em: 10 fev. 2024.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global Editora, 2007.

COOK, Alicia. **Como Escrever uma História de Aventura**. 2016. Disponível em: https://pt.wikihow.com/Escrever-uma-Hist%C3%B3ria-de-Aventura. Acesso em: 10 mar. 2024.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Tradução: Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1995.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Language, Context, and Text**: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 1985.

INEP. **Censo Escolar**. QEdu, 2023. Disponível em: https://qedu.org.br/escola/51003562-ee-rui-barbosa. Acesso em: 10 abr. 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas/SP: Papirus, 2013.

KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (org.). **Multiletramentos e multimodalidade**: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

KLEIMAN. Angela. **Oficina de Leitura**: teoria e prática. 9. ed., Campinas, SP: Pontes. 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever estratégias de produção textual**. Contexto, 2012.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Leitura rarefeita**: leitura e livro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LOURDES, Maria de; MATENCIO, Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1994.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador de leituras literárias. *In*: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (org.). **Literatura**: ensino

fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre leitura**: Trilogia Pedagógica. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 4. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 4. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 2005.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma abordagem psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Claudia Schilling; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo. Cortez, 2011.

TODOROV, João Cláudio. O conceito de contingência na psicologia experimental. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, [*S. l.*], v. 7, n. 1, p. 59-70, 2012. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17107/15593. Acesso em: 10 mar. 2024.

VENHA ver o pôr-do-sol (Parte 1-2), 2009. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Tocha Trezza. Disponível em: https://youtu.be/igISfKYbVHE. Acesso em: 10 fev. 2024.